

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS DE UM GRUPO INESQUECÍVEL

João Ribeiro da Silva Neto



Conjunto

Big Brasa

50 Anos Inesquecíveis!

1 9 6 7 – 2 0 1 7

Conjunto Big Brasa 50 Anos Inesquecíveis!

A história de um período verdadeiramente espetacular para todos
aqueles que vivenciaram os Anos 60 e a Jovem Guarda!
Um marco de 50 anos de Música da existência e sucesso de um grupo musical!

1967 - 2017



João Ribeiro da Silva Neto (Beiró)

PREFÁCIO

O Conjunto Big Brasa iniciou suas atividades oficialmente em abril de 1967, no auge da Jovem Guarda, um dos maiores movimentos da Música Brasileira, período marcante no cenário musical de Fortaleza e que se tornou inesquecível para todos aqueles que o vivenciaram. Durante toda a sua existência, nas décadas de 1960 e 1970, o Big Brasa marcou presença significativa em todos os locais onde esteve e permanecerá sempre em nossas lembranças. A dedicação, o entusiasmo e a empolgação de seus componentes consistiram um fator importante para sua evolução, desenvolvimento e sucesso.

Você irá conhecer o que houve de mais relevante na história do Conjunto Big Brasa, como detalhes técnicos sobre equipamentos da época, música e tecnologia. Poderá também apreciar um quadro histórico sobre a música em Fortaleza, seus principais clubes, grupos musicais e a televisão cearense. Conhecerá parte de nosso acervo, como notas da imprensa, matérias publicadas, além de episódios pitorescos sobre o Big Brasa. São relatos simples, porém com todas as emoções de quem começou a trabalhar cedo e que sempre foi apaixonado por música, pelo profissionalismo no trabalho musical e engrandecimento da profissão. Procure desfrutar o máximo possível e entender todos os acontecimentos, tendo por base os parâmetros existentes nos anos em que eles ocorreram, ou seja, com as dificuldades do momento, o ímpeto da juventude, a falta de experiência em decorrência da idade.

Ao falar sobre a existência e a evolução do Conjunto Big Brasa também são narrados aspectos sobre a profissão de Músico, as viagens e excursões realizadas pelo grupo e as inúmeras funções musicais (festas, shows e participação em importantes festivais). O livro trás ainda várias passagens marcantes e inéditas do Big Brasa, depoimentos de amigos, os quais passam a fazer parte da História da Música cearense deste período inesquecível para todos nós e da cultura musical.

Destaca também a intensa participação do Conjunto Big Brasa na televisão cearense e explica os fatores de uma rápida evolução e sucesso obtidos em Fortaleza, como no interior cearense e também em muitas cidades do nordeste brasileiro. Foram inúmeras situações vividas durante nossa jornada, muitos desafios e perigos enfrentados. Todos nós começamos a trabalhar ainda muito jovens, com muito entusiasmo e dedicação pelo que fazíamos. Certamente essas circunstâncias nos trouxeram mais responsabilidade e equilíbrio para a vida.

Não há uma rigorosa ordem cronológica dos fatos narrados. Do conjunto musical Big Brasa existem muitas imagens em fotografias e alguns filmes de eventos. No decorrer da leitura você encontrará vários flashes referentes à música, ao Conjunto Big Brasa e episódios diversos, os quais, de maneira direta ou indireta remeterão avisos para as áreas mais remotas de nossa memória e certamente trarão lembranças agradáveis. Um sonho foi realizado e a partir de agora vamos relembrar juntos fatos marcantes. e uma seção com depoimentos de amigos. Prepare-se para uma viagem no tempo!

DEDICATÓRIA

Dedico todas essas lembranças à minha família, em especial aos meus saudosos pais Alberto Ribeiro e minha mãe Francisca Amasile (Zisile), os quais deram todo o apoio e incentivo em nossa vida musical.

De modo especial ofereço estes registros para minha mulher Aliete Lima e Silva, que comigo partilhou grande parte de minha vida musical, que sempre me incentivou, compreendeu as dificuldades e me auxiliou no decorrer de meu exercício profissional como músico. E aos meus queridos filhos Alberto Neto e Cristiane e carinhosamente aos netos João Pedro, Isabela e Bárbara.

Ofereço estas lembranças também a meus demais familiares, primos e amigos que hoje se encontram mais distantes fisicamente, mas que partilharam de nossa vida de forma intensa.

De igual forma dedico estas lembranças aos componentes da Família Big Brasa, com todos os músicos integrantes, aos auxiliares que estiveram conosco, desempenhando suas funções com dignidade, esforço, sacrifício e amor pela música. E principalmente aos nossos inúmeros fãs, que acompanharam a existência do Conjunto Big Brasa nestes últimos 50 anos de uma existência musical inesquecível em nossa vida.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

É oportuno agradecer em primeiro lugar a Deus e a nossos guias espirituais por terem nos protegido dos percalços que rondaram nossa vida musical nestes últimos 50 anos. E na oportunidade renovar especiais agradecimentos a meu pai, Alberto Ribeiro da Silva e à minha mãe, Francisca Amasile Pereira da Silva, a Dona Zisile, pelo incentivo, ajuda constante e incondicional em toda a minha vida musical desde criança e durante meu forte envolvimento com a Música. Eles sempre estarão presentes em minha vida e eternamente em minhas lembranças.

De modo particular agradeço à minha mulher Aliete por tudo que compartilhamos neste período inesquecível. E formalizo sinceros agradecimentos a todos aqueles que, como músicos e amigos, conosco estiveram nestes anos de intensa felicidade.

“Um amor, uma arte, um significado na vida que a Música me proporcionou. A percepção do profissionalismo, que despontou em mim desde a infância, as diferentes nuances da vida musical, com as necessidades de constantes inovações fizeram com que a existência do Conjunto Big Brasa engrandecesse a todos nós de uma forma plena”.

João Ribeiro da Silva Neto (Beiró)

SUMÁRIO

01. “50 anos inesquecíveis”	08
02. O Conjunto Big Brasa	08
03. Os ensaios do Big Brasa	09
04. A presença marcante do Mestre Alberto	10
05. O Big Brasa se apresenta antes da estreia	11
06. Nossas primeiras guitarras	11
07. O uso do contrabaixo	11
08. A tão esperada estreia	12
09. Participantes do Conjunto Big Brasa	13
10. As tertúlias no Balneário Clube de Messejana	13
11. Divulgação e primeiras apresentações.....	14
12. Os restaurantes da Avenida Beira-mar	14
13. O primeiro baile de 15 anos	15
14. Festa de 15 anos no Bairro de Fátima	15
15. Tertúlias na Sociedade Bairro de Fátima	15
16. Os shows na Escola Normal	16
17. As matinais do Clube de Regatas	17
18. As tertúlias em Mondubim	17
19. Os programas de rádio	17
20. Rádio Dragão do Mar	18
21. Ceará Rádio Clube	18
22. A evolução das contratações	18
23. O primeiro telefone do Big Brasa	19
24. Um vestuário sempre elegante	19
25. A profissionalização	20
26. Contratos e horários	20
27. Profissionalismo - uma palavra fundamental	21
28. O estilo de repertório do Big Brasa	22
29. A importância dos roteiros musicais	22
30. As músicas de alguns roteiros	23
31. A inclusão de músicas antigas no repertório	24
32. Verdadeira obra de arte e paciência	25
33. Fortaleza e os clubes da época	25
34. O Big Brasa no Clube Líbano Brasileiro	26
35. Alguns “riffs” para animar o pessoal	26
36. Um tema musical pesado de muito sucesso	27
37. Os Festivais na cidade de Fortaleza	27
38. A Jovem Guarda em Messejana	28
39. O Balneário Clube de Messejana	28
40. Marcas de preconceito	29

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS DE UM GRUPO INESQUECÍVEL

41. O primeiro aniversário do Big Brasa	30
42. A ala feminina do Big Brasa	31
43. Promoções realizadas pelo Big Brasa	31
44. Outras comemorações de aniversário	31
45. Registro de apresentações - o mapa sumido	32
46. O Conjunto Big Brasa pelo interior do Ceará	32
47. A festa em São Benedito	33
48. Em Várzea Alegre.....	34
49. Viagens para outros estados	34
50. A primeira excursão do Big Brasa	34
51. As animadas festas em Caxias, Maranhão	35
52. Um verdadeiro “ladrão” na guitarra!	35
53. Big Brasa em São Luís do Maranhão	36
54. A temporada em Balsas, Maranhão	36
55. E as cordas de guitarra?	37
56. A acertada crítica do Leonizar	38
57. Contratos para Carolina, Maranhão.....	38
58. As festas em Teresina, Piauí	40
59. Shows em Parnaíba, Piauí	40
60. Presença em Mossoró, Rio Grande do Norte	41
61. O acervo do Big Brasa	41
62. Uma crônica sobre o Conjunto Big Brasa!	42
63. “Big Brasa, excelente conjunto musical dirigido por um joseense”	43
64. “Big Brasa retorna quente de São Luís: Música Jovem”	43
65. “Big Brasa em Teresina”	44
66. Os Festivais Nordestinos da Música Popular	44
67. Transmissão ao vivo para o Norte e Nordeste	45
68. A torcida e as vaias para os concorrentes	45
69. Equipamentos e as dificuldades da época	46
70. O “embaixador” do Big Brasa em São Paulo	46
71. Os amplificadores e as caixas de som	47
72. O amplificador Delta	48
73. O amplificador “Tremendão”	49
74. O “Reverber”	49
75. O amplificador True Reverber (Gianinni)	50
76. A caixa de som e amplificador Alex	50
77. Concertos de emergência e as improvisações	50
78. Os cabos e as extensões, sempre problemáticos	51
79. A famosa “mala-da-cobra”	51
80. A primeira bateria do Conjunto Big Brasa	52
81. A bateria Pinguim	52
82. A primeira distorção em Fortaleza	52
83. Mais novidades com os pedais “wah-wah”	53
84. Modificações na minha guitarra	54

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS DE UM GRUPO INESQUECÍVEL

85. O primeiro órgão eletrônico	55
86. A utilização de sintetizadores, com seus múltiplos recursos	56
87. A participação dos “metais” no conjunto	57
88. O prefixo “Assim falou Zaratustra”	57
89. Transportes do Big Brasa	58
90. Os jipes 1951	58
91. A Rural e seus motoristas	59
92. A Rural do Big Brasa	59
93. A Kombi Big Brasa	60
94. A Chevrolet de duas cabines	60
95. A presença do Big Brasa na televisão cearense	61
96. O programa “Show do Mercantil”	61
97. A seleção de calouros	62
98. Nosso encontro com o Rei do Baião	62
99. O programa “Studio 2”	64
100. A repercussão do Big Brasa no interior do Ceará	66
101. O Conjunto Big Brasa em excelente fase	67
102. Big Brasa - Conjunto revelação de 1971	67
103. Big Brasa entre os melhores do Rádio e da TV	68
104. Uma recompensa merecida	68
105. Os shows com o Ednardo	69
106. A inauguração do Ginásio Paulo Sarasate	70
107. Imagens perdidas de um festival de rock	71
108. Os melhores conjuntos musicais de Fortaleza	72
109. A febre do iê-iê-iê	72
110. A rápida evolução do Big Brasa	73
111. O Big Brasa e os Faraós	73
112. A comemoração “20 Anos de Embalo”	75
113. Notas de imprensa.....	75
114. O livro “O Big Brasa e minha vida musical”	78
115. Preparação e o lançamento do livro	78
116. “O Big Brasa e minha vida musical”	81
117. Detalhes inéditos!.....	81
118. Novidades e atualizações	82
119. Presença nas redes sociais!	82
120. Um grupo no Facebook	82
121. Encontros musicais com amigos	83
123. Homenagens à “Família Big Brasa”	83
124. Integrantes e colaboradores do Big Brasa	83
125. Depoimentos que muito nos honram	92

50 ANOS INESQUECÍVEIS

Em 1999, com o título “O Big Brasa e Minha Musical – Anos Dourados”, narrei minhas relações com a música desde a infância. Após 18 anos do lançamento deste livro surgiu a necessidade de acrescentar fatos novos à história deste grupo musical que marcou época em Fortaleza, no interior do Ceará e algumas cidades nordestinas, com interessantes aspectos desse período que todos consideramos inesquecível.

Em 2017 o Conjunto Big Brasa completa oficialmente 50 anos de fundação, com muitas lembranças inesquecíveis. Fui um de seus idealizadores e exerci as funções de guitarrista-solo e líder musical deste conjunto musical. Estes relatos são uma homenagem especial ao grupo e a todas as pessoas que conosco compartilharam as diversas experiências. Eles trazem lembranças importantes, depoimentos de ex-integrantes do grupo e amigos que ainda hoje convivem conosco.

Agora com o título “**Conjunto Big Brasa – 50 anos inesquecíveis**”, estamos de volta após 50 anos de ligação com a música. Nós que participamos do Conjunto Musical Big Brasa vivemos um período espetacular, pois conseguimos realizar nossos primeiros sonhos e os transformar em uma realidade palpável, conhecida e apreciada por centenas ou milhares de pessoas. Afirmo que pequenas e eventuais decepções decorrentes do trabalho musical nunca nos desanimaram. Os contratempos e alguns imprevistos não impediram que as inúmeras vitórias e o sucesso obtidos chegassem a nós e enriquecessem nossa existência. Independentemente do caminho seguido pelos participantes do Conjunto Big Brasa ou das pessoas que estavam nossa volta, tudo o que passamos fortaleceu muito nossos espíritos. A vivência adquirida, os perigos enfrentados, as descobertas feitas, as experiências, os obstáculos superados, tudo isso nos fez muito bem.



O CONJUNTO MUSICAL BIG BRASA



A ideia inicial de formar um conjunto musical surgiu em conversa com os colegas de Messejana, em Fortaleza, Ceará. Com a aprovação de meus pais nós começamos os preparativos. Os primeiros ensaios do grupo foram realizados em nossa própria residência. Tínhamos que ser autodidatas, cada um descobrindo as nuances de seu instrumento e desenvolvendo as habilidades pouco a pouco. A pequena sala tinha as paredes todas pintadas com desenhos coloridos, feitos com tinta a óleo. Nela desenhávamos de tudo: guitarras, pistas de corrida e até mesmo o famoso personagem Amigo da Onça,

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

este feito pelo Carló (meu primo e primeiro contrabaixista do Big Brasa (in memoriam). Os nossos pequenos equipamentos, amplificadores e gravadores, nós montávamos de modo a formar uma parede de som. Aquele ambiente era nosso mundo musical!

Vale destacar que o nome do conjunto foi sugerido pelo nosso primeiro baterista, Severino Tavares. Em uma conversa sobre qual seria o nome do conjunto ele disse repentinamente: - “Pode ser Big Brasa”. Todos nós ficamos contentes com aquele nome e deste modo, com a aprovação unânime foi rapidamente escolhido o nome Conjunto Big Brasa. Além do nome do grupo o Severino também teve sua opinião aceita quanto ao prefixo And I Love Her (The Beatles), música que iniciávamos e encerrávamos nossas apresentações. E assim mais ensaios foram ocorrendo: a vontade e o entusiasmo pela música cresciam rapidamente em todos nós, evidenciando uma ansiedade de se apresentar para a sociedade.



E assim, com as primeiras músicas ensaiadas e um grupo definido nascia então o Conjunto Big Brasa em abril de 1967! Sem intenção, nós projetávamos o que iria acontecer em um futuro breve...

OS ENSAIOS DO BIG BRASA

Os ensaios se tornaram frequentes e evoluíram ao longo da existência do Conjunto. Passaram a se realizar na garagem de nossa casa, o pessoal que passava na rua sempre parava e ficava assistindo, pois os muros ainda eram baixos nas residências, em razão da tranquilidade na pacata Messejana daqueles tempos.

Passados quase 50 anos, de vez em quando algumas pessoas, para nossa admiração, ainda associam e fazem referências ao local, dizendo: “É ali, perto do Big Brasa!” E mais incrível ainda é que inúmeras vezes sou reconhecido por pessoas nos mercantis, “shoppings” e outros locais. Elas chegam e perguntam coisas do tipo: “você não é aquele do Big Brasa?”... Eu fico feliz quando isso ocorre e informo as redes sociais que nosso Big Brasa ainda está presente!

Muitas vezes passávamos dias inteiros plenamente envolvidos com as músicas e o ensaio. Consequentemente, toda a alimentação do pessoal ficava por conta de meus pais. Naquele tempo eu não percebia nada disso, com certeza pela falta de experiência natural da juventude. Nunca tinha pelo menos imaginado o custo de um dia de ensaio para todo mundo, em se tratando de alimentação e trabalho por parte de todos aqueles que se envolviam, particularmente de minha mãe Zisile, que se preocupava para não faltar nada para o grupo. Somente alguns anos depois que descobri que tudo aquilo devia certamente pesar no orçamento de meus pais, além

de ser trabalhoso, pois envolvia a participação direta e indireta de todos de casa, no desejo de atender bem e de que o conjunto se firmasse.

Um detalhe importante, merecedor de registro, é que meus pais preferiam que nossa turma toda se reunisse em casa nos cafés das manhãs, depois da volta das viagens, objetivando manter a unidade do grupo. Muitas e muitas vezes chegávamos de viagem e a mesa estava pronta, com café, pão, bolos, suco de frutas e tudo mais que a mamãe conseguisse preparar. Tal fato pode hoje ser analisado por dois aspectos: o da segurança, se é que eles queriam observar como o pessoal tinha retornado; e também o de proporcionar uma reposição de energia necessária a jovens de nossa idade, em vista do sacrifício de uma noite inteira sem dormir e com alimentação muitas vezes precária.

A PRESENÇA MARCANTE DO MESTRE ALBERTO

Alberto Ribeiro da Silva, meu pai (in memoriam). O Mestre Alberto, como alguns o chamavam, teve presença marcante no Big Brasa. Apreciador fanático da boa música independente do estilo tinha uma preferência pelos Beatles e Rolling Stones! Mesmo sem conhecimentos teóricos e práticos, sempre demonstrou ter bom ouvido musical. Como ele próprio dizia, quando alguma coisa estava errada ele notava imediatamente. Acompanhou o Conjunto Big Brasa



por três anos, até que eu completasse minha maioridade. Nas festas ele ficava circulando, ouvindo o som do conjunto dos diferentes pontos do clube para nos informar como estava. Volta e meia trazia elogios recebidos, mas às vezes eventuais reclamações, quase sempre de diretores do clube, solicitando que baixássemos o volume de som do grupo. Exerceu fundamental papel como orientador do conjunto, uma espécie de guru. Apesar de ser um ardoroso apreciador da música, sempre alertava para o fato de que o conjunto poderia “não dar camisa a ninguém” – expressão que utilizava - querendo dizer que deveríamos estudar para ter outra profissão no futuro, em virtude das dificuldades que alguns músicos encontram para sobreviver apenas da música no Brasil.

Da mesma forma registro a importante participação de minha saudosa mãe, a Dona Zisile (in memoriam) como era chamada por todos, pelo especial tratamento que dispensava aos integrantes do Conjunto em nossa casa. Sempre muito carinhosa com todos nós, como todos fizessem parte de uma grande “Família Big Brasa”. Nos ajudou muito e com toda boa vontade ao adquirir em São Paulo a segunda bateria para o Conjunto Big Brasa. Para a realização do primeiro aniversário do grupo ela colaborou com o evento fazendo a doação de uma máquina de costura profissional, para ser sorteada durante as festividades, realizadas em 1968 no Balneário Clube de Messejana com a participação de 10 (dez) conjuntos musicais. Com muito gosto pelo Big Brasa, minha mãe Zisile chegou a escrever um caderno inteiro com as principais letras das canções dos Beatles, para nos ajudar, tendo em vista que possuía boa

formação em Inglês. Inúmeras passagens que lembro, das quais possuo alguma documentação foi graças às providências dela, que cuidadosamente guardava todos os recortes de jornais e fotografias do Conjunto Big Brasa.

Assim ficam aqui registrados para nossa família os créditos pelo acervo hoje existente sobre o Conjunto Big Brasa à minha mãe, Francisca Amasile Pereira da Silva, a Dona Zisile. Trabalho que posteriormente foi por demais valorizado por mim, com o máximo de interesse possível, a fim de compartilhar todo o material com todos que participaram daquele período. Um material de valor inestimável para mim, que em muito favoreceu à manutenção e o compartilhamento da história para nossa cultura musical.

O BIG BRASA SE APRESENTA ANTES DA ESTREIA

Antes da estreia oficial, a primeira apresentação do Big Brasa foi realizada na residência do empresário e ex-deputado Paulo Benevides. Fomos para a pequena apresentação, montamos todo o nosso pequeno instrumental e tocamos algumas músicas para receber o que seria um tipo de aprovação oficial daquela família tradicional de Messejana.

Ao final das músicas recebemos os aplausos da plateia e os parabéns para todos nós, que significavam a aprovação, ou seja, um aval para nosso grupo. Na verdade, naquele dia não me importei muito com o fato, visto que só me interessava formar logo o conjunto e começar a tocar...

- Nossas primeiras guitarras

Minha primeira guitarra foi uma Giannini, de cor vermelha. Posteriormente outras guitarras e um contrabaixo foram adquiridos pelo Big Brasa dos Rataplans. Eram instrumentos de fabricação caseira, bem construídos, leves, que deveríamos ter mantido até hoje, quando seriam verdadeiras relíquias musicais. Com parte destes instrumentos faríamos nossa grande estreia, no Balneário Clube de Messejana. A renovação de nosso equipamento transcorreu de forma gradual e contínua nos anos seguintes, de acordo com nossas possibilidades financeiras e evolução do conjunto que trouxe um progressivo aumento do número de contratos.

- O uso do contrabaixo

Para aqueles que são leigos ou não têm muita percepção musical, a falta de um contrabaixo em um conjunto é mais ou menos como a falta de um goleiro em um time de futebol (uma comparação nada sutil). Quando a gente está tocando uma música e o contrabaixo para de funcionar, por algum motivo, ou deixa de tocar algumas notas, sentimos um vácuo, um vazio, uma sensação ruim. Quando ele volta a música se transforma, fica mais harmoniosa e tudo continua bem. O contrabaixista tem que ser uma pessoa ligada. No pode faltar nem por poucos instantes. Por pouco tempo nós do Big Brasa, pela inexperiência, chegamos a nos apresentar sem

contrabaixo. No início, acostumados que estávamos a cantar apenas com o acompanhamento de violão, a substituição pelas guitarras foi aceita com entusiasmo e não se notava muito a falta de um contrabaixo pelo próprio desconhecimento de sua necessidade. Ainda bem que foi pouco tempo sem contrabaixo. Na verdade depois que se acostuma pelo menos por uma vez a tocar com a marcação e com a harmonia por ele proporcionadas não se consegue mais retornar situação anterior. A entrada do contrabaixo no Big Brasa foi incentivada pelo grande amigo e saudoso Barretinho (in memoriam), excelente músico, saxofonista, guitarrista e vocalista dos Rataplans. Ele insistiu com o meu pai, dizendo que o contrabaixo era a alma de um conjunto e que não se podia tocar sem ele. Dai para frente tudo mudou!

Vale dizer que nas próprias gravações iniciais dos anos 60, o contrabaixo não era destacado como merecia. Ouvia-se seu som e sua marcação, mas os destaques e maior presença do instrumento nos arranjos musicais vieram mais tarde. Hoje a gente percebe que algumas músicas que caracterizaram a Jovem Guarda, na época do iê-iê-iê, por exemplo, tinham aquele sonzinho de lata, se comparado à qualidade do que temos em som na atualidade.

A TÃO ESPERADA ESTREIA

Lembro bem da primeira festa, da estreia do Conjunto Big Brasa no Balneário Clube de Messejana. Passamos o mês inteiro nos preparando, ensaiando as músicas que fizeram parte de nosso primeiro repertório. No dia “D” amanheci com muita ansiedade, gerada pela expectativa do evento. Afinal de contas seria uma apresentação pública e teríamos que animar uma tertúlia, uma responsabilidade e tanto para todos nós, iniciantes no Big Brasa.

À noite, todos os componentes do Conjunto Big Brasa, com a indumentária escolhida para a estreia, esperaram na secretaria do clube pela hora do início da festa começar. Seria uma surpresa do visual do grupo aos presentes no Clube. Eu estava sentado em um banquinho, muito nervoso. Quando chegou a hora “H”, ouvimos alguém anunciar a entrada do conjunto. Então nos dirigimos até o palco, que ficava de frente para a conhecida e bela Lagoa de Messejana. Fomos bastante aplaudidos naqueles momentos!

Começamos a tocar o prefixo, And I Love Her, dos Beatles! Com a guitarra e as mãos trêmulas começava ali o meu primeiro solo em público! Pelo nervosismo, não enxergava praticamente ninguém. Minutos depois todos nós sentimos mais firmeza, em parte também motivada pelos aplausos do público presente e o impacto inicial da estreia foi sendo aos poucos superado.

A estreia foi muito significativa para todos nós. Porém um pouco mais preocupante para mim, por liderar o grupo no que diz respeito a mudanças de músicas, sequencia do repertório, além da preocupação em tocar o próprio instrumento. Mas com o tempo todos nós adquirimos mais segurança e aquele nervosismo natural foi

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

gradualmente desaparecendo, o que nos possibilitou enfrentar apresentações de qualquer proporção com tranquilidade.

PARTICIPANTES DO CONJUNTO BIG BRASA

O Conjunto Big Brasa adotou uma filosofia, cuja ideia foi transmitida a mim por meu pai Alberto Ribeiro e que eu viria a adotar durante toda a sua existência. Basicamente o princípio era a de preferir músicos pelas suas qualidades pessoais, de conduta, educação, comportamento e responsabilidade, do que tê-los por sua competência e por suas habilidades como instrumentista. No início éramos quase todos estudantes secundaristas ou pré-universitários. Isso significava dizer que sempre para nós era preferível ter uma equipe mediana, mas que bem cumprisse sua missão, do que ter um grupo fantástico, tecnicamente, mas, por exemplo, que fosse irresponsável no cumprimento de horários, comportamento, entre outros aspectos. Nunca nos arrependemos de ter adotado e mantido este sistema. O Big Brasa sempre teve uma equipe de músicos excelente, que formava um verdadeiro Conjunto, dentro da ética e do profissionalismo e principalmente da dedicação contínua do aprendizado.

AS TERTÚLIAS NO BALNEÁRIO CLUBE DE MESSEJANA

No Balneário foram inúmeras as apresentações feitas pelo Conjunto Big Brasa. Nas primeiras tertúlias, por ideia de meu pai, o Mestre Alberto, durante o intervalo, eu e o Carló saíamos de mesa em mesa tocando com Escaleta e violão as músicas de maior sucesso no momento, sendo que uma delas era Les Marionettes, do Herbert Albert. Escaleta, para quem não conhece, é um instrumento musical com um pequeno teclado, de tamanho reduzido, que tocado soprando em um orifício ou tubo que se conecta a ela conectado.



Balneário Clube de Messejana

Além das tertúlias, tocávamos matinais e vesperais. Em 1969 chegamos a tocar um carnaval inteiro no Balneário Clube de Messejana. Contratamos mais alguns músicos,

para instrumentos de sopro e de percussão e fizemos quatro bailes carnavalescos, atendendo perfeitamente as expectativas.

Como sempre o Balneário Clube de Messejana, ao longo da existência, através de quase todas as suas diversas diretorias, nos convidava sempre para prestigiar a prata da casa e nos promover, o que significava na realidade tocar mais barato. O que leva ao conhecido ditado: “Santo de casa não obra milagres”, fato que viria a se repetir outras vezes.

DIVULGAÇÃO E PRIMEIRAS APRESENTAÇÕES

Como o Conjunto Big Brasa necessitava de divulgação para seu desenvolvimento, uma das fórmulas encontradas foi a de nos apresentar em restaurantes na Avenida Beira-mar de Fortaleza. Nesses locais a propaganda pela própria exposição era rápida, pois as músicas da Jovem Guarda e dos Anos 60, tocadas com as novidades das guitarras faziam muito sucesso!

- Os restaurantes da Avenida Beira-mar

Nos primeiros meses após a estreia, o Conjunto Big Brasa conseguiu alguns pequenos contratos para tocar em restaurantes na avenida Beira-Mar, em Fortaleza. Dentre eles o Bayuca e posteriormente também outros na Praia do Futuro. Para nós, apesar do rendimento daquelas apresentações ser insignificante, o interesse era a divulgação do Big Brasa. Na realidade ganhávamos muito pouco. O conjunto recebia uma quantia que dava para o pagamento do transporte e para um minúsculo cachê para cada músico.

Nessas tocatas o conjunto ficava muito exposto ao público, quase sempre em um local sem proteção adequada, com os microfones de vez em quando sendo derrubados por garçons ou clientes, cabos de áudio e extensões elétricas pisados e todas as desvantagens de se trabalhar com instrumentos musicais e equipamentos elétricos sem estar em um palco. Ao final da apresentação recebíamos uma refeição completa do restaurante, com refrigerantes. O esquema naquele tempo para quem estava iniciando era este mesmo, não tinha outra saída. Para não passarmos em branco os sábados à noite ou matinais aos domingos era pegar ou largar, como se diz. O que procurávamos era a promoção do conjunto, aparecer para o público e tornar o Big Brasa conhecido em Fortaleza.

Com pouco tempo nosso trabalho de divulgação surtiu efeito. Começamos a receber contratos para festas particulares de 15 anos, verdadeira moda naquele tempo e também de clubes diversos de Fortaleza. Assim, felizmente, pudemos deixar de lado os tais contratos com restaurantes. O nosso objetivo tinha sido atingido: divulgar o nome do Conjunto Big Brasa.

- O primeiro baile de 15 anos

O primeiro baile de 15 anos foi tocado na Associação Atlética do Banco do Brasil, em Fortaleza. O Conjunto Big Brasa para esta ocasião usou um traje especial, com calças pretas, camisas de seda branca, com destaques em bordado e uma faixa vermelha de veludo na cintura. O conjunto, por iniciativa de meu pai, levou um ramalhete de rosas e um presente para a aniversariante. Note que essas pequenas atitudes repercutiam muito e ajudavam a construir uma excelente imagem para nosso conjunto. O repertório estava bem organizado, com nosso instrumental completo e um vestuário impecável (vale dizer que o grupo trocava de roupas duas vezes durante a festa, o que sempre impressionava os presentes). O Big Brasa já começava a se estruturar. Muito importante nesse período era o entusiasmo e a boa vontade da parte de todos, na ânsia de aprender mais e progredir no cenário artístico fortalezense. Nessa época a música, a guitarra e o conjunto não saíam de meu pensamento.



- Festa de 15 anos no Bairro de Fátima

Outra apresentação do conjunto em seu início foi em uma festa de aniversário de 15 anos, em uma residência no Bairro de Fátima. O pai da garota contratou o Conjunto Big Brasa com a maior empolgação, pois a Jovem Guarda e o iê-iê-iê eram a febre do momento. O pessoal curtia mais por causa da novidade, do tipo de música, do som das guitarras. Eu tinha apenas 15 anos de idade e meu pai, Alberto Ribeiro era o responsável por todos do Conjunto, com sua vibração e gosto pela música nova!

O baile transcorreu normalmente e os presentes se divertiram muito com as músicas do Conjunto Big Brasa, naturalmente com O Tijolinho, Coração de Papel no repertório, dentre outras. Para você ter uma ideia real da situação, face ao que existe hoje em termos de instrumental, o conjunto tocava com suas guitarras e bateria e todo mundo cantava sem microfone nenhum, com muita vontade. Os amplificadores eram todos minúsculos e com pequena potência, mas o som das guitarras ecoava muito forte na emoção dessas pessoas e de nós mesmos.

- Tertúlias na Sociedade Bairro de Fátima

Várias vezes o Conjunto Big Brasa se apresentou em um clube chamado Sociedade Bairro de Fátima. Quase sempre as tertúlias tinham início com pouca gente. Mas depois de algum tempo o pessoal ia chegando e as tertúlias se tornavam muito animadas. Um dos garçons, que conhecia o movimento do clube, dizia para o Mestre Alberto: “Aqui é assim mesmo, começa fraco e depois melhora”.

Na Sociedade Bairro de Fátima ocorreu um episódio digno de registro. Nunca esqueci aquela noite. Estávamos tocando uma tertúlia normalmente e o público naquela ocasião era razoável. De cima do palco vimos uma equipe entrando pelas laterais do salão - um conjunto de Recife, com um instrumental bem mais moderno que o nosso. No intervalo soubemos que aquele grupo iria fazer um show durante a tertúlia. Ficamos observando aqueles amplificadores mais modernos, material muito bom. Esse conjunto iniciou sua apresentação “rachando”. Sabem como é isso? Quando um conjunto vai se apresentar por pouco tempo, seleciona as melhores músicas, aquelas que causam impacto e impressionam a todos. Essas músicas são chamadas de cavalos de batalha. Depois que o curto show acaba, o conjunto que estava tocando o baile anteriormente ao show, que se vire para superá-lo! Foi uma verdadeira barra. Vimos o pessoal desmontar seu instrumental e subimos ao palco novamente para continuar a festa. Reiniciamos com uma sequência de solos de guitarra, acho que do The Pop's. Todos estavam ansiosos, mas com o tempo o pessoal foi entrando no salão para dançar e a tertúlia continuou bem.

- Os shows na Escola Normal

Nosso maior interesse era divulgar o Conjunto Big Brasa o máximo possível, visto que nessas ocasiões poderíamos conseguir um contrato para festa de formatura, tertúlia de férias, aniversário de 15 anos ou outros eventos.

Os shows realizados pelo Big Brasa na Escola Normal foram os que nos deram maior empolgação, mas nos apresentamos também em outros colégios. Sempre fomos muito bem recebidos onde nos apresentamos. Durante as apresentações o conjunto era muito aplaudido, uma excitação e gritaria geral das garotas por conta das músicas e também por nossa causa. Antes e também no final dos shows elas nos procuravam para pedir autógrafos.

Lembro muito bem de uma vez que nos apresentamos na Escola Normal Justiniano de Serpa. As meninas estavam verdadeiramente alucinadas, em primeiro lugar pela animação natural de uma estudante com *shows* daquela natureza. Em segundo pelo tipo de música e de conjunto, uma novidade naquela época. Nesse dia as meninas vendiam ingressos para o *show* seria realizado no auditório na própria escola, com a finalidade de angariar recursos para um passeio de férias. Chegamos com bastante antecedência e instalamos nosso equipamento no palco em horário de aula, para que não houvesse tumulto. Avisaram-nos para iniciar o *show* na hora do intervalo. Começamos a testar o equipamento e afinar as guitarras. Muitas daquelas alunas que tinham comprado ingresso já tinham entrado no auditório e estavam conversando animadamente nas poltronas, esperavam o começo do *show* na maior alegria. Uma comissão de meninas ficava na porta do auditório para controlar a entrada.

Havia muita expectativa e quando o Conjunto Big Brasa iniciou a apresentação, com Hello Good Bye, dos Beatles, logo após a introdução da música houve uma invasão das meninas através das janelas laterais do auditório. Algumas forçaram e conseguiram quebrar uma das janelas! E naquele momento só se via menina voando por tudo que era lado para entrar de graça, na maior algazarra. Não houve jeito, todo

mundo entrou mesmo e o auditório ficou superlotado. Ao final desse *show* a diretora da Escola, Adísia Sá, agradeceu gentilmente a participação do conjunto, mas sorrindo muito disse que infelizmente nós nunca mais poderíamos “pisar lá novamente”, pelo tumulto causado...

- As matinais do Clube de Regatas

O Conjunto Big Brasa animou inúmeras matinais e festas no Clube de Regatas da Barra do Ceará, plenamente bem sucedidas. Sempre fomos bem tratados pelas suas diretorias, que nos recebiam com toda cortesia. O clube tinha uma estrutura ampla, excelente palco, com uma acústica favorável para os conjuntos musicais e um salão de dança grande, além de áreas bem confortáveis para seus frequentadores. Entretanto, quando tínhamos que enfrentar aos domingos uma matinal no Clube de Regatas, após termos tocado um baile no sábado, a participação do Big Brasa se tornava cansativa para toda a equipe. Quando a programação era assim eu voltava logo após o término da função, para casa para ganhar um tempo a mais de sono. Chegava dos bailes na maioria das vezes entre três e cinco horas da manhã e dormia pouco. Difícil mesmo era acordar, apressadamente tomar um café da manhã e nos deslocar para o clube, que ficava distante de Messejana. O pessoal que cuidava do instrumental (motoristas e bigus) se deslocava mais cedo para ir montando todo o equipamento. Chegávamos quase na hora, a tempo de afinar os instrumentos e começar a função.

- As tertúlias em Mondubim

O Conjunto Big Brasa também animou várias funções musicais em Mondubim. Não eram intensas, porque certamente as tertúlias eram mal divulgadas e a população do bairro, pequena naquela época, contribuiu para isso. O Big Brasa se esforçava muito para animar e manter o salão de dança repleto. Como líder do grupo eu tentava de tudo, modificava o repertório, alternava estilos e ritmos, mas não adiantava muito.

OS PROGRAMAS DE RÁDIO

O Conjunto Big Brasa participou de muitos programas de rádio levados ao ar pela Rádio Assunção, Rádio Dragão do Mar de Fortaleza e Ceará Rádio Clube.

O primeiro deles foi realizado na **Rádio Assunção Cearense** em um programa apresentado pelo radialista Aurélio Brasil. As condições técnicas para a apresentação de um conjunto musical, tendo por base o que existe hoje, eram sofríveis. Um estúdio apertadíssimo, de uns doze metros quadrados mais ou menos, apenas um microfone para captar todo o som do instrumental e vozes e a apresentação ao vivo. O operador de áudio desse programa, mesmo se quisesse ou se soubesse, não teria nenhuma condição de mixar



um instrumento ou equalizar o som geral do grupo. Saía do jeito que fosse mesmo, tudo na base da improvisação. Neste dia todos nós ficamos tensos com a expectativa dessa apresentação. O nervosismo se acentuava quando alguém nos avisava de que o programa começaria dentro de instantes e logo depois o aviso com a indicação “NO AR” acendia, dentro de estúdio.

Ainda na Rádio Assunção o Big Brasa gravou vários “jingles” para algumas empresas locais, com o Mauro Coutinho como técnico de som e chegamos a nos apresentar no Auditório da rádio, com plateia, também em programas ao vivo, com melhores condições acústicas para melhor exibição.

- Rádio Dragão do Mar

No mesmo período participamos de programas semelhantes transmitidos pela Rádio Dragão do Mar de Fortaleza. O apresentador era o Jurandir Mito (in memoriam). Muito brincalhão, ficou sendo amigo e incentivador do Big Brasa. Nesses programas o Jurandir Mito, entre uma música e outra, fazia perguntas sobre o grupo, nos entrevistando sobre a programação para o fim de semana. Sempre nos deu a maior fora, divulgava as apresentações do Conjunto e nos incentivava muito.

- Ceará Rádio Clube

Na Ceará Rádio Clube participei de várias gravações, com solos de guitarra feitos por mim (no estilo dos chamados “riffs”) a convite do operador de som Mauro Coutinho, para a escolha de sinais de tempo, que eram utilizados nas transmissões de partidas de futebol. O sinal de tempo, para quem não sabe, é aquele rápido som ou efeito que precede o aviso pelo locutor de quanto tempo de jogo é decorrido. Usava a criatividade e muitos efeitos com distorção para gravá-los. Lembro-me que alguns deles passaram muito tempo sendo utilizados e quando eu os ouvia, durante as transmissões de futebol, sentia um prazer enorme pela autoria. Alguns sinais de tempo ficaram no ar muitos anos!

A EVOLUÇÃO DAS CONTRATAÇÕES

As novidades do iê-iê-iê, Anos 60 e da Jovem Guarda foram fatores significativos para que a procura pelo Conjunto Big Brasa aumentasse rapidamente. O grupo era muito solicitado, mesmo sem ter um telefone de contato. Observe a diferença daquele tempo para os tempos atuais! Temos agora telefones celulares, redes sociais, internet e uma infinidade de meios de contato, como o Whatsapp e outros aplicativos. No princípio o Conjunto Big Brasa não tinha nem telefone próprio, fator que certamente dificultava a procura do conjunto. Imagine que para contratar o Conjunto Big Brasa os interessados tinham que deslocar de Fortaleza para Messejana, no final de década de 1960, época em que a antiga BR-116 ainda não era duplicada e o trajeto significava uma pequena viagem. Isto significa, em meu entendimento, que essas pessoas realmente valorizavam a nossa música, tal o esforço despendido para

nos contratar. O Conjunto Big Brasa nunca precisou ter empresários. Os contratos que conseguia vinham de quem realmente queria nosso conjunto pela qualidade de nossa música. Hoje nós temos certeza do quanto o Big Brasa era valorizado naquela época, pois mesmo sem telefone os contratos não paravam! No período de 1967 até 1977 não conseguimos tirar férias! Apenas por exemplo, Em um dos meses de dezembro, em 1972, o Conjunto Big Brasa tocou 30 (trinta) dias, quase o mês inteiro sem parar!

O PRIMEIRO TELEFONE DO BIG BRASA

Não tenho absoluta certeza da data, mas nosso primeiro telefone, de número 26-40-91, foi adquirido pelo meu pai no início de 1969 em um plano de expansão da Teleceará. Este telefone funcionava em uma central nova e possibilitava fazer chamadas direto para Fortaleza (uma novidade) sem necessidade da intermediação do antigo posto telefônico de Messejana. Uma melhora formidável em nossa comunicação, portanto. Com o telefone próprio, mandamos imprimir cartões e outros impressos para ajudar em nossa divulgação. Até hoje mantenho guardado o meu primeiro cartão de visita, como guitarrista-solo do Conjunto Big Brasa.

UM VESTUÁRIO SEMPRE ELEGANTE



No princípio, por orientação do meu pai, bem acolhida por todos nós, o Conjunto Big Brasa usava fardamentos, ou seja, mantinha grupos de roupas que às vezes substituía durante as próprias festas, em seus intervalos. Em Fortaleza trocávamos de roupa duas vezes no início do Big Brasa. Mas no interior do Estado houve uma noite em Umirim (fato que se repetiu em várias outras cidades do interior do Estado), que o Conjunto mudou de vestimenta quatro vezes, impressionando a todos os presentes. Soubemos anos depois que isso contribuiu para formar uma falsa ideia, também em Fortaleza, de que o conjunto era de um grupo muito rico...

No vestuário o Big Brasa procurava acompanhar a moda jovem. Se era camisa de gola-rolê tudo bem, malha, calça estreita, cabelos longos. As calças Lee e os tênis também faziam parte efetivamente de nosso guarda-roupa. Além de ensaiar bastante para fazer o melhor, procurávamos também manter boa aparência, pois isso para nós era fundamental.

O Mestre Alberto não gostava que os integrantes do Big Brasa estivessem com a barba malfeita ou por fazer ou com os cabelos grandes. Segundo ele dava um aspecto de sujeira, o que não era legal para ele. Mais tarde, possuidor de uma compreensão muito boa e rápida assimilação das novidades da sociedade, praticamente no mundo inteiro, o meu pai viria a reconhecer que estava errado e mudou seu posicionamento,

se tornando flexível quanto a esses aspectos. Houve a temporada das calças boca-de-sino, entre os anos 1969 a 1971. Era moda e quem não as usasse não estava com nada, como se diz. Para as calças Lee, que foram os primeiros jeans a surgir, tínhamos que arranjar umas tiras e mandar emendar na parte de baixo para alargá-las e assim poder ficar na crista da onda. Na coluna do jornal O Estado, intitulada Alta Roda, o seguinte comentário sobre o Conjunto: “O Big Brasa, aqui da terra, talvez seja o único conjunto que não aderiu à moda cabeluda. Seus componentes se apresentam bem vestidos, elegantemente e com os cabelos cortados à la homens sérios!”

Nos bailes de 15 Anos e nas festas de Formatura, bem como em outras funções especiais, usávamos terno e gravata ou blazers. O Conjunto Big Brasa sempre se portou adequadamente no que se refere ao visual.

A PROFISSIONALIZAÇÃO

Tão logo que possível regularizamos nossa situação junto à Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), Secção do Ceará e com o Sindicato dos Músicos do Ceará. Tudo providenciado pelo meu pai Alberto Ribeiro, pois nós mesmos só queríamos saber de tocar. Aliás hoje vejo que isso perfeitamente normal. Na adolescência é muito difícil ver algum jovem preocupado com os aspectos legais, burocráticos e coisas do gênero. O Registro do nome Big Brasa foi feito no Cartório de Registro de Títulos e Documentos de Fortaleza. Inicialmente todos os músicos tinham carteiras provisórias. Depois, com a devida habilitação, receberam as carteiras profissionais definitivas. Ao longo da existência do Conjunto alguns músicos participaram com carteiras provisórias, por certo período, mas todo mundo tinha que estar devidamente regularizado na OMB.

CONTRATOS E HORÁRIOS

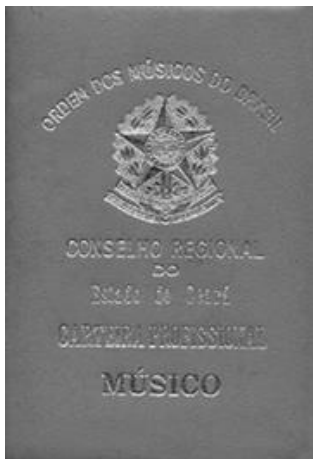
Com o Big Brasa legalizado oficialmente todos nossos contratos passaram a ser devidamente registrados. Mandamos fazer um formulário específico, com papel timbrado, de modo a facilitar o seu preenchimento. Ele continha cláusulas relativas ao contratante, tempo de duração do evento, forma de pagamento, preço da hora de prorrogação e a relação dos músicos do conjunto, com seus respectivos números de carteiras profissionais ou licenças temporárias fornecidas pela Ordem dos Músicos do Brasil (OMB). Tinha que ser registrado em cinco vias. Quanto ao cumprimento desses contratos e dos horários o Big Brasa sempre se manteve muito responsável. Eu próprio fazia questão de chegar ao local dos eventos bem antes, para acompanhar e ajudar a instalar todo o equipamento, afinar o instrumental, testar os amplificadores e fazer a distribuição do som de maneira adequada ao ambiente. Após todas essas providências mantinha contato com o contratante ou responsável no sentido de dizer que tudo estava em ordem e pronto para o início no horário determinado. Inúmeras vezes, é importante lembrar que a minha mãe Zisile se deslocou para a Ordem dos Músicos e para o Sindicato para registrar nossos contratos.

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

O Big Brasa foi um dos primeiros conjuntos que começaram a tocar apenas bailes de quatro horas de duração em Fortaleza, fazendo meia hora de intervalo. Os outros conjuntos tocavam festas de cinco horas. E algumas delas sem intervalo! Mas isso, enfatizo, somente na capital porque no interior do Estado a coisa pegava. Tínhamos que enfrentar verdadeiras batalhas. Festas de cinco, seis e até sete horas de duração, quando havia prorrogações. A legislação específica estabelecia que os músicos deveriam tocar no máximo 45 minutos, com intervalo de 15 minutos por cada hora. Mas no Ceará esse dispositivo legal nunca foi cumprido.

Em uma ocasião, chegamos ao ponto de não fechar um contrato que seria financeiramente muito compensador porque havíamos firmado outro compromisso, anteriormente, para tocar de graça, a título promocional! Responsabilidade não é para qualquer um... Perdemos um contrato, mas ganhamos em honradez pessoal e ética do grupo.

PROFISSIONALISMO - UMA PALAVRA FUNDAMENTAL



Em qualquer trabalho, para que se obtenha êxito e destaque, o profissionalismo tem que existir. Dentro dos princípios que regem um bom profissional estão diversos aspectos como ética, responsabilidade, habilidade naquilo que executa (conseguida através do estudo e do trabalho), respeito aos companheiros de profissão e ao próximo, coleguismo, disciplina e perseverança nos objetivos.

No caso do músico especificamente, isso tudo deve ser multiplicado por dois, ou seja, o esforço tinha que ser duplicado, para superar aquela imagem de que todo artista era relaxado, desligado, lunático e até mesmo alienado, preconceito que embora tenha diminuído, em algumas ocasiões infelizmente ainda ocorre.

Por estes e outros fatores formulei uma proposta de trabalho para o exercício de nossas funções profissionais, de modo a tentar, de todas as maneiras possíveis, desfazer essa imagem negativa, que o músico ainda possui para uma parcela da população. Tarefa difícil, pelo preconceito existente com a profissão de músico, mas não impossível, pois conseguimos fazer a nossa parte, de manter a dignidade da profissão e lutar contra o preconceito.

O ESTILO DE REPERTÓRIO DO BIG BRASA

O Conjunto Big Brasa animou inúmeras festas, tertúlias, matinais, *shows* e apresentações musicais diversas, sempre com um repertório variado e que atendesse à maioria das pessoas. Mesmo assim, com diversos estilos musicais, era preferencialmente um conjunto de iê-iê-iê, ritmo quente no



movimento que constituiu a Jovem Guarda. As músicas dos Beatles e dos Rolling Stones estiveram sempre presentes. Eles eram nossa inspiração. Os exímios guitarristas Carlos Santana, Jimi Hendrix e Eric Clapton também marcaram nosso repertório com suas melhores músicas, pois eram nossos ídolos. Mas existia uma versatilidade: quando tocávamos no interior, tínhamos que estar preparados para tocar de tudo. Xotes, forrós, sambas, boleros, mambos, valsas e até polcas. O que desse e viesse... Na década de 1970 o Big Brasa possuía uma base com centenas de músicas em seu repertório, para atender frequentes pedidos.

- A importância dos roteiros musicais

Quando você está em algum baile e observa os conjuntos musicais mudarem de uma música para outra sem interrupções bruscas, como se tudo fosse automático, certamente por trás de tudo existe um planejamento criterioso ou muita prática para que isso ocorra. O roteiro musical escrito serve, principalmente, para que o líder do grupo possa lembrar todas as músicas disponíveis no repertório, evitando assim o chamado branco de memória, tão comum de acontecer para quem está se apresentando em público. Por isso mesmo, para qualquer das funções musicais que o Conjunto Big Brasa fosse participar, o roteiro das músicas, por escrito, sempre foi peça fundamental. E eu os preparava com muita atenção, atualizando as músicas de sucesso recentemente ensaiadas e outras anotações musicais.

A responsabilidade pela sequência das músicas a serem tocadas sempre foi uma das atribuições do líder musical do conjunto, assim como a de avisar o sinalizar para todos os músicos qual seria a música ou a sequência seguinte. Com a prática tudo se tornava muito fácil. Sabíamos mais ou menos a ordem como as músicas deveriam ir sendo tocadas. Para facilitar a gente estabelecia sinais ou gestos que representavam uma determinada música ou uma sequência previamente ensaiada.

Nesses roteiros do Big Brasa muitas músicas poderiam não figurar com seus nomes corretos, decorrência algumas vezes da pressa nos ensaios e mesmo na elaboração semanal dos roteiros. Muitas vezes nem chegávamos a saber o nome real da música. Para os ensaios, algum dos participantes gravava o sucesso em uma fita de áudio e a colocávamos para ouvir, aprender e ensaiar. Assim era fácil encontrar um roteiro com músicas escritas assim: “Rapado em Fá”, “Rita Lee nova”, “Tema Seis”, “Rock pesado do Jimi Hendrix”, “Carimbós”, “Sambas em Sib”, entre outras denominações.

Eu procurava organizar o roteiro de uma forma que as músicas iniciais fossem leves. E seguia gradativamente, até uma grande animação, que poderia ser obtida com as músicas de maior sucesso, tanto como rocks, sambas ou forrós, dependendo dos locais das apresentações ou do público de cada festa. No meio dos bailes, tocávamos músicas lentas por um bom tempo, algumas somente com som instrumental, para o descanso de todos e para as danças coladas do pessoal. Depois o conjunto pouco a pouco chegava à temperatura máxima novamente, para depois fazer um intervalo de trinta minutos, com a festa no auge! Após a pausa o Conjunto iniciava a graduação

como no começo e terminávamos o baile com todas as músicas mais animadas do repertório, para fechar com chave de ouro. Isso tudo dependia muito do local e do público onde estávamos nos apresentando. A sequência do roteiro, na realidade, não era rígida. Essa flexibilidade significava quebrar a ordem determinada pelo roteiro para atender a um pedido ou solicitação de alguém, desde que a mudança não atrapalhasse o ritmo da festa. Quem tinha essa função, não estava livre de erros. Vale dizer que uma escolha de música feita de modo errado, ou em momento inoportuno (como no atendimento de pedidos), podia esvaziar o salão repentinamente.

- As músicas de alguns roteiros

Para minha recordação eu guardei até hoje alguns roteiros usados pelo Big Brasa em seu repertório. Muitos deles são publicados nas redes sociais para o pessoal ver que músicas eram tocadas no período. Quem participou do conjunto deve lembrar, com certeza, de algumas das seguintes músicas, as quais estão transcritas como foram grafadas na época e em ordem alfabética:

A Candinha	De noite na cama	Lado direito
A Distância	Deep Purple	Last time
A Little Bit Me	Desacato	Listen
Além de Tudo	Dia dos Santos Reis	Live love maid
All My Love For You	Diana	Ma Cherie Amour
And I Love Her	Dizzy miss lizzy	Magia
Assim falou Zaratustra	Don't say goodbye	Maxixe
Baiana	Duzentas Milhas	Me deixa em paz
Be My Lover	É onda	Moments
Beautiful You	Eu bebo sim	Moon River
Because I Love You	Everything I Own	Mothers Daughter
Ben	Evil Ways	Mrs. Robinson
Besame Mucho	Fellings	Music and me
Black Power	Fio Maravilha	Namoradinha
Blue Suede Shoes	Forever and Ever	Nega de Obaluaê
Boys	Garota de Ipanema	Noites de Moscou
Bridge Over Touble Water	Green Piper	Not a second time
Carimbós	Guajira	Nothing Else
Cavalo Ferro	Hello Dolly	O amor a razão
Chililique	Hey amigo	O que bom tá guardado.
Chuva, suor e cerveja	Hey Girl	O show j terminou
Cold Turkey	I Saw Her Standing There	Oh me Oh my
Colírio	I'm going home	One Day in Your Life
Como vai você	Imagine	Only You
Contos de Areia	In-agada-da-vida	Oye come vá
Cubanacan	Jumpin Jack Flash	Paraíba
Day Tripper	Killing me softly	Paramaribo

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

Pau-de-Arara	Samba pa ti	Thats Whats I Want
Pisa na Barata	Satisfaction	Traces
Por amor / Michelle	See me, feel me	Tutti Frutti
Porta Aberta	Silêncio da madrugada	Under my Thumb
Preta, pretinha	Skyline Pigeon	V batê pa tu
Quantas Lágrimas	Slow Down	Vou Recomeçar
Rapados em si bemol	So lucky	Xaxado
Revolution	Summertime	Xodó
Rita Jipe	Susie Q	You are the sunshine
Só o amor constrói	Tell me Once Again	Zazueira
Salve Nossa Senhora	Tema de Marilyn	
Samba de verão	Tema do Aeroporto	

- A inclusão de músicas antigas no repertório

Outra novidade que apresentamos em certo período, por sugestão de meu pai, foi a inclusão de músicas antigas com ritmos e arranjos modernos. A música “Peguei um Ita no Norte” iniciava uma dessas sequencias. Essa fórmula posteriormente foi utilizada por inúmeros grupos musicais. Mas a iniciativa foi do Mestre Alberto...

O Mestre Alberto tentou inovar mais uma vez, através da ideia de apresentar “slides” com o título de cada música do repertório, que seriam projetados no palco durante as festas. Desse modo o público ficaria vendo a projeção do nome das músicas tocadas. Excelente ideia, mas muito onerosa e de execução difícil, por isso mesmo deixou de ser implantada. Ele próprio, no intuito de melhor organizar o repertório, chegou a datilografar fichas para cada música, catalogando mais de duzentos títulos de diversos estilos – tudo na máquina de escrever, não copiando e colando como fazemos hoje no computador!

Outra tentativa de meu pai foi a de gravar as músicas tocadas durante os eventos. Mais uma vez não houve o sucesso esperado, pela falta de recursos e também de tecnologia. Ainda não tínhamos os gravadores de fita cassete. O gravador que ele usava funcionava com fitas de rolo e possuía um mecanismo muito problemático. Além disso as gravações tinham que ser feitas nos palcos, com o som ambiente, pois não se utilizava naquele tempo recursos como saídas de áudio em linha dos amplificadores ou mesas de som. Fitas de vídeo, nem pensar! Máquinas fotográficas e filmadoras digitais, muito menos! Conhecemos o videoteipe mais ou menos em 1971, com as antigas máquinas de videoteipe da TV Ceará, com fitas enormes. Acho que nem existem registros em vídeo dessa emissora. Os programas gravados num dia era apagados pouco tempo depois, com novas gravações, pela necessidade de reutilização das fitas. Hoje em dia qualquer show é gravado e filmado por milhares de pessoas e logo estão no mundo todo pela internet. É a evolução!

Veja você que tudo isso ocorreu por volta de 1967 a 1969, quando nem se pensava em programas de computadores capazes de fazer apresentações magníficas, videoclipes e demais recursos tecnológicos disponíveis na atualidade.

VERDADEIRA OBRA DE ARTE E PACIÊNCIA

Sobre o repertório, tenho que ainda acrescentar a execução de um valioso trabalho executado nos anos iniciais do Big Brasa por minha mãe, Zisile. Como o conjunto tinha dificuldades em arquivar as letras das músicas para tê-las sempre à mão, ela se dispôs a copiar todas as letras para um caderno, inclusive aquelas em inglês (com as principais músicas dos Beatles). E assim o fez. Centenas de músicas, todas copiadas com uma letra excelente e com uma boa vontade incrível. Só vendo para crer. Essas letras tiveram muita utilidade, tendo em vista que naquela época não se encontrava com facilidade letras de música. Eu ainda tenho guardado em casa, o tal caderno. Muita gente quando via esse repertório se admirava! A obra, portanto, foi muito apreciada pelo ser valor.

FORTALEZA E OS CLUBES DA ÉPOCA

É importante dizer que nos anos 60 as diversões da vida noturna de Fortaleza se caracterizavam por bailes em clubes, diferentemente do que ocorre hoje em dia, com os mega-shows em casa de espetáculos de grande porte. Quem viveu os Anos 60 e a Jovem Guarda certamente tem saudades das festas desse período.

Quem não se lembra dos preparativos que fazíamos para ir a alguma festa e de como os conjuntos musicais eram mais valorizados? E dos festivais? E das tertúlias, sempre muito frequentadas, as paqueras, a dança colada? Para nós músicos não era muito fácil, pois na maioria das vezes estávamos trabalhando nos finais de semana. Em nosso caso, nas raras folgas que o Conjunto Big Brasa tinha nós saíamos de Messejana para nos divertir um pouco em algum clube. Entretanto, antes de nossa turma completar dezoito anos e poder dirigir, tínhamos que chamar um carro de praça, normalmente uma rural, para que nos conduzisse até o clube e voltasse na madrugada para nos trazer de volta para Messejana.

Para se ter uma ideia do que rolava nas noites de Fortaleza, segue uma relação dos clubes que existiam na época nos quais o Conjunto Big Brasa se apresentou inúmeras vezes. Em ordem alfabética: Balneário Clube de Messejana, Sociedade Bairro de Fátima, Clube de Regatas da Barra do Ceará, Clube Iracema, Clube Líbano Brasileiro, late Clube de Fortaleza, Ideal Clube, Náutico Atlético Cearense, América Futebol Clube, Clube Recreativo da Aerolândia, a COFEBA (Colônia de Férias dos Funcionários do Bento Alves), Recreio dos Funcionários (hoje Recreio Clube de Campo), Clube General Sampaio, Vila União, Massapeense, Associação Atlético do Banco do Brasil (AABB), Clube dos Diários, Clube do Jornal O Povo (Messejana), Clube da Caixa Econômica, Maguari e Memphis Clube, de Antônio Bezerra, Núcleo dos Ferroviários, Clube Internacional, no bairro Montese, dentre outros.

- O Big Brasa no Clube Líbano Brasileiro

Vale recordar de verdade o que bom! As festas no Clube Líbano Brasileiro, sempre foram bem animadas. Em muitas oportunidades o Conjunto Big Brasa nelas deixou sua forte presença musical e muito som pesado. Na realidade as festas do Líbano com o Conjunto Big Brasa foram sempre bem concorridas e faziam sucesso! Para os mais novos, que não conheceram o Clube Líbano e nem o Conjunto Big Brasa segue uma pequena síntese do que se passava naquelas noitadas inesquecíveis.

Antes das festas o preparo começava cedo, com o transporte dos equipamentos do Conjunto Big Brasa para o clube. Eu chegava sempre bem antes do horário, ajudava e acompanhava a montagem de nosso equipamento. Preocupava-me seriamente com todos os compromissos. Como na época as dificuldades de pessoal eram maiores, eu mesmo tinha o cuidado de até afinar bem os instrumentos, deixando-os no ponto, como se diz, para que cada um dos nossos músicos apenas conferisse antes mesmo de iniciar. O posicionamento das caixas de som e amplificadores, localização dos teclados, da bateria e dos microfones. E a rápida passagem de som para ver se tudo estava perfeito.

- Alguns “riffs” para animar o pessoal



Alguns pequenos toques de guitarra (“riffs”) eram o bastante para agitar a galera. Eu curtia muito dar uma animada no pessoal, minutos antes, com alguns efeitos de guitarra, usando pedais como o wah-wah e distorção. Depois disso o Conjunto Big Brasa iniciava a festa com um tema que impressionasse todos os presentes. Uma de suas principais características era a pontualidade.

Um detalhe sobre o wah-wah: este tipo de pedal foi inaugurado por mim, em uma apresentação do Big Brasa no Clube Líbano. Como possuía um som característico e que as pessoas ainda não estavam acostumadas a ouvir, nós achávamos muita graça quando víamos pessoas, instintivamente, imitando, com trejeitos na boa, o som “wah-wah”. A música “Tema do Aeroporto” era uma das mais tocadas no período. E a utilização do wah-wah pela guitarra chamava a atenção pela sonoridade e pelo próprio efeito.

O Clube Líbano Brasileiro, com excelente estrutura e bem localizado (sua sede em 1971 ficava na Tibúrcio Cavalcante, na Aldeota), possuía um palco com boa acústica e altura em relação ao grande salão de dança, muitas mesas e espaços amplos, que favoreciam a boa circulação dos presentes. A entrada para os músicos podia ser feita por duas escadas laterais, praticamente sem vista para o público. Uma iluminação

discreta e adequada aos diversos ambientes favorecia a beleza do ambiente. Ainda fazia parte a Boate do Líbano, que ficava embaixo e servia para eventos de menor porte. Os festivais realizados no Líbano tinham um sucesso antecipado e a procura muito grande. Todo mundo queria estar presente, participar e dançar ao som de muitos excelentes conjuntos que por lá passavam.

- Um tema musical pesado de muito sucesso

Em um dia de ensaio, o nosso amigo e contrabaixista Lucius Maia nos apresentou a música “In a Gadda da Vida”, da banda Iron Butterfly. Sucesso garantido em qualquer apresentação! De gosto musical muito apurado (rock, jazz, blues) ele acertou em cheio, como se diz. A referida música passou ao repertório do Conjunto Big Brasa e aquele tema favorecia uma improvisação intensa, com a utilização de todos os recursos e acessórios que tínhamos. Todos os integrantes do Big Brasa certamente recordam o impacto que a música fazia ao ser iniciada. Um bom volume, com tudo bem ensaiado para proporcionar um bom espetáculo.

OS FESTIVAIS NA CIDADE DE FORTALEZA

Uma novidade em Fortaleza foi o período de realização dos chamados festivais, que se transformaram em prática usual por alguns anos em razão do sucesso. Eram bailes realizados em dois clubes, simultaneamente, sempre animados, com a participação de dois ou três conjuntos. Quando um desses festivais se realizava no Clube Líbano Brasileiro o sucesso era garantido, principalmente se tivesse a presença do Conjunto Big Brasa e a dos Faraós.

Entre os grupos, havia uma organização prévia para cada festival, de modo que cada conjunto pudesse utilizar quase todo o instrumental do outro, o que facilitava muito sua operacionalidade. Os horários dos conjuntos em cada clube, apesar de serem programados, não evitavam a tensão durante os nossos deslocamentos.

Nos intervalos dos festivais ocorria um verdadeiro corre-corre pela cidade, com os grupos se movimentando de um clube para outro. Assim, um conjunto musical que iniciasse uma festa no Clube Líbano, poderia terminar a noite no Clube Internacional do bairro Monte Castelo, no outro lado da cidade, e vice-versa! Muita pressa, uma verdadeira agitação nos deslocamentos, visto que tínhamos que deixar um clube, levando apenas as guitarras e seus pedais, como distorção e wah-wah, contrabaixo e demais acessórios para chegar ao outro clube, ligar os instrumentos e reiniciar novamente o festival. Alguns problemas aconteciam de vez em quando, ocasionando pequenos atrasos nas festas. Cabos de guitarra, extensões elétricas ou pequenos acessórios às vezes extraviavam nos transportes. Nesses casos dificilmente descobríamos a falha, quase sempre atribuída aos montadores “bigus”. Este sem dúvida foi um período diferente, pela inovação e intensa movimentação pelos clubes de Fortaleza.

A JOVEM GUARDA EM MESSEJANA

As lembranças são um espetáculo à parte em nossa memória. Principalmente as recordações que temos de Messejana nos chamados Anos 60 e Jovem Guarda, época verdadeiramente inesquecível para os que a vivenciaram. As noitadas alegres de Messejana eram caracterizadas por lazeres seguros, singelos e tranquilos.

O BALNEÁRIO CLUBE DE MESSEJANA

O Balneário Clube de Messejana foi fundado em 1960. Ocupava uma estrutura simples e oferecia como opções de lazer os banhos de lagoa, jogos de voleibol e futebol de salão, festas, matinais, vesperais e as famosas tertúlias. Sua sede tinha como cenário a belíssima Lagoa de Messejana, na qual, segundo a lenda do escritor José de Alencar, a índia Iracema, a “Virgem dos Lábios de Mel”, tomava banho e saía correndo até a Praia de Iracema, chegando a seu destino ainda com os cabelos molhados, tal a sua rapidez!



O Clube tinha uma extensa área verde ao redor do salão, bem arborizada, formando um espaço muito agradável para seus frequentadores. Possuía uma arquitetura simples, sendo amplo e bem estruturado, no que se refere ao salão de dança e palco. Entretanto deixava muito a desejar pela precariedade de suas instalações de secretaria, bar e da própria fachada.

A vista do Balneário era muito bonita. Às tardes nos proporcionava um pôr-do-sol magnífico, com cintilantes reflexos em suas águas. Nas manhãs dos sábados e domingos, podíamos ver algumas velozes lanchas circulando a lagoa, em passeios que deviam ser muito agradáveis. O Balneário era o centro das badalações de Messejana. Muito bem frequentado, foi palco de inúmeras festividades marcantes no cenário local. A moçada se reunia nos finais de semana no Balneário, verdadeiro “point”, de Messejana.

Nossa turma frequentava o Balneário para conversar, jogar pingue-pongue, tomar banho de lagoa, jogar bola, paquerar e dançar nas tertúlias. Praticamente toda a pequena comunidade de Messejana se encontrava no Balneário. Todo mundo se conhecia. Vivemos com toda certeza a fase áurea do Balneário de Messejana.

No Balneário Clube de Messejana o Conjunto Big Brasa animou inúmeras eventos, festas, tertúlias, matinais e vesperais os quais geralmente aconteciam aos sábados e domingos. Durante o período de existência do Big Brasa, muitas diretorias passaram

pelo Balneário, a maioria delas bem intencionada no sentido de melhorar e desenvolver o clube, com exceção de alguns diretores ditos de elite, mas retrógrados demais, que certamente através de suas ações e procedimentos contribuíram para o fim do clube, infelizmente.

- Marcas de preconceito

Pelo Balneário Clube de Messejana passaram ótimas orquestras, oriundas de outras regiões do País. A sociedade de Fortaleza, nos Anos Dourados, Anos 60 e Jovem Guarda, as famílias tradicionais recebiam as várias orquestras ou grupos musicais famosos no país, em um período em que havia mais preconceitos.

Em Messejana podemos citar o próprio Balneário, que foi por muito tempo um clube no qual, segundo algumas de suas diretorias, só deveriam frequentar pessoas tidas como de boa linhagem... Para exemplificar o preconceito existente por parte de alguns diretores do Balneário Clube de Messejana, no ano em que o América Futebol Clube foi campeão cearense, havia um excelente jogador em seu plantel que se destacou de forma brilhante por suas boas atuações. Chamava-se José Deusimar Moreira Pontes, mas era conhecido por Pinha, seu apelido, que ficou conhecido como o “Pelé Cearense”, por suas ótimas atuações. Em uma das animadas matinais que o Big Brasa tocava no Balneário, o Pinha estava em uma festa, ocasião em que meu pai, Alberto Ribeiro, fez referências elogiosas a ele ao microfone. Pelo ocorrido o Mestre Alberto foi seriamente criticado por alguns membros da diretoria do Balneário e pessoas da elite local, por terem achado um absurdo a “menção a um jogador de futebol naquele ambiente”.

Em outra oportunidade, quando estava sendo realizada uma promoção do próprio Big Brasa no Balneário Clube de Messejana, um dos diretores chegou a dizer que “algumas mulheres de programa tinham entrado no clube e estavam participando da festa”. A esta preconceituosa colocação o Mestre Alberto respondeu: “Rapaz, é o seguinte: desde que ela não esteja dançando nua ou praticando algo indecoroso, tenha pago ingresso e esteja se comportando adequadamente, não vejo problema nisso”. Teimosamente, esse mesmo diretor insistia sempre no triste preconceito, dizendo para o meu pai: “Não adianta querer popularizar o Balneário, que você não vai conseguir, seu Alberto...”. Realmente o Balneário Clube de Messejana não se popularizou como desejava meu pai, vindo a amargar um melancólico fracasso tempos depois, indo totalmente à bancarrota por conta de suas sucessivas diretorias. O Clube ficou totalmente envolto em dívidas e não havia ninguém que se propusesse a constituir uma nova direção. Todos os sócios-proprietários e a comunidade de Messejana foram prejudicados com esse triste e lamentável final.

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO BIG BRASA



A primeira festa de aniversário do Big Brasa foi realizada no dia 28 de abril de 1968, no Balneário Clube de Messejana, com música o dia inteiro: matinal, vespéral e tertúlia, entrando pela noite. O símbolo desse primeiro aniversário foi uma flâmula em forma de uma guitarra vermelha e branca, com os dizeres alusivos à festa. Na matinal atuaram os conjuntos Os Rataplans, Os Belgas e o Big Brasa. À tarde e noite Os Milionários, a ala feminina do Big Brasa e novamente o Big Brasa.

A música de todos conjuntos musicais fizeram a alegria e animaram centenas de pessoas naquele primeiro aniversário do Big Brasa. Pode-se afirmar com certeza que aquela foi uma das maiores e melhores festas do Balneário. Houve participação maciça durante toda a festividade e o clube esteve lotado o dia inteiro. Com um detalhe: também foi uma das primeiras festas dessa natureza a ser transmitida pelo rádio, com participações ao vivo! Uma flâmula comemorativa foi distribuída na entrada do clube a todos os participantes, como lembrança do evento. A Diretoria do clube nos ofereceu um troféu, em comemoração a nosso primeiro aniversário e pelo reconhecimento de nosso sucesso em Fortaleza. Durante o evento houve uma confraternização geral entre os conjuntos participantes, dentro de um clima de amizade e coleguismo.

A ALA FEMININA DO BIG BRASA

Incentivadas pela formação do Big Brasa, Célia Alencar, Aliete Lima, Lucinha, Neide e Adriana Oriá formaram a ala feminina do grupo. Foi como uma brincadeira, mas chamou a atenção da moçada de Messejana. As meninas ficaram empolgadas com o Big Brasa e resolveram ensaiar algumas músicas. Com o nosso instrumental, chegaram a se apresentar algumas vezes nos intervalos das festas do Balneário Clube de Messejana, sempre com bastante agrado por parte dos presentes em face da novidade.



PROMOÇÕES REALIZADAS PELO BIG BRASA

O Big Brasa realizou diversas promoções por conta própria, no Balneário Clube de Messejana. Em algumas delas o conjunto obteve sucesso, mas em outras foi prejudicado pelo famoso jeitinho brasileiro de querer levar vantagem em tudo. Para começar, nestes eventos a diretoria do Clube sempre ficava com a renda do bar, deixando a venda de entradas na portaria para o Conjunto. Mas era assim que os

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

problemas começavam a ocorrer. Enquanto a maioria das pessoas comprava ingresso normalmente, havia aqueles que a qualquer custo queriam botar todo mundo para dentro do clube sem pagar. Muitos se diziam diretores ou amigo dos diretores. Alguns membros da diretoria efetiva usavam de sua influência para colocar pessoas no clube sem pagar ingresso. Apenas para conhecimento pleno da situação houve casos extremamente ridículos, quando algumas pessoas tentaram entrar sem pagar pulando o muro do Clube e se escondendo na vegetação existente até surgir uma oportunidade de passar para a festa. Em outra oportunidade houve um pequeno grupo de rapazes que entrou nadando pela lagoa de Messejana, com a roupa na cabeça para no molhar. Isso foi incrível, mas aconteceu! Não tinha jeito, a mentalidade de alguns era essa...

OUTRAS COMEMORAÇÕES DE ANIVERSÁRIO

O segundo aniversário do Conjunto Big Brasa, em 27 de abril de 1969, foi realizado no Recreio dos Funcionários (hoje Recreio Clube de Campo), na Lagoa Redonda. Fizemos um acordo para que os sócios do Balneário Clube de Messejana fossem recebidos como convidados especiais. Foi uma festa belíssima e muito organizada.

Abrilhamaram aquela festa, além do Big Brasa, mais dois conjuntos musicais: Os Milionários e Os Belgas. Naquele dia os Belgas se apresentaram muito bem, como sempre! O grupo, composto pelo Edson Girão, Eudes, Ricardo Girão e Júlio, deu um show à parte no que se refere vocalização. Tocavam e cantavam os arranjos dos Beatles de maneira espetacular, com o som bem ajustado, tudo cem por cento.



O quarto aniversário do Conjunto Big Brasa foi realizado no dia 22 de maio de 1971. Desta vez no Clube General Sampaio, no centro da cidade. Centenas de pessoas estiveram presente naquela festa. Para você ter uma ideia, O Brasa Seis, um dos melhores conjuntos da época, tocou uma parte da festa durante o dia fazendo uma apresentação impecável. Muitos de nossos amigos da televisão, radialistas e o pessoal da imprensa compareceram em peso e curtiram bastante a bonita festa. O vestuário do Big Brasa esteve como sempre muito elegante, com um grupo de camisas muito bonito. O nível técnico do conjunto neste período está muito bom, repertório e tudo mais.

REGISTRO DE APRESENTAÇÕES - O MAPA SUMIDO

Que falta nos faz este registro, que seria uma verdadeira relíquia! Mais ou menos em 1972 eu organizei um mapa, feito em uma folha de cartolina branca, contendo anotações de 500 apresentações feitas pelo Big Brasa. Tive muito trabalho na elaboração desse controle, para recuperar ao máximo possível as funções musicais

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

em que o Big Brasa atuou. Esse levantamento minucioso continha indicações dos locais, clubes, cidades e às vezes até mesmo os nomes dos aniversariantes. Esse precioso controle infelizmente sumiu misteriosamente de nossa sede. Daí por diante fizemos mais centenas de apresentações, inclusive as da televisão, nas quais o Big Brasa tocava diariamente, mas não houve mais a preocupação e nem a paciência de manter tais registros com tal precisão.

O CONJUNTO BIG BRASA PELO INTERIOR DO CEARÁ

O Conjunto Big Brasa esteve presente em muitos municípios cearenses, para animar festas de inauguração, bailes de formatura e outros eventos, nos quais sempre foi muito bem recebido. Em quase todas as oportunidades encontrávamos faixas e cartazes pela cidade ou em frente ao clube local, dando boas-vindas ao conjunto, além da recepção feita pelas fãs e curiosos.



O sucesso nas cidades interioranas, sem tirar os méritos e a qualidade do próprio conjunto, deve ser creditado também à enorme divulgação realizada através dos programas de televisão que o Big Brasa participava, pela TV Ceará, Canal 2, dos Diários e Emissoras Associados. Nossa imagem chegava diariamente em todos os municípios e até outros estados, como o Piauí, através de antenas repetidoras!

Dentre os municípios cearenses que o Conjunto Big Brasa se apresentou, sendo que em alguns deles muitas vezes, lembro dos seguintes: Aquiraz, Aracati, Baturité, Canindé, Cascavel, Caucaia, Crateús, Guaiúba, Horizonte, Iguatu, Ipueiras, Itapajé, Itapipoca, Jaguaruana, Maracanaú, Maranguape, Massapê, Mombaça, Nova Russas, Pacajus, Pacatuba, Pacoti, Pindoretama, Quixadá, Quixeramobim, Redenção, Russas, São Benedito, Sobral, Tianguá, Umirim e Várzea Alegre.

Nas cidades do interior a rotina praticamente era idêntica quando chegávamos: encontrar o endereço do clube ou o local da apresentação, retirar todo o equipamento dos transportes e montar tudo, deixando os instrumentos no ponto para a festa, com os amplificadores e caixas devidamente testados, guitarras afinadas, tudo de maneira que a gente pudesse chegar apenas a alguns minutos do início da função. Em seguida o grupo ia tomar banho, jantar e nos arrumar para o retorno ao clube. No podíamos demorar nessas etapas para não perder o horário. Aí é que vem a responsabilidade. Eu controlava o pessoal, ficando de olho para que ninguém se atrasasse.

As hospedagens sempre foram simples, mesmo porque o interior do Ceará, exceções à parte, na época no possuíam bons hotéis ou pousadas. Na maioria dos contratos o

conjunto se hospedava em um pequenos hotéis ou pensões de classificação “sem estrelas”, onde nos preparávamos para o baile. Nestes momentos vale dizer que a descontração de todos, as brincadeiras entre os integrantes, tudo aquilo muito divertido e que trás saudades! Todas as viagens do conjunto eram sempre animadas em razão do alto astral da turma. Depois dos bailes, quando o grupo estava de volta para Fortaleza, elas se tornavam cansativas, pelo percurso e acomodação nos transportes, além do esforço natural pela noite de trabalho. Para quem dirigia a responsabilidade era bem maior.

Durante toda a existência do Big Brasa consegui manter a liderança sobre o grupo de forma bem democrática. Na realidade eu nunca me senti dono do conjunto e sim um guitarrista e companheiro dos demais integrantes. Nos momentos em que tive que tomar decisões difíceis, em nome do Big Brasa, nunca hesitei em tomá-las. Quando o assunto envolvia todo o pessoal a turma era consultada, para decidir sempre com base na maioria.

- A festa em São Benedito

Este episódio tem por objetivo enfatizar as dificuldades nos deslocamento do Conjunto Big Brasa. Primeiramente por não ser uma empresa bem estruturada, pois não havia isso naquela época nos conjuntos musicais cearenses tínhamos que exercer vários papéis e funções. Vejamos:

Lembro-me de um contrato do Big Brasa para a cidade de São Benedito, a uns 350 quilômetros de Fortaleza, na Serra de Ibiapaba. Foi uma das mais cansativas funções musicais que enfrentamos, exigindo de todos muito preparo físico, psicológico e mental. O conjunto tinha tocado na noite anterior em Fortaleza. Nosso equipamento passou a noite na Kombi, preparado para a viagem e a nova batalha. Acordamos no dia seguinte e depois de termos almoçado cedo, por volta das onze horas da manhã, seguimos viagem. Eu dirigi a Kombi naquele dia. Depois de mais ou menos umas sete horas de viagem, sem nenhum problema, conseguimos chegar a nosso destino. Ao chegar montamos imediatamente o instrumental no clube (nestas ocasiões todo mundo tinha que virar bigu, pois este sozinho não daria conta do recado a tempo). Muitos equipamentos para desmontar, instalar, fios e cabos para ligar, testar o som dos amplificadores, afinar guitarras etc. Quando tudo estava pronto saímos para tomar um banho e jantar, também de forma rápida, para iniciarmos o baile no horário previsto. Ao retornar para o clube, tudo estava certinho com os instrumentos e a festa inteira transcorreu sem anormalidades. Ao final da festa o inverso: a desmontagem de tudo e a viagem de volta. Todo mundo cansado, dormindo e eu com atenção redobrada ao volante. Daquela vez passei mais de trinta horas ligado direto, sem dormir, um verdadeiro risco.

Hoje reconheço que todos nós passamos por um verdadeiro perigo, pelo fato de voltar dirigindo depois de uma noite toda acordado. Meu anjo da guarda estava ao meu lado, mais uma vez...

- Em Várzea Alegre

A mobilização do Big Brasa para cumprir este contrato foi intensa. O grupo tinha se apresentado na noite anterior em Fortaleza, salvo engano no Clube Líbano. Depois da festa, com os instrumentos e material arrumados nos transportes descansamos algumas horas e partimos para Várzea Alegre em nossa Rural e também com a Kombi do Big Brasa, em uma viagem longa e cansativa. A festa seria uma Formatura. Com início previsto para as 22 horas, acabamos começando a tocar quase meia-noite por conta do atraso dos concludentes. E eu, como responsável pelo conjunto sempre avisava para o presidente do clube que seria bom iniciar logo, porque a duração do baile era de cinco horas e eles poderiam perder com aquela demora. A resposta foi imediata: o diretor do colégio que nos contratara disse, de forma grosseira e gesticulando bastante: “As cinco horas vão ser contadas por este relógio aqui (apontando para o dele) e o dinheiro para o pagamento do conjunto está aqui em meu bolso”... Levei aquele recado para os outros músicos e chegamos à conclusão de que tínhamos que esperar mesmo e aturar o posicionamento do diretor para evitar qualquer problema que viesse a nos prejudicar. É o velho ditado se confirmava: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Mesmo com o início retardado a festa foi muito boa e quase amanhecemos o dia, para voltar imediatamente para Fortaleza para mais um evento.

VIAGENS PARA OUTROS ESTADOS

Os contratos do Conjunto fora do Estado do Ceará foram todos marcantes e nos deixaram boas lembranças. O Conjunto Big Brasa esteve nos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão e Piauí. No Maranhão, por exemplo, tocamos muitos bailes em boas temporadas realizadas em Balsas, Carolina e Caxias e São Luís. Todas as temporadas muito por demais gratificantes e nos trouxeram muitos aprendizados.

A PRIMEIRA EXCURSÃO DO BIG BRASA



Da primeira excursão do Conjunto Big Brasa, ainda em 1967, é importante destacar que nós tínhamos ainda pouca experiência musical e tudo estava começando. Por puro desconhecimento foi uma temeridade o Big Brasa sair de Fortaleza e viajar até Balsas, Carolina e São Luís, com quatro guitarras e sem contrabaixo. Verdadeiro heroísmo, mas que atualmente seria inaceitável. Apesar das condições instrumentais do conjunto não serem ideais para aquele período, havia emoção e muito entusiasmo por parte de todos. Por causa disso e também da novidade que levamos para aquela cidade, o Big Brasa até hoje lembrado por quem participou de seus bailes,

como o melhor conjunto musical que por lá atuou. Boas e inesquecíveis lembranças, comprovando que a primeira impressão é a que fica... Por isso mesmo temos que aceitar o fato numa boa, porque na verdade muita gente no sentia falta nenhuma do instrumento. Era tudo novidade e a sensação era o som das guitarras! Com certeza, até hoje em dia tem muita gente que não tem sensibilidade musical para perceber a falta que um contrabaixo faz em um conjunto.

- As animadas festas em Caxias, Maranhão

O Conjunto Big Brasa esteve em Caxias em 1968, para três funções musicais, ainda sob a orientação de meu pai Alberto Ribeiro. A primeira festa foi realizada na União Artística Caxiense, depois tocamos na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e por último no Balneário Veneza. No final da temporada fizemos uma rápida



apresentação na residência do prefeito local, que nos recebeu para um magnífico jantar. A presença de fãs durante estes momentos foi constante, inclusive com solicitação de autógrafos e fotografias. Naquela época participavam do Big Brasa o Carló, Adalberto, Edson, Severino, Getúlio e João Ribeiro.

Nota da imprensa local sobre a temporada em Caxias, dizia:

“Encontra-se em nossa cidade, procedente de Fortaleza, o vitorioso Conjunto Musical Big Brasa, em excursão artística de divulgação da música moderna. Composto de cinco músicos, todos pré-universitários, membros de destacadas famílias da sociedade alencarina, os jovens intérpretes do iê-iê-iê estrearam ontem em animado baile realizado na sede da União Artística Operária Caxiense, quando tiveram oportunidade de empolgar os numerosos convidados com uma verdadeira apoteose de sons e ritmos, que bem os recomendam como um dos melhores conjuntos do gênero que nos têm visitado. Além de ser equipado com um instrumental dos mais modernos, o conjunto agrada e faz vibrar a todos pela vivacidade que executa o seu variado repertório”.

Imaginem que o Conjunto Big Brasa ainda usava amplificadores de pequena potência e a velha bateria. Apenas as guitarras já tinham sido substituídas por outras mais modernas, de marcas Gianinni e Phelpa, modelos “Apache” e “Coronado”.

- Um verdadeiro “ladrão” na guitarra

Em Caxias, fiquei conhecendo algumas das diversas expressões usadas pelos maranhenses da seguinte forma: durante um dos intervalos das festas que o Conjunto Big Brasa tocava, um grupo de pessoas estava reunido em torno da mesa reservada para o conjunto, quando ouvi uma delas dizer para a minha mãe, o seguinte: - Minha Senhora, o seu filho é um verdadeiro “ladrão” na guitarra!

Fiquei prestando atenção no que ele dizia, percebendo que se referia à maneira que eu tocava a guitarra, principalmente por ter usado em um improviso um efeito

interessante, realizado com a utilização de um copo, passando pelas cordas, cujo som se assemelhava ao de uma guitarra havaiana.

O que de outra forma seria uma qualificação triste, para se ouvir a respeito de um filho, para ela, a Dona Zisile, soou como música, pois o emprego da palavra “ladroão”, nesse caso, significava uma pessoa que executava bem aquele instrumento, um “craque” em sua arte. Uma expressão muito usada pelos maranhenses.

- Big Brasa em São Luis do Maranhão

Em 1968 o Conjunto Big Brasa foi contratado para tocar três festas em São Luís do Maranhão. Lembro que tocamos no Casino Maranhense, no Lítéro Clube e no Grêmio dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Maranhão. Pelos três bailes o Big Brasa recebeu 60 mil cruzeiros, mais as passagens aéreas. Um contrato e tanto para os parâmetros da época, em que uma simples viagem de avião era considerada um item de luxo.



O grupo musical Big Brasa naquele tempo era composto pelo Carló (in memoriam), Edson Belém, Edson Girão, Adalberto Pereira Lima, (guitarristas-bases e vocalistas), Severino Tavares (baterista) e João Ribeiro Beiró, guitarrista-solo. O Getúlio Alberto, meu irmão, participava como mascote do grupo. Antes de partirmos fizemos umas fotos no Aeroporto Pinto Martins e outras logo que chegamos a São Luís.

No Clube dos Sargentos e Subtenentes da Polícia Militar, o organizador veio até nós solicitar que acompanhássemos uma jovem cantora da cidade, de 15 anos, que tinha uma voz belíssima. No meio da festa fizemos uma pausa e essa moça ensaiou rapidamente conosco para depois dar um verdadeiro show de voz, empolgando todos participantes. Ficamos sabendo muitos anos depois que essa cantora era nada menos que a Alcione, hoje famosa, filha de um daqueles militares. Ela estava vestida de branco, muito graciosa, e fez uma belíssima apresentação.

- A temporada em Balsas, Maranhão

Foi em 1968. O Conjunto Big Brasa era integrado por João Dummar, Carló, Marcos Oriá, Severino Tavares e eu, João Ribeiro. Chegamos à cidade e foi aquele sucesso monumental. Todo mundo ansioso para conhecer aquelas músicas e verem as famosas guitarras!

O desconhecimento dos novos conjuntos musicais fazia que surgissem confusões de nomenclatura, visto que uma pessoa ao examinar o nosso material perguntou ao Mestre Alberto se o nome daquele instrumento era “tarracha” ou guitarra. E meu pai explicou direitinho que o nome era mesmo “guitarra”. Depois ele nos contou a história e todos rimos muito pela mencionada confusão entre os termos.

Como aquela excursão estava programada os locais antecipavam a propaganda e os preparativos para nossa recepção. Assim, seguimos do aeroporto de Balsas em cima de um caminhão, que rodou pelo centro e principais ruas de Balsas, acompanhado por outros carros (a maioria jipes), como uma carreata. O pessoal ficava olhando aquilo tudo, admirado e acenando das portas e janelas. Tudo aquilo foi realmente impressionante para nós e a responsabilidade pesava mais ainda, depois daquela bela acolhida. O Big Brasa foi o primeiro conjunto com guitarras a ter se apresentado em Balsas. Daí se explicava toda aquela curiosidade.

Um panfleto que circulou pela cidade, anunciava:

“A partir do dia 18 do corrente mês se encontrará em nosso meio o Conjunto Big Brasa, autêntico representante da música popular moderna. Trata-se de um conjunto de jovens, onde figuram dois balsenses, que vem alcançando grande sucesso no meio social de Fortaleza. Espera-se contar com o apoio integral do povo balsense para este acontecimento, que cumprirá uma dupla missão: recreativa e cultural”.

O pessoal todo, particularmente amigos e familiares, estava entusiasmado com a nossa presença. Dentre eles estavam os nossos primos Bernardino e Gonzaguinha e o próprio Mestre Alberto, meu pai. Mais tarde tomamos as providências para a preparação do nosso “grande” instrumental no Clube Recreativo Balsense (CRB). O problema maior era o som para a voz. Havia naquele tempo os serviços de som dos clubes, normalmente um amplificador muito fraco e ruim, com pouca potência e caixas de som também de péssima qualidade. E ainda por cima, na última hora uma das caixas pifou! Quem salvou a pátria, substituindo um alto-falante defeituoso, foi um padre italiano de quem não lembro o nome. Mas assim mesmo o alcance e a qualidade do som de voz deixava muito a desejar...

- E as cordas de guitarra?

Outro problema nessa temporada foi o da falta de alguns acessórios, principalmente cordas para as guitarras. Não tínhamos experiência e falhamos ao não levar para Balsas um estoque suficiente de encordoamentos de reserva. Resultado: a turma da mão pesada nas guitarras quebrou várias cordas. Desse time fazia parte o Dummar, que com suas batidas fortes, como fazia ao violão, bateu o recorde. Eu também não escapava e de vez em quando quebrava uma corda. Lógico que os encordoamentos não tinham a resistência como os da atualidade. A solução para a falta de cordas, embora precária, foi comprar cordas de violão para substituir as das guitarras. Mesmo ficando com a sonoridade inadequada foi o jeito utilizá-las. Vale aquele ditado: “ruim com elas, pior sem elas”. E compramos vários deles, ocasionando uma verdadeira baixa nos encordoamentos de violão no comércio local.

- A acertada crítica do Leonizar

Ainda sobre a temporada de Balsas um fato merece citação com destaque. Soube-se que durante a apresentação do Big Brasa no Clube Recreativo Balsense, na qual os entusiasmados presentes muito aplaudiam o Conjunto Big Brasa, um excelente saxofonista da cidade, chamado Leonizar comentou numa roda de amigos que naquele conjunto uma guitarra estava desafinada. Por sua afirmação foi levado ao ridículo na mesma hora, pelo desconhecimento musical e pela empolgação daquela turma com o conjunto. Eles simplesmente não admitiam aquela observação. Esta história se espalhou por toda a cidade e o pessoal tirou o couro do Leonizar por muito tempo. Mas veja como são as coisas: a bem da verdade o Leonizar era o único que estava com plena razão! As guitarras, algumas ainda com encordoamentos de violão, certamente desafinavam muito. E não deveria ser apenas uma, e sim várias!

O exímio saxofonista, possuidor de um ouvido fora de série, simplesmente constatou uma grande verdade e nem chegou a exagerar em seu acertado comentário. Lembro que as guitarras desafinavam mesmo e havia dificuldade para afiná-las corretamente, com o conjunto tocando! A desafinação ocorria em virtude da precariedade dos instrumentos e da qualidade das cordas utilizadas (encordoamentos de violão). Este simples fato serve para ilustrar novamente que a razão, muitas vezes fica encoberta pela emoção.

- Contratos para Carolina, Maranhão

Motivado pelas apresentações do Big Brasa em Balsas, um grupo de pessoas de Carolina, cidade muito próxima, que mantinha certa rivalidade com Balsas, logo se mobilizou no sentido de também contratar o conjunto para duas apresentações. Ainda mais, porque esta cidade tinha fama pelo seu bom nível cultural.

Depois do contrato devidamente acertado foram enviados dois pequenos aviões monomotores para nos transportar, daqueles que, conforme o ditado, praticamente levantam voo “na emergência” por terem apenas um motor. Imagine o Conjunto Big Brasa viajando em dois aviões. Na verdade aquilo era inédito e um verdadeiro luxo para nós, além do risco, é lógico. Mas nos sentíamos muito empolgados e com a imagem de um grupo tal como os Beatles no interior do Brasil... Mas os sonhos tinham que retornar à realidade: ao distribuir nosso equipamento e o pessoal do conjunto nesses pequenos teco-tecos, não houve espaço para o banco da bateria, o qual, por não ser desmontável teve que ficar. Foi a primeira dificuldade.

Durante o voo, o piloto do avião no qual eu estava (que era um pouco mais potente e veloz), disse que nós poderíamos logo avistar a outra aeronave, que tinha decolado um pouco antes e estava com o restante de nosso pessoal. E com uns dez a quinze minutos ele nos apontou o outro avião, que estava voando ao nosso lado esquerdo, acho que a uns 100 metros de distância. Vale relatar ainda a gracinha feita pelo mesmo piloto, com relação a uma inocente pergunta feita pelo Getúlio Alberto: “E

avião também tem acelerador? E o piloto prontamente respondeu: “Tem!”. E empurrou um dos controles do painel para frente, tirando praticamente toda a aceleração. O motor diminuiu a rotação e conseqüentemente o leve aviãozinho começou a perder altura, assustando muito o Getúlio. Só por alguns instantes, porque nós, imediatamente, pedimos para que ele acelerasse de novo.

Chegando a Carolina o Conjunto foi muito bem recepcionado ainda no aeroporto. Em seguida nos deslocamos para conhecer o clube local, testar e instalar nosso instrumental. A curiosidade e a admiração pelas guitarras eram enormes, em virtude de ser total novidade naquela época, principalmente em uma cidade do sul do Maranhão. O caso do banco da bateria, que não coube no avião foi prontamente resolvido com uma cadeira, colocada em cima de um engradado de cerveja de modo a ficar na altura adequada. O Severino teve que se arranjar desse jeito durante as apresentações.

Surgiu um segundo problema: a tensão da rede elétrica oscilava bastante, por ser gerada por uma usina local, movida a óleo diesel. Ficava quase todo o tempo muito abaixo dos 220 volts, sem falar nas oscilações, prejudicando o funcionamento e a qualidade de som dos amplificadores. A solução rapidamente foi apresentada por moradores locais, que conheciam bem o problema, e se prontificaram logo a nos ceder vários transformadores, de diversos tipos e capacidades, cuja instalação ficou uma verdadeira gambiarra no palco. A ideia daquelas pessoas em conseguir os tais transformadores acabou dando certo, no final de tudo.

Nas duas festas tocadas em Carolina, eu e o Carló fizemos apresentações, durante o intervalo, tocando de mesa em mesa, ao redor da pista de dança, com escaleta e violão. A música escolhida para aquela oportunidade era a mesma que tocávamos no Balneário de Messejana - Les Marionettes. Fomos muito aplaudidos, o que de certa forma causou admiração a um primo de meu pai, que confidenciou a ele ter estranhado o povo de Carolina bater palmas daquela maneira, tendo em vista que era de seu conhecimento que vários artistas de renome tinham se apresentado na cidade e não receberam tantos aplausos. Ainda bem que naquela oportunidade mudaram o comportamento, consequência talvez da grande novidade das guitarras.

Nosso retorno a Balsas foi em voo comercial, em um bimotor modelo DC-3, da extinta empresa Real Aerovias. Esse tipo de avião, muito usado pelas companhias aéreas naquele período, não era pressurizado e se ouvia o ronco dos fortes motores bem alto, mesmo dentro da aeronave. Durante o trecho Carolina a Balsas, um dos músicos do conjunto resolveu dar uma de turista, pensando que o atendimento de bordo era “de primeira”. E perguntou a um comissário de bordo: “Seria possível um pouquinho de leite?”. O comissário, achando muita graça, disse com a maior cara de brincalhão: “Você está vendo alguma vaca aqui dentro? Tem fresco de limão, lá atrás, pode pegar”. Disse ele, apontando para uma torneirinha daquelas. Nesse voo lembro que a turbulência foi enorme em razão da baixa altitude, deixando uma parte de nosso pessoal meio atordoada. Na chegada a Balsas muitos amigos e conhecidos estavam

nos esperando no aeroporto e nos recepcionaram com muita satisfação. A viagem foi muito interessante, tanto que várias lembranças são mantidas até hoje, passados quase cinquenta anos. A temporada valeu a pena por mais uma experiência para todos nós, praticamente no início do Big Brasa!

- As festas em Teresina, Piauí

No Piauí o Big Brasa se apresentou mais de uma vez em Teresina e Parnaíba. Em Teresina ficamos hospedados com o nosso tio Raldir Bastos e tia Hermelinda (in memoriam), que nos receberam de forma excelente, apoiando a parte logística das festas. Assim pudemos estabelecer um convívio com todos os meus primos.

Em um dos bailes realizados em Teresina, no Clube dos Diários, lembro que durante o intervalo houve um show de um grupo musical da terra, que se apresentou muito bem. Quando retornamos para a segunda parte do baile o Big Brasa mostrou determinação para superar o tal grupo musicalmente e conseguimos nosso objetivo. Com um bom repertório, o esforço para apresentar uma música de qualidade mais uma vez tinha sido recompensado.

Naquele dia, por exemplo, durante uma pequena pausa durante a festa senti que meus dedos da mão esquerda estavam latejando muito, em função de solos e muitos improvisos executados. Quem sabe também por causa de encordoamentos velhos da minha guitarra. Tive a impressão que estavam sangrando.

Logo que desci do palco derramei sobre os dedos primeiramente um pouco de guaraná, para suavizar um pouco a sensação. Vendo que estava tudo normal, apenas doloridos, fiquei mais tranquilo e segui em frente até o final daquele baile, sem problemas.

- Shows em Parnaíba, Piauí

O Conjunto Big Brasa integrou uma caravana composta por apresentadores e artistas da TV Ceará, Canal 2. Viajamos em um ônibus muito bom, com todos do grupo e alguns artistas da televisão. Com muita propaganda na TV Ceará os sucessos daqueles eventos estavam praticamente garantidos. Em Parnaíba destaque especial para um *show* realizado no SESC, seguido de baile no principal clube da cidade, nos quais o conjunto se apresentou de uma forma impecável e foi muito bem recebido por uma plateia calorosa e muitas fãs. Um detalhe: ao final da última música, uma senhora que estava na frente do palco, aplaudindo freneticamente durante o tempo inteiro, disse para mim que queria cortar um pedaço de minha orelha para ficar de lembrança. Já pensaram, que desejo extravagante?

Após o término desta apresentação vale registrar que o conjunto teve dificuldades para deixar o palco, localizado no auditório, que ficava no segundo andar do prédio, em razão do assédio praticado pelas fãs. O que se repetiu em seguida, quando

precisamos atravessar o pátio para chegar aos transportes que nos levariam para o clube. Eu e o Lucius Maia, por exemplo, passamos entre muitas garotas que aproveitaram a oportunidade para nos abraçar, beliscar, beijar e pedir autógrafos, gritando freneticamente. A televisão realmente exercia uma força de propaganda significativa para o Big Brasa no interior do Estado. De forma que sempre fomos muitíssimo bem acolhidos em todos os locais. Nossos fãs estavam sempre presentes e nos davam muito carinho.

- Presença em Mossoró, Rio Grande do Norte

Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, o Big Brasa animou diversos bailes. Dentre eles o da formatura do Carló (in memoriam), um dos fundadores do Conjunto Big Brasa, como engenheiro agrônomo. Essa festa de formatura da Escola de Agronomia de Mossoró foi um sucesso total.

Havia uma predisposição para que isso acontecesse em função do Carló ser muito conhecido na cidade (era chamado apenas de “Big”, pelos seus colegas de turma e demais conhecidos). Todos os seus amigos se integraram ao nosso grupo e o baile, que contou com presença de um grande número de pessoas, transcorreu dentro da mais absoluta normalidade.

Em outras oportunidades que o Big Brasa se apresentou em Mossoró, lembro que o conjunto estava bem ensaiado e com um instrumental excelente (o que havia de melhor para os padrões da época), com equipamentos bons e todos os acessórios como pedais wah-wah e distorção. O conjunto, além das músicas de sucesso do momento e variado repertório, tocava sempre uma sequência de músicas do famoso guitarrista Carlos Santana, com várias músicas que favoreciam espaços para improvisação e nós os aproveitávamos bem.

A título de registro, muito de nosso foi inspirado, além do Santana, nos exímios guitarristas Jimi Hendrix e Eric Clapton, os quais me serviram de modelos para a criação de um estilo particular. O nosso ritmo em termos de percussão estava reforçado por duas tumbadoras. O Conjunto Big Brasa atravessava uma fase marcante de muito som.

O ACERVO DO CONJUNTO BIG BRASA

O início de todo o material que compõe o acervo do Conjunto se deve às boas providências de minha saudosa mãe Zisile. Assim temos hoje recordações dos bons tempos do Big Brasa através de notas publicadas na imprensa em variados períodos e fotografias que ela guardava tudo com um carinho especial! Com muito gosto ela recortava as notas de imprensa, as fotos e as guardava cuidadosamente para montar seus álbuns. Essas recordações possuem um valor inestimável para todos aqueles que efetivamente participaram dos Anos 60, da Jovem Guarda e de modo especial do Big Brasa.

O fundamental é que o entusiasmo pelos registros de tudo proporcionou a manutenção do acervo do Big Brasa por mim e hoje podemos compartilhar com familiares, com o público em geral, amigos, fãs do Big Brasa e todos aqueles que vivenciaram aquela época maravilhosa. Lembro saudosamente de alguns momentos em que minha mãe me mostrava uma publicação, algum recorte de jornal, dizendo, com muita felicidade: “Olhe João Ribeiro, saiu esta nota hoje”... E as guardava nos álbuns.

- Uma crônica sobre o Conjunto Big Brasa!

“**Big Brasa - A Crônica dos Anos Dourados**” foi o título da Coluna Entre Aspas, (Caderno C) do dia dez de setembro de 1998, publicada no Jornal Tribuna do Ceará, que trás a capa de meu livro estampada em página inteira, cujo exemplar guardo até hoje com extremo carinho e que vou transcrever a seguir para na íntegra, sem tirar nem colocar uma vírgula sequer. A crônica foi escrita pelo jornalista Luiz Antonio Lima Alencar, que vivenciou o período e conhece bem a história da música no Ceará e o mundo do rock. O “Peninha” foi integrante do Conjunto, sendo tratado por nós como um Eterno Big Brasa. Dizia a crônica:

“O Big Brasa e minha vida musical, um livro a ser lançado na primeira quinzena de janeiro que fala de um grupo cearense que representou os tempos áureos da Jovem Guarda.

Em 1967, Fortaleza era uma sociedade ainda com sabor provinciano, com apenas um canal de televisão em preto e branco e a música de Jovem Guarda detonando nas emissoras de rádio e nos corações. A cidade era cheia de conjuntos de música jovem chamada yê-yê-yê, que era justamente o som que os Beatles, o Rolling Stones e Cia. Ltda. faziam pelo mundo afora.

Em Messejana, o jovem João Ribeiro da Silva Neto, então com 15 anos, exibia orgulhosamente sua primeira guitarra para os amigos, uma novidade naqueles tempos inocentes e fundava uma bandinha com o nome adequado para a época Big Brasa. Com equipamentos primitivos para o dia de hoje, mas eficientes para aqueles anos inocentes, o grupo passou a tocar bailes, levando o som de Roberto Carlos, Renato e seus Blue Caps, Beatles e Stones, para os circunspectos clubes sociais, escandalizando os diretores com suas músicas consideradas barulhentas em contrapartida com os boleros e mambos de então.

O livro **O Big Brasa e Minha Vida Musical - Anos Dourados**, de João Ribeiro da Silva Neto, com 154 páginas, fala de sua experiência pessoal como músico de música pop dos Anos 60, mas abrange também uma



época considerada exuberante na história local e do mundo, principalmente na área musical.

O mais curioso é a participação de um senhor de cinquenta anos, o contador Alberto Ribeiro da Silva, no projeto que envolvia adolescentes e suas travessuras, o que dá um choque de gerações tão comum nos Anos 60. Mantendo uma linha de autodepoimento o livro passeia pelos fatos inocentes do período, numa linguagem simples e até coloquial como um bate-papo. A realidade musical da época, que com várias bandas do estilo fazendo a cabeça do pessoal e invadindo a seriedade dos clubes, se faz presente de maneira leve e indireta.

O esquema era interessante. Na medida em que os grupos cresciam em termos de volume de som e equipamentos, os diretores de clubes ficavam escandalizados com a barulheira infernal para seu gosto, enquanto o som e os costumes evoluíam. O Conjunto Big Brasa tipifica essa mutação comportamental interessante, a partir do instante em que jovens da classe média urbana faziam sua revoluçãozinha de maneira inocente em um palco, tocando para as pessoas dançarem, enquanto as cabeças mudavam.

Vale lembrar que entre 1967 e 1977, período de vigência do Big Brasa, Fortaleza dispunha de pouquíssimas, elitizadas e tímidas boates, e o escoamento jovem ia para os clubes, condensando a onda toda. As letras românticas e inocentes, a ausência de drogas, e as guitarras e amplificadores de baixa potência, quase sem efeitos, era a receita da felicidade dos anos dourados. Haja vista que, quando o Conjunto Big Brasa começou a usar os primeiros pedais de efeitos, numa marca de pioneirismo, causou sensação entre a moçada.

O livro de João Ribeiro trata de tudo isso, com a leveza de um bate-papo carinhoso e nostálgico.”

- **“Big Brasa, excelente conjunto musical dirigido por um joseense”**

Acima a manchete de uma nota publicada em um jornal de São José dos Campos, São Paulo, pelo jornalista Vantuíldes José Brandão, que visitou Fortaleza em 1969. Esse jornalista falava de sua amizade com meu pai, durante os vinte anos que morou em São Paulo e destacava que dois participantes do Big Brasa eram “filhos da terra”, os seja, joseenses.

Depois de algumas considerações sobre a composição do Big Brasa, dizia a nota: “Fortaleza é uma capital de um milhão de habitantes e que possui muitos conjuntos musicais que atuam em seus clubes. Pois bem, o Conjunto Big Brasa é considerado um dos melhores. O simpático conjunto atua nos principais clubes de Fortaleza e já percorreu as principais cidades do Ceará e de outros Estados. Alcançou pleno sucesso em Teresina, no Piauí e São Luís, no Maranhão”.

- **“Big Brasa retorna quente de São Luís: Música Jovem”**

Dizia a publicação: “O conjunto musical Big Brasa, um dos papas do iê-iê-iê, depois de vitoriosa excursão a São Luís do Maranhão, retorna a Fortaleza para animar as festas da gente jovem. Conjunto agressivamente musical e de excelente qualidade, o Big

Brasa tem uma característica moderna, tocando o ritmo do iê-iê-iê, em suas diversas modalidades, como os sambas modernos ou a bossa-nova, dentro do melhor estilo de Vinícius de Moraes, de Tom Jobim e ainda da música de protesto de Edu Lobo ou ainda de Gilberto Gil. Na capital Timbira atuou nos melhores clubes, lavrando magníficos tentos”.

- “Big Brasa em Teresina”

Nota de um jornal de Teresina:

- “Registramos a presença em nossa capital do Conjunto Musical Big Brasa, radicado em Fortaleza, onde faz muito sucesso. São integrantes desse grupo musical: Marcos Oriá, João Dummar Filho, João Ribeiro e Carlomagno Lima (guitarristas), Severino Tavares (baterista) e Getúlio Ribeiro (mascote). Esses rapazes são todos pré-universitários e aqui estão hospedados na residência do Professor Raldir Bastos. Boas vindas, rapazes!”

OS FESTIVAIS NORDESTINOS DA MÚSICA POPULAR

Em Recife, Pernambuco, o Conjunto Big Brasa participou duas vezes das finais dos Festivais Nordestinos da Música Popular, televisionados para todo o Norte e Nordeste. As transmissões pela EMBRATEL naquela época consistiam novidade e motivo de repercussão na imprensa, visto que apenas eventos de grande vulto mereciam tal destaque.

Não existiam as redes nacionais de televisão, como atualmente. Eventos transmitidos assim eram esporádicos. Os anúncios na televisão diziam: “Festival Nordestino da Música Popular com transmissão ao vivo para todo o Norte e Nordeste”.



Big Brasa e Ednardo em Recife - Revista “O Cruzeiro”

Sobre o primeiro Festival, realizado em dezembro de 1971, trecho de uma nota publicada por um jornal cearense: “Está seguindo na próxima sexta-feira para a capital pernambucana a equipe de compositores e intérpretes que apresentarão as composições selecionadas em Fortaleza para concorrer ao II Festival da Música Nordestina. Entre a turma de músicos cearenses se destaca a participação do Conjunto Big Brasa, que defenderá as músicas Beira-Mar e Rua do Ouro, classificadas em primeiro e quarto lugares respectivamente”.

Pouco antes da final do primeiro Festival Nordestino da Música Popular que o Conjunto Big Brasa participou em Recife, defendendo músicas do Ednardo, adquirimos em São Paulo dois pedais do tipo wah-wah de marca nova. A ideia era usar um para a guitarra-solo e outro para o órgão. A aquisição desses equipamentos foi um verdadeiro show de competência e de logística do tio João. Tudo muito rápido, a aquisição, a remessa e enfim a chegada dos pedais em tempo recorde. Fomos receber a encomenda no Aeroporto, diretamente no departamento de bagagens da VARIG, quase às 23 horas. Deu tudo certo, os pedais foram incorporados ao nosso instrumental e utilizados de acordo com o planejamento.

- Transmissão ao vivo para o Norte e Nordeste

A respeito desse Festival, que foi televisionado para todo o Norte e Nordeste (na época uma transmissão por demais comentada), lembro de alguns acontecimentos interessantes. Um deles durante o ensaio geral, no Ginásio Coberto localizado no bairro Embiribeira (idêntico ao Paulo Sarasate, de Fortaleza, porém mais bem acabado, pois tinha alojamentos, restaurante e uma área externa bem maior).

No ensaio do Conjunto Big Brasa com a orquestra de Recife, acompanhando a música Beira-Mar, do Ednardo, o maestro ficou entusiasmado com a música e o arranjo. Também entre os músicos da orquestra a opinião unânime era a de que aquela música tiraria o primeiro lugar. Mas para ganhar em Recife não tinha jeito! Ficamos apenas com um terceiro lugar e uma menção honrosa. Valeu, entretanto, a extensa reportagem sobre o Festival publicada na extinta Revista O Cruzeiro (a qual está no acervo do Big Brasa), transcrevendo com destaque e na íntegra a letra de Beira-Mar e publicando a foto do Ednardo, acompanhado pelo Conjunto Big Brasa e pela orquestra de Recife.

- A torcida e as vaias para os concorrentes

A torcida pernambucana nesses festivais se assemelhava ao que ocorria com as rivalidades por conta do futebol, sendo totalmente contrária às delegações da Bahia e do Ceará. Um segundo fato interessante deste festival, que eu nunca esquecerei, foi que durante o intervalo da TV, quando nos preparávamos para entrar no ar com o Ednardo, o público do Ginásio, que estava completamente lotado, começou a vaiar intensamente o Ednardo e o conjunto. Estávamos todos muito nervosos, evidentemente. E tome vaia, mesmo porque eles vaiavam tudo que fosse do Ceará. Um cara da plateia tocava uma buzina que emitia um som engraçado e depois vinha a vaia. Mas, por felicidade e presença de espírito, talvez, peguei o tom daquela buzina na guitarra e com o wah-wah, após o cara tocá-la, reproduzi o som no palco com a guitarra a plena altura! Depois sucessivos toques e de minhas respostas com a guitarra o pessoal gostou e tudo virou brincadeira. Alguns até aplaudiram e a vaia rapidamente cessou. Foi ótimo para todos nós. Por último faço questão de registrar a verdadeira e inadmissível *falha* do maestro da orquestra pernambucana, que na hora

de começar a apresentação do Ednardo, veio me perguntar o andamento da música para fazer a introdução, com a orquestra. Eu expliquei para ele, cantei as primeiras notas da melodia, gesticulando com as mãos o andamento correto. Mas qual foi nossa surpresa, quando esse maestro iniciou Beira-Mar com um andamento completamente acelerado! E nosso baterista estava com a orquestra. Foi uma luta nos segundos iniciais para tentar fazer o andamento retroceder ao original, uma verdadeira briga entre a orquestra e o Conjunto. De propósito ou não o fato é que isso certamente contribuiu para atrapalhar o Ednardo, que ficou mais branco do que pó de giz durante toda a música. Esse pequeno deslize do maestro pernambucano prejudicou de forma significativa nosso desempenho naquela noite.

Nas folgas, depois dos compromissos com ensaios, saímos em grupo para conhecer os pontos principais de Recife. Com quase tudo financiado pela TV Ceará, ou Diários e Emissores Associados do Ceará, da Rede Tupi. Conhecemos duas adegas muito bonitas e aconchegantes, que apresentavam shows noturnos. A Adega do Bocage e a da Mouraria. Estivemos também na praia da Boa Viagem e em alguns pontos turísticos da cidade.

EQUIPAMENTOS E AS DIFICULDADES DA ÉPOCA

Esta parte de nossos registros é importante no sentido de dar conhecimento aos músicos mais da atualidade sobre como eram os equipamentos na época, as dificuldades em sua aquisição em Fortaleza e outros detalhes curiosos.

No início do Conjunto Big Brasa adquirir instrumentos ou acessórios musicais era muito difícil em Fortaleza. Não havia nenhuma loja especializada neste setor. Algumas possuem seções com poucos instrumentos ou acessórios e a diversificação dos produtos oferecidos era mínima.

Por exemplo, quando se encontrava um tipo de encordoamento ou mesmo simplesmente palhetas para guitarra em determinado lugar você poderia se dar por satisfeito. Havia, no entanto, a casa do Sr. Aurélio, no Benfica, onde podíamos encontrar peles diversas para bateria (que eram de couro mesmo inicialmente e com o passar do tempo foram substituídas pelas de nylon), palhetas para guitarra, também difíceis de serem encontradas, baquetas e outros acessórios, como cordas para guitarra e contrabaixo. Tudo isso somente podia ser encontrados na referida loja. O “Seu Aurélio” era a salvação dos grupos musicais...

- O “embaixador” do Big Brasa em São Paulo

João Ribeiro da Silva Filho - o Tio João (in memoriam), meu padrinho e amigo, sempre foi muito prestativo e por mim considerado um verdadeiro embaixador do Big Brasa em São Paulo. Tenho que registrar seus inestimáveis favores prestados a mim e por extensão ao Big Brasa. Residindo em São Paulo, se tornou profundo conhecedor da cidade. Assim sendo, todas as vezes que precisávamos de algum material desse tipo



recorríamos ao Tio João. Necessário destacar o seu interesse, a sua boa vontade em nos ajudar, sua competência para fazer compras acertadamente e pela logística que sempre empregava. Com o Tio João nada tinha mistério e tudo podia ser feito. Era o que se pode chamar de um cara desenrolado. Dependendo da encomenda feita, se ele no conhecesse o equipamento ou o que fosse, dizia: “Bem, eu não sei onde tem isso, mas pode deixar comigo que vou descobrir!” E fazia mesmo. Pouco tempo depois ele dava retorno, dizendo que tinha pesquisado sobre a encomenda, com todos os detalhes possíveis. Muito organizado, outra de suas características era a capacidade com que embalava qualquer coisa (produto, material ou equipamento) de forma que nada quebrasse. Um verdadeiro artista. Uma vez ele conseguiu bater seu próprio recorde de tempo, ao adquirir dois pedais de efeito tipo wah-wah e despachá-los para Fortaleza por via aérea. O pedido foi feito em um dia e a encomenda chegou no dia seguinte à noite. E nós fomos retirar a encomenda no setor de bagagens, perto da meia-noite, ainda no antigo Aeroporto Pinto Martins. Diga-se que isso foi na década de 60 início dos anos 70!

- Os amplificadores e as caixas de som

As caixas de som no início eram pequenas e integradas aos amplificadores. Tínhamos no Conjunto Big Brasa amplificadores de 6, 8 e 10 watts, com as caixas de som, com mais ou menos 70 a 80 centímetros de altura, coisas simplesmente ridículas se comparadas ao que existe hoje em dia em matéria de equipamentos musicais. Tanto que elas pouco aparecem nas fotografias, escondidas atrás dos músicos. Imaginem: duas guitarras ligadas a um amplificador de 6 watts, com um alto-falante de 6 ou 8 polegadas. Que som forte! Com o passar do tempo houve um gradativo aumento da potência e da qualidade dos equipamentos. Nos anos seguintes os amplificadores começaram a ser produzidos em módulos, separadamente das caixas de som. Abaixo seguem comentários sobre alguns desses equipamentos, para que vocês tenham uma ideia mais precisa do material que nós usávamos.



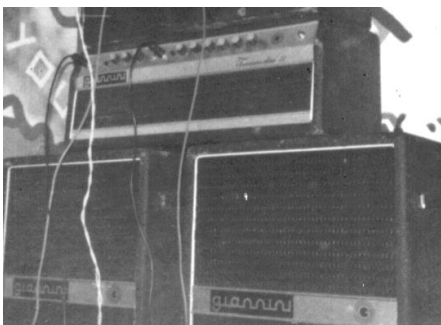
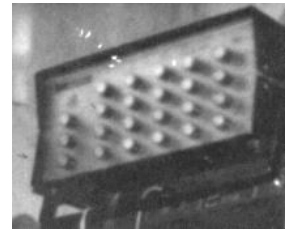
Nota: aliás, em muitas apresentações da atualidade parece que os tamanhos dos amplificadores retornaram, porém e logicamente com uma qualidade melhor e potência muito maior. Hoje em dia as bandas utilizam pequenos amplificadores nos palcos, que funcionam basicamente para retornos de som para os músicos, mas todos eles com saídas de áudio em linha de modo que se conectem diretamente às mesas de som e aos enormes sistemas de amplificadores e caixas de som espalhados pelos grandes eventos.

- O amplificador Delta



Um dos primeiros equipamentos utilizados pelo Big Brasa para o som de voz foi o amplificador de marca Delta. Tinha o gabinete parecido com os rádios da mesma marca (transmissores e receptores). Aquecia demais e precisava funcionar quase sempre com a tampa aberta, para receber mais ventilação. Em uma das funções do Big Brasa, o nosso Delta começou a apresentar defeito. Então o meu pai, cheio de boa vontade, foi se meter a técnico e, inocentemente, meteu a mão dentro dele para apertar uma válvula de saída de áudio, daquelas do tipo chupeta. Queimou a ponta do dedo, logicamente! Além do susto, o choque também não deve ter sido pequeno. E por brincadeira eu dizia, ainda vai, Mestre Alberto? E ele respondia, sorrindo: “É, aquela foi de lascar!”, se referindo ao episódio.

O superaquecimento dos amplificadores foi um problema difícil para o conjunto. Eles ficavam mesmo que fogo e exatamente por isso apresentavam defeitos com maior facilidade do que os atuais, queimando ou danificando os filamentos das válvulas. Um dos macetes que descobrimos após algum tempo foi o de não transportar os equipamentos logo após de desligá-los. Assim os bigus esperavam um tempo suficiente para que as válvulas esfriassem e pudessem ser movimentadas sem quebrar seus filamentos e queimar. Mais tarde, o papai apresentou uma ideia muito legal para a solução do problema e que foi adotada imediatamente. Foi a de comprar pequenos ventiladores, os quais, sobre uma chapa de sustentação colocada embaixo dos amplificadores, passavam o tempo todo ligados, no deixando o superaquecimento chegar. Os prejuízos decorrentes de equipamentos quebrados por esse problema diminuíram depois desta simples, mas excelente ideia.



Após o amplificador Delta surgiu mais um avanço: o serviço de som Giannini, modelo A-100, também valvulado e composto por dois módulos, que ficavam montados em um “rack”, com suas colunas de som e os seus respectivos suportes laterais. Na parte de cima do *rack* ficava instalado o misturador, para seis microfones, e na parte de baixo o amplificador de potência. Naquela época era um dos melhores. Comparando-se ao que existe hoje é como se estivéssemos utilizando uma mesa de som estéreo, com tudo que tem direito e muita qualidade e potência de som. Cada aquisição de equipamento causava intensa satisfação para todos, como esse serviço de som A-100, comprado na loja Mesbla, que hoje no mais existe.

Num dos carnavais que tocamos em Cascavel descobrimos que o som estava baixando (oscilando) muito por causa de uma válvula que estava frouxa em seu suporte. Quente para caramba, mas o Marcílio Mendonça (atualmente produtor e

empresário do Studio ProAudio), que foi o cantor daquela jornada momina. Ele de vez em quando ficava apertando a tal válvula para que o som melhorasse. Quando comentamos o fato ele lembra e ri muito até hoje. No ano seguinte surgiram outros modelos, o A-200 e o A-300, um pouco melhores e mais potentes. Pouco a pouco, com o avanço tecnológico, novas marcas e modelos de amplificadores apareceram no mercado. Fomos renovando nosso equipamento, pouco a pouco.

- O amplificador “Tremendão”

E mais uma novidade apareceu, com o excelente amplificador “Tremendão”, da Gianinni, com boa qualidade e uma potência de 100 watts de saída, para guitarras, teclados, voz ou contrabaixo. Estes amplificadores permaneceram bastante tempo no mercado e tinham uma saída incrível. Todo conjunto musical desejava ter um amplificador Tremendão. Ele tinha quatro válvulas de saída de áudio tipo 6L6, que produziam uma sonoridade aveludada, um som mais puro. Para as caixas de contrabaixo podíamos utilizar válvulas EL-34, que se encaixavam nos mesmos soquetes (encaixes para válvulas) mas que tinham um som mais agressivo e duro, bem apropriado ao instrumento. Essas máquinas resistiam bem rotina de ensaios e funções variadas.

- O “Reverber”

Hoje em dia temos recursos modernos, mas os sistemas de reverberação antigos tinham sonoridade inconfundível. Mais uma novidade que os amplificadores Tremendão trouxeram foi o Reverber. Consistia em um circuito ligado a um módulo, que ficava dentro do amplificador, numa caixa metálica com duas molas e pequenas bobinas, as quais pelo circuito eletrônico produziam a reverberação no som. O reverber enriquecia a qualidade de áudio nos solos e também em marcações feitas pelas guitarras, ecoando suas notas e acordes.

Depois de acostumados ao reverber eu ficava muito bem acostumado com sua sonoridade. A reverberação produzida podia ser controlada através de botões específicos no amplificador. Em compensação ele fazia muita falta quando apresentava algum defeito. Quando um fiozinho desligava internamente, em especial no compartimento metálico de molas e minúsculos transformadores, disparava uma microfonia danada. E desse modo o reverber tinha que ser desligado imediatamente, pois a microfonia se tornava insuportável (aquele apito bem alto, chamado tecnicamente de “retroalimentação acústica”, que incomodava bastante).

Não posso falar de reverber sem mencionar a música “O Milionário”, que O Big Brasa tocou centenas de vezes nos bailes e apresentações diversas. Esta música sem o recurso do reverber seria impraticável de ser executada, por aqueles efeitos.

- O amplificador True Reverber (Gianinni)

Usávamos esse amplificador para a guitarra-solo. Tinha excelente qualidade, mas pouca potência sonora. Quando se aumentava o volume mais um pouco o som ficava distorcido.

- A caixa de som e amplificador Alex

Esse amplificador possuía muita potência. Ele nos causou espanto pela primeira vez que tivemos que abri-lo, para substituir um alto-falante que estava com problemas. Tentamos abrir a caixa da forma convencional e não conseguimos visualizar os alto-falantes! Depois de alguns minutos alguém notou uma abertura dentro da caixa e ao olharmos para cima logo os encontramos, mas em posição não convencional, ou seja, virados para baixo. A arquitetura sonora era diferente das demais, que tinham os alto-falantes parafusados na parte frontal da caixa de som.



Havia uma preocupação e a necessidade de trocar de equipamentos com relativa frequência, em razão da concorrência dos demais conjuntos. Por isso mesmo que a maioria dos grupos não aguentava a barra e ia à falência... Por outro lado, para economizar, fazíamos reformas nos equipamentos, como troca das coberturas de napa, cantoneiras, pintura de suportes e outras. Cansei de passar noites quase inteiras, horas a fio, retirando coberturas de napa dos amplificadores e das caixas de som e recobrando-os com novo material. Dava muito trabalho. Puxa aqui, estira dali e pronto. Amplificadores e caixas novos de novo. Volta e meia ficava um canto mal acabado mas tudo bem. No dava para ninguém notar e a economia tinha sido feita... Desse modo o esforço estava plenamente recompensado pelo prazer de nos apresentar com um instrumental novinho, bonito, e com um som perfeito.

- Consertos de emergência e as improvisações

Muitas vezes tínhamos que fazer consertos de emergência nos amplificadores, na Capital ou no interior do Estado, quase sempre com pouco ou nenhum material específico. Em uma festa que o Big Brasa animou em Pacoti, um pouco antes de iniciar nós identificamos um defeito no reverber. Levamos a caixa metálica para uma pequena oficina local e fizemos uma solda em um fio da bobina de um reverber com um ferro de soldar enorme, aquecido por uma forja! Vejam a sutileza dessa soldagem, em razão de não termos levado um ferro de soldar convencional e de pequeno tamanho.

Em outra oportunidade o Carló desmontou um amplificador de contrabaixo durante um baile, conseguiu localizar o defeito e trocar um resistor (componente eletrônico), tendo o equipamento voltado a seu funcionamento normal, com a substituição da peça, em uma rápida intervenção. Mas a verdade que muitas vezes não conseguimos

resolver os problemas facilmente. Em algumas oportunidades os amplificadores pifaram mesmo, para valer, e no teve jeito. Pela prática nós conhecíamos, mais ou menos, quando o defeito era sério ou não. E também o bom senso para decidir se daria ou no tempo para consertá-lo na hora, coisa muito difícil, por inúmeras razões, falta de peças ou componentes eletrônicos ou de meios técnicos apropriados, de material e de tempo para o reparo. Em virtude disso houve períodos em que o Conjunto Big Brasa viajava com um amplificador de reserva, para eventuais emergências.

- Os cabos e as extensões, sempre problemáticos

Tenho que falar dos cabos! Cabos e mais cabos coaxiais, para ligações dos diversos instrumentos (guitarras, contrabaixo, microfones e teclados) aos amplificadores e as extensões elétricas. Não se podia confiar muito neles, nem em seus “plugs” ou conectores. Mesmo quando não apresentavam defeito durante as apresentações, quando alguém neles pisava, ou simplesmente suas ligações se rompiam com nossos movimentos, no dia seguinte eu ia examinar e testar um por um. Isto porque na hora de dobrá-los, ao fim dos bailes poderia dar problema e alguma ligação se romper. Pegava logo o ferro de soldar, solda, alicate de corte, sentava-me no chão ou em algum banquinho e começava a revisão. Meu filho Alberto Neto, ainda criança, quase sempre ficava perto de mim observando tudo e me ajudando nessas manutenções.

- A famosa “mala-da-cobra”

Os músicos, os eletricitistas e técnicos em geral sabem o que vem a ser “mala-da-cobra”. Em geral, todo técnico que se preza e também os conjuntos musicais têm este recurso. Chama-se de mala-da-cobra toda caixa, bolsa ou qualquer outro tipo de depósito para transportar os cabos, as extensões e outras miudezas necessárias ao funcionamento do conjunto, tipo plugs diversos, conectores, tomadas, fita isolante, parafusos extras e tudo aquilo que se imagina que poder quebrar numa apresentação. A tal mala deveria conter ainda ferramentas de primeira necessidade (um kit) para as emergências. Em nosso caso eu costumava levar na mala-da-cobra também alguns componentes eletrônicos que costumeiramente queimavam ou apresentavam defeitos, como alguns resistores, condensadores, além logicamente de um bom ferro de soldar, alicate de corte, fita isolante e tudo que nela coubesse.

Esse nome mala-da-cobra se justificou muito bem quando, em uma ocasião, o conjunto tinha acabado de tocar em um clube de Sobral e ao final da festa fomos guardar as tumbadoras em seus estojos de proteção. Dentro deles foi encontrada uma cobra, desta vez de verdade! Que susto. A cobra, certamente se encantou com o som do Big Brasa e com o calor dos estojos. Felizmente saiu do esconderijo e ninguém ficou machucado.

- A primeira bateria do Conjunto Big Brasa



Toda azul, com as partes metálicas de cor cinza metálico, a primeira bateria que o Big Brasa usou foi adquirida da charanga do Gumercindo, líder da torcida do Fortaleza Futebol Clube. Lembro como se fosse hoje da alegria que todos sentimos depois que meu pai concretizou o negócio. No primeiro mês de utilização ela sofreu uma pequena avaria. Quebrou um suporte do bumbo.

Em razão da necessidade de uso nas festas passou um tempo assim. Para vocês terem uma ideia, para que o bumbo se sustentasse em firme era preciso colocar um transformador velho de lado para servir de apoio... Assim mesmo velha, recebeu logo uma pintura nova e nos prestou inestimáveis serviços. Possua excelente sonoridade e suas peles eram de couro mesmo (tínhamos que saber como colocá-las nas armações). Ainda não havia as facilidades das peles de nylon, modernas e facilmente substituíveis.

- A bateria Pinguim

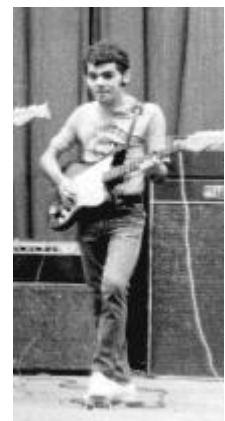
Em madreperla branca, de marca Pinguim, uma das melhores no momento, era de excelente qualidade e muito bonita. Foi comprada em São Paulo. A minha mãe Zisile negociava bordados de Fortaleza com minha Tia Zenóbia, que ainda residia em São Paulo. Aproveitando uma das transferências que receberia por conta dos negócios ela pediu ao tio João que fizesse a compra de uma bateria “novinha em folha”.

Quando este instrumento chegou foi motivo de admiração por todos nós. A bateria depois de montada ficou linda. O meu pai, na preocupação de preservá-la em bom estado, mandou logo fazer uns estojos para todos os seus apetrechos. Por essa excelente providência que essa bateria teve longa duração, sempre bem conservada e em ordem.

- A primeira distorção em Fortaleza!

Iniciativa, curiosidade e vontade de fazer! Contarei para você como foi que surgiu a primeira distorção do Big Brasa e de Fortaleza. Para que os mais novos tomem conhecimento ocorreu uma verdadeira pesquisa, com pleno êxito. Naquela época não existia o “Tio Google” para as consultas e nem o Youtube com a infinidade de vídeos ensinando praticamente tudo! Tínhamos que fazer mesmo, simplesmente assim.

Foi assim que a ideia surgiu: ao ouvir umas gravações, a fim de



escolher músicas para nosso repertório, notava alguns sons de guitarras super pesados, mas não sabia como é que os caras conseguiam aqueles efeitos. Um tempo depois, ainda pensando no assunto, soube que existia um aparelho, que conectado guitarra, produzia aquele som rachado e distorcido. Esse tal aparelho se chamava de distorção. Fiquei louco de vontade de conseguir um som daquele tipo e comecei a falar com todo mundo que eu achasse que poderia ter uma ideia. Escrevi uma carta para o tio João e, depois que ele fez sua pesquisa em São Paulo não conseguiu descobrir nada, para nossa tristeza. E continuei procurando o tal aparelhinho (distorção) sem nada conseguir...

Na verdade eu nem sabia o nome do aparelho direito, muito menos o Tio João, que leigo em música, não conhecia mesmo o som que eu procurava. Pois olhem, segue a dica: quando desejarem alguma coisa, finquem o pé e batalhem, lute e tome iniciativas que certamente serão bem recompensados”.

Um belo dia, em minhas conversas com colegas, disse para o Júlio Matos, um amigo nosso também aficionado por eletrônica, que estava querendo comprar uma distorção mas não sabia onde. Para meu espanto ele me falou que tinha uma revista de eletrônica com um esquema, ou seja, o diagrama de montagem de uma distorção. Foi demais! O bom é que o Julinho gostava do assunto e sempre foi um técnico muito competente e pesquisador. Assim ele ficou interessadíssimo e disse que poderíamos tentar montar a tal distorção.

Compramos todos os componentes necessários para a montagem e depois de poucos dias estava ele, com uma caixinha de metal, que deveria ter sido de alguma outra montagem ou experiência anterior. Com muito cuidado, localizamos quais os locais de entrada e de saída de som, para que a guitarra fosse conectada ao aparelho e este ao amplificador. Fizemos os cabos necessários, todas as devidas soldas, plugs e pronto. Preparamo-nos para o resultado. Acreditem: neste momento mais parecíamos dois soldados tentando desarmar uma mina, na expectativa de uma explosão, tal era nosso grau de ansiedade. Suspense total. Após ligar tudo, peguei a guitarra e toquei algumas notas. De início, nenhuma alteração e ficamos naquela, os dois meio sem jeito, sem olhar um para o outro. Fui tocando mais um pouco e mexendo nos dois potenciômetros (botões de regulagem) que o aparelhinho possuía. De repente, o som ficou mais forte e pesado, começando a distorcer. Nessa hora, eu comecei a rir muito e a dizer:

- “É isso aí cara, este é o som que estava querendo, deu certo!” O Julinho estava incrédulo, visto que ele próprio não sabia que som ou efeito sua montagem seria capaz de produzir.

- Mais novidades com os pedais “wah-wah”

O Conjunto Big Brasa sempre procurou criar um diferencial e fazer inovações. Também foi o primeiro conjunto musical de Fortaleza a usar o pedal conhecido como

wah-wah, que fez um sucesso enorme em nossas apresentações. Pouco tempo depois da distorção caseira por nós construída o nosso pioneirismo continuou, desta vez com a aquisição de dois pedais do tipo wah-wah, em Recife. Os equipamentos causaram admiração geral em todos que ouviam o seu som, tanto que algumas pessoas ficavam, sem querer, balançando a boca, imitando os sons “wah-wah” que minha guitarra produzia com os tais pedais.

Inauguramos o wah-wah durante todo o Festival Nordestino da Música Popular, realizado no Náutico Atlético Cearense, que teve como vencedora a música Beira-Mar, do Ednardo, acompanhado pelo Big Brasa. Ligado guitarra-solo produzia sons diferentes e foi motivo de admiração. Algumas pessoas chegavam a ficar com a boca fazendo o movimento correspondente ao wah-wah.

Ao longo de minha carreira como guitarrista-solo usei várias marcas de pedais desse tipo. Sua característica, para quem é leigo ou não conhece esse pedal de efeito, é de possibilitar a que o músico alterne rapidamente de um som agudo para um grave e vice-versa, através de movimentação com o pé, produzindo efeitos espetaculares. Daí o nome desse pedal ser wah-wah.

- Modificações na minha guitarra

Tive umas quatro ou cinco guitarras durante a existência do Conjunto Big Brasa. Cuidava muito bem delas, como tenho zelo por tudo que possuo até hoje. O músico que se preza tem que tratar muito bem de seus instrumentos e acessórios musicais, conservando-os sempre da melhor maneira possível. Uma dessas guitarras, a que mais gostava foi uma Supersonic, fabricada pela Giannini, que passou a ter uma sonoridade deferente. No princípio eu a usei por algum tempo sem modificação nenhuma. Essa guitarra possuía uma característica importante para um solista. Com ela eu conseguia utilizar a alavanca diversas vezes sem que ela perdesse a afinação (para quem músico fica mais fácil entender). Nos improvisos em rocks e blues isso fundamental. Assim eu podia usar e abusar dos efeitos com a alavanca, que a guitarra suportava muito bem, continuando afinada.



Inspirado nas novidades, um dia resolvi melhorar aquela guitarra, nas suas formas e em seu som. Vale lembrar novamente que em Fortaleza não havia quase nada em termos de opções, nos Anos 60 e Jovem Guarda. E se o músico quisesse inovações tinha que se virar por conta própria. Assim parti para a ação e desmontei minha guitarra completamente. Inclusive seus componentes eletrônicos, como os três captadores de som, sistema de alavanca, molas, cavalete, braço, tudo. Ao final eu olhei para as peças e pensei: será que vai dar certo? Com uma pequena serra “tico-tico”, limas e lixas, cortei um pouco suas formas de modo que ela ficasse parecida

com uma guitarra Fender, uma das melhores do mundo. Depois começou a parte dos acabamentos. Apliquei massa como se faz numa pintura de automóvel, no sentido de laqueá-la. A pintura de branco foi aplicada com pistola, com um cuidado todo especial. Ficou muito legal, parecendo até mesmo de fábrica.

Para a mudança da sonoridade instalei um novo conjunto de captadores importados, que tinha adquirido durante uma de minhas viagens à Zona Franca de Manaus. Escolhi um deles em substituição a um dos originais, por ter uma sonoridade bem interessante. Detalhe: andei mexendo um pouquinho nos pequenos circuitos dos controles de graves e agudos, acrescentando ou modificando, na base da experimentação em alguns capacitores (componentes eletrônicos que, dependendo de onde são usados, alteram o som). Enfim encontrei uma sonoridade perfeita para meu uso. Passei então à fase crítica da montagem de todos os componentes, para que ficasse afinando bem e conseguindo todas as oitavas numa boa. Com um encordoamento zerado, não lembro a marca, comecei a testar a nova guitarra. Deu tudo certo! Estava com uma verdadeira Fender de fabricação caseira, que me serviu por muito tempo e que até hoje me traz ótimas recordações. O sucesso nesta verdadeira operação foi pleno! A guitarra Supersonic se transformou em uma guitarra importada, para os meus sentimentos, possibilidades e gosto musical. E de tempos em tempos podia até levar um polimento, tendo em vista que a tinta utilizada era propícia para isso. Ficava sempre novinha e muito legal.

O som ficou muito parecido com a da guitarra Fender. E sinceramente eu achava muito melhor, principalmente pelo fato de ter dado certo e ter sido modificada por mim! Melhorava assim mais um diferencial do Big Brasa.

- O primeiro órgão eletrônico

A aquisição do primeiro órgão eletrônico, de marca Diatron foi feita pelo meu pai, Alberto Ribeiro. Fomos juntos escolher o equipamento e mais um melhoramento tinha sido conquistado pelo Conjunto. Com a presença do órgão eletrônico o Big Brasa evoluiu muito, tendo em vista o aumento das possibilidades de arranjos, combinação das sonoridades, marcação rítmica e base harmônica mais completa, além dos próprios solos do instrumento. Este Diatron não tinha muitos recursos, se comparado aos equipamentos modernos. Possuía um vibrato e alguns timbres diferentes, com os controles de graves, agudos e volume, este feito através de um pedal que volta e meia apresentava defeito, quase sempre em seu cabo de ligação ao equipamento. O segundo órgão adquirido pelo conjunto foi um Novatron, com algumas novidades, mas a mesma essência do modelo anterior. Neste período tivemos também um teclado Minami, adquirido em São Paulo, de qualidade muito boa.

Falando ainda de teclados que o Big Brasa usou, inovamos bastante. Quando passei a tocar teclados eu logo adquiri três pedais (sustainer, phaser e flanger), os quais interligados ao órgão produziam sons bem diferentes dos usuais, despertando muita

atenção por seus efeitos sonoros. E olhe que os sons produzidos eram na essência muito diferentes e assemelhados a teclados e sintetizadores bem recentes...

- A utilização de sintetizadores, com seus múltiplos recursos

Além de órgãos eletrônicos utilizei diversos outros teclados, a exemplo de um sintetizador monofônico (para os que no leigos, que tocava uma nota de cada vez, no produzindo acordes). Pouco tempo depois fui a São Paulo e adquiri um sintetizador polifônico, mais moderno. Com ele a parte harmônica funcionava bem, visto que os acordes soavam normalmente e com excelente qualidade. Entretanto a dificuldade para programar os diferentes sons e efeitos era grande. Perdia-se muito tempo e tínhamos que ser mais operador do que músico, na realidade. Não satisfeito com esse equipamento, troquei-o em Fortaleza por um órgão eletrônico de dois teclados e comprei outro sintetizador, o Poly-800. Com eles passamos a ter sons com timbres muito bonitos e efeitos incríveis.

Começava a fase que perdura até os dias atuais, na qual um músico não pode ser apenas instrumentista. Tem que ao mesmo tempo ter habilidade suficiente para operar os equipamentos, programá-los etc. Daí por diante chegaram os sintetizadores mais pesados, tipo DX-7, da Yamaha.

O primeiro modelo DX7 era excelente, em seus diversos aspectos. Com sua qualidade de som espetacular, o equipamento pesava aproximadamente oito quilos e possuía um teclado de cinco oitavas, muito macio. Possibilitava ao músico nele programar, ou seja, criar seus próprios sons e timbres à vontade e armazená-los em sua memória. O DX7 vinha equipado com um cartucho que continha uma infinidade de sons programados, além daqueles previamente gravados de fábrica. Adquiri depois outros cartuchos RAM, aqueles nos quais podíamos gravar e assim programar sons, timbres e combinações de sons prediletos para poder utilizá-los em outro DX7, se necessário.

Mais tarde tive um teclado Roland, modelo E-20, de excelente qualidade. Com esse instrumento eu e o Airton França (ex-pistonista do Big Brasa) formamos uma dupla interessante. Ele com um violão de marca Ovation, de sonoridade ótima e cantava (muito bem, por sinal). Em alguns arranjos até mesmo tocava piston e eu fazendo alguma parte de vocalização e tocava órgão e sintetizador.

Na fase dos órgãos eletrônicos modernos, cheguei a utilizar alguns desses teclados que fazem tudo, com bateria, baixo, harmonia e efeitos para solo de diversos tipos. Chamados também de desempregadores de músicos, visto que um tecladista com um desses equipamentos pode substituir um conjunto inteiro, dependendo do ambiente que esteja trabalhando. Associado a esses órgãos eletrônicos cada vez mais perfeitos, mantive por muito tempo um sintetizador DX7 - II, da Yamaha, que possibilitava centenas de possibilidades de programação, enfim, um instrumento utilizado pelos melhores grupos no mundo inteiro e com ele utilizava um teclado Roland, também de sonoridade excelente.

A PARTICIPAÇÃO DOS “METAIS” NO CONJUNTO

Vale a pena saber como as coisas aconteciam! Pelo meu gosto pessoal, desejava que nosso conjunto sempre tivesse instrumentos de sopro, como piston, saxofone e trombone. Mas em Fortaleza era muito difícil conseguir músicos jovens, mais ou menos de nosso nível musical, para ingressar no Big Brasa. Quando precisávamos dos “metais” para ocasiões específicas, a saída mesmo era contratar o pessoal da “velha guarda”, músicos veteranos, quase sempre das bandas de música da Polícia Militar e da Base Aérea de Fortaleza. Apesar disso tivemos muitos períodos de sonoridade excelente, com a participação de “metais”.

O Conjunto Big Brasa teve por algumas vezes bons saxofonistas. O nosso saudoso Barretinho, ex-integrante do grupo “Os Rataplans”, foi o primeiro a participar do Big Brasa. De início, teve que nos ensinar várias músicas nas quais a presença do saxofone era fundamental, de modo a incrementar nosso som. Esteve no conjunto por uma curta temporada, mas nos transmitiu muito de sua experiência e enriqueceu nosso repertório com sua participação. Muito animado, contagiava todo o grupo e fazia coreografias enquanto tocava seu saxofone.

Mais tarde tivemos outros saxofonistas como o Cefas, Silvino, Assis, Zezinho e Messias. Todos contribuíram muito para a diversidade de nosso repertório e sua ajuda foi imprescindível, de modo especial nas festas realizadas no interior do Estado, onde sempre tem que sair um forró, um “Saxofone por que choras” ou outras músicas desse gênero.

Entretanto a presença de metais no conjunto foi marcante com a chegada do pistonista Airton França e posteriormente do Mairton Vitor (in memoriam), oriundos da Banda do Colégio Pia Marta. Ambos excelentes músicos, que abrilhantaram e muito enriqueceram o repertório do Conjunto. Com sua experiência de arranjos com metais, principalmente no que se refere aos duetos que faziam, a sonoridade do conjunto mudou completamente e para melhor. Fazíamos arranjos modernos, com improvisações e participações em arranjos de rocks, bem como a execução de diversos clássicos para piston do gênero Herbert Albert.

O PREFIXO “ASSIM FALOU ZARATUSTRA”

O Conjunto Big Brasa só utilizou duas músicas como prefixo/sufixo (para iniciar e encerrar todos os eventos): And I Love Her, dos Beatles e Zaratustra. Ambos tiveram suas fases marcantes e inesquecíveis para mim. Além dos inúmeros clássicos para piston, com o Airton e o Mairton nós escolhemos um prefixo novo. O tema escolhido foi o tema “Assim falou Zaratustra”, um arranjo magnífico para o qual fizemos algumas adaptações para nossa estrutura. Para iniciar o baile nós fazíamos uma coreografia bem marcada, muito legal, acompanhando o balanço de corpo feito também pelos dois pistonistas.

TRANSPORTES DO BIG BRASA

Necessário explicar que na atualidade o sistema é completamente diferente. Há, por exemplo, a terceirização de equipamentos de som, equipes para a montagem de palcos, de luzes e serviços de transporte para toda uma equipe musical. Além dos empresários, produtores, técnicos, enfim, uma estrutura muito grande e completa.

Ocorre que em 1967, quando o Conjunto Big Brasa iniciava suas atividades, não havia nada disso. Tínhamos que desbravar todos os caminhos, aprender tudo, o que significava por exemplo que um músico também poderia exercer as funções de um técnico, motorista e até mesmo montar e instalar seus equipamentos, acumulando mais a função de bigu. E assim o fizemos, com muita dedicação e amor à música.

- Os jipes 1951

No princípio era um “jipe 51”, que cabia todo mundo e mais o instrumental completo. Não acreditam? É pura verdade. Uma bagunça danada, partes da bateria espalhadas, amplificadores minúsculos e algumas guitarras pequeninas e cabos. Mas era só isso, não tinha quase nada e dava para fazer uma festa!



Mas tenho que falar mais desta inesquecível fase dos jipes. Marcante também pelos verdadeiros estragos que eles faziam em nossos bolsos em razão dos inúmeros consertos que frequentemente precisavam. Em contrapartida nos deram muitas alegrias. Passava na televisão, naquele tempo, o seriado Ratos do Deserto, sobre episódios de guerra, no qual o jipe modelo 42, que se assemelhava ao jipe 51, aparecia sempre. Eu fazia de tudo para que o nosso jipe fosse idêntico a um “Rato do Deserto”... Se você não se liga nesse papo de pregos em carros e oficinas, pule esta parte. Agora se quiser se identificar comigo, sofrendo um pouco, siga em frente.

Às vezes eu passava dias inteiros na oficina do Faúna, que se localizava pertinho do Seminário Seráfico de Messejana, em um terreno do lado direito de quem vai para Fortaleza pela Avenida Frei Cirilo, que antigamente era a BR-116. Para manter os jipes em forma tínhamos que marcar presença constante nessas oficinas. Um dia era defeito na parte elétrica, outro na carburação ou na caixa de marchas ou embreagem. Mais raramente, por sorte nossa, um bloco de motor rachado ou empenado, com uma junta do tampão queimada. Essas coisinhas simples de resolver... Como eu tinha pouco dinheiro para pagar mecânicos o jeito foi ir aprendendo a consertar de tudo um pouco, inclusive pintura, chegando ao ponto de efetuar inúmeros consertos em casa, com recursos e ferramentas próprios.

Certa vez um desses jipes ficou quase um mês na oficina, para remendar a lataria e fazer uma pintura nova. Paralelamente, o Raimundo capoteiro (um amigo nosso, muito conhecido em Messejana) fazia uma capota conversível para transformá-lo em clone de um Rato do Deserto, como aqueles jipes usados pelos americanos que a gente via nos filmes de guerra. Foi um verdadeiro sufoco. E haja paciência para que o serviço fosse terminado. Na verdade a oficina não podia se ocupar o tempo integral com nosso jipe e ficava parando de vez em quando para receber pequenos consertos. Mas tudo valeu a pena. Quando o jipe saiu parecia novinho em folha. Coloquei a capota nova e foi um sucesso total. Por onde passava ou estacionava o jipe era muito observado. Tão observado que em uma noite, enquanto tocávamos uma festa de 15 anos na Aldeota, tivemos uma bela surpresa ao sair. Tinham furtado o nosso jipe “Rato do Deserto”. Tristeza, decepção, queixa na polícia e nada. Veio aparecer perto do Círculo Militar, três dias após a ocorrência. Os ladrões, depois de terem usado e abusado do jipe, amassaram seu capota, rasgaram o estofamento dos bancos, capota, tudo. Mas com todos os problemas o fato que os jipes 51 eram muito resistentes, ajudaram o Big Brasa em seu início e nos trouxeram muita sorte em nosso aprendizado no volante!



- A Rural e seus motoristas

No início alugávamos a Rural do Colares, um policial que fazia serviços como motorista em suas folgas. O Colares chegou a fazer algumas viagens com o Big Brasa. Tipo de policial alto e forte, cabelos grisalhos, sempre brincalhão e muito tranquilo. Em certa ocasião, nós achamos o máximo Quando ele desceu a Serra da Ibiapaba, na maior calma, assobiando e dirigindo apenas com uma das mãos. Hoje em dia temos a consciência de que isso não é vantagem nenhuma, muito pelo contrário, mas os tempos eram outros.

Depois conhecemos o Seu Fernando, motorista de praça que nos prestou muitos serviços com a sua rural. O Fernando Galba, como o apelidou o Adalberto, cuidava muito bem da manutenção de sua rural e era super responsável com os compromissos do Big Brasa.

- A Rural do Big Brasa

Mais tarde, com a aquisição da nossa própria rural, chegou também o reboque que o Mestre Alberto mandou fazer para ajudar a levar o instrumental. Dava um trabalho muito grande para dirigir a rural com aquele reboque enorme. Para guardá-la na garagem, com o reboque engatado nem se fala, era dureza... Mais uma vez fomos treinados intensivamente ao



volante e adquirimos mais prática de estrada, como se diz. Toda essa experiência foi importantíssima para mim. Aquela Rural, com bagageiro maior e na parte de cima, nos serviu muito. Tinha um bom motor e mecânica razoável. Sua deficiência era na lataria, que vez por outra estava enferrujando. Como a nossa rural tinha algum tempo de uso, possuía folga na direção, o que sem dúvida se constituiu em um treinamento forçado para todos aqueles que a dirigiram. Às vezes ela puxava muito para os lados, pela folga existente no sistema de direção. A situação ficava complicada, pois tínhamos que corrigir o volante para lá e para cá. Iniciava-se assim um vai-e-vem desgraçado, um verdadeiro perigo...

- A Kombi do Big Brasa



O tempo foi passando e surgiu a oportunidade da aquisição de uma Kombi, o transporte ideal para o grupo naquele tempo. A nossa era uma modelo 1959, azul e branca, com o nome Big Brasa pintado nas laterais e na traseira. Esta Kombi fez história! Era muito conhecida em Fortaleza.

Temos gratas recordações dessa Kombi, a qual por muito tempo serviu ao Big Brasa. Um dia, na volta de um passeio na Prainha, essa Kombi bateu o motor. Como diz o ditado há males que vem para bem e assim foi. No reparo desse motor foi transformada por mecânicos da Ceará Motor em uma equivalente ao ano de 1968, praticamente nova, completamente turbinada. Depois disso nunca nos trouxe problemas maiores e fez inúmeras viagens pelo interior cearense.

Com o objetivo de impressionar e chamar mais atenção eu mandei instalar na Kombi uma descarga tipo Kadron, muito barulhenta. E usava um truque para espantar os pedestres: desligava a chave com o motor em funcionamento e uma marcha de força (uma segunda marcha, por exemplo) engrenada até que a velocidade fosse reduzindo e a compressão do motor fosse aumentando, gradativamente. Aí então ligava a chave de ignição novamente, o que ocasionava uma explosão na descarga, que assustava quem estivesse passando por perto na hora. Uma maldade, reconheço... Mas, coisas da juventude.

- A Chevrolet de duas cabines

“Massa” poderia ser o termo usado para qualificar aquela camionete tipo Veraneio. A Chevrolet, como a chamávamos, foi de grande utilidade para o Conjunto Big Brasa. Era verde, com duas cabines e seis faróis (os faróis de milha eu acrescentei). Para completar aquele carro eu mesmo nela instalei um som, com amplificador e alto-falantes bem distribuídos pelas duas cabines. Para os padrões daquele período era o máximo. Íamos para as festas ouvindo as músicas anteriormente ensaiadas ou então aquelas que a gente ainda tinha que aprender para colocá-las no repertório do Big

Brasa. Assim a gente unia o útil ao agradável. Em viagens ela aguentou firme várias vezes, inclusive no dia em que fez duas viagens de Fortaleza a Mossoró, no mesmo dia, transportando equipamentos do Conjunto e nosso próprio grupo para o baile de formatura do Carló, em Mossoró.

A PRESENÇA DO BIG BRASA NA TELEVISÃO CEARENSE



O Conjunto Big Brasa teve uma presença marcante e frequente na Televisão Cearense por quase sete anos, fator que influenciou de forma significativa na divulgação do grupo em Fortaleza e de modo especial no interior Cearense. O grupo em seu auge fez muito sucesso em Fortaleza, todo o interior do Estado e em algumas cidades do Maranhão e do Piauí. Participava diariamente na TV Ceará Canal 2, do programa Studio 2 e aos sábados do Show do Mercantil, que colocava nossas imagens “no ar” e nos tornava muito conhecidos na capital, Fortaleza, e também em todo o interior do Estado do Ceará. Recebíamos centenas de cartas, dirigidas muitas vezes ao Conjunto Big Brasa, como um grupo, mas também de forma individualizada. As fãs nos mandavam por vezes cartas apaixonadas, algumas até com fotografias. Muitas delas até hoje estão preservadas no acervo do Conjunto Big Brasa para nossos registros.

O ingresso do Conjunto na Televisão ocorreu em um Festival Nordestino da Música Popular, quando o Conjunto Big Brasa acompanhava o compositor Ednardo, na música Beira-Mar, no Náutico Atlético Cearense. Nessa ocasião o Conjunto estava muito bem ensaiado e produzia arranjos musicais belíssimos nas músicas que executava. Na final desse festival a música do Ednardo tirou o primeiro lugar, fato amplamente noticiado através da imprensa local.

Nesta apresentação o nosso grupo musical foi observado pelo radialista e apresentador de TV, Augusto Borges, que apresentava o programa Show do Mercantil, levado ao ar aos sábados pela TV Ceará, Canal 2, antiga emissora de Rede Tupi de Televisão (cujo logotipo era um indiozinho). Este programa era patrocinado pelo Mercantil São José. Pois bem: o Augusto Borges ficou empolgado com o Conjunto e naquela oportunidade nos convidou para participar de seu programa semanal de televisão. Assim foi o início de nosso contato com a TV Ceará, Canal 2, que viria a nos projetar em todo o Ceará.

O PROGRAMA “SHOW DO MERCANTIL”

Como era o Programa Show do Mercantil, do qual o Conjunto Big Brasa participou por quase sete anos? Levado ao ar aos sábados, pela extinta TV Ceará, Canal 2, da Rede Tupi de Televisão, quase sempre apresentava muitos quadros interessantes e

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

de bom conteúdo. Durante muito tempo a apresentação do referido programa, no auditório da TV Ceará, teve como pano de fundo o Conjunto Big Brasa. Assim, qualquer que fosse a atração a nossa imagem estava a aparecer na televisão, fato que contribuiu de forma significativa para nossa maior divulgação no interior do Estado. No decorrer dos programas o Augusto Borges frequentemente se dirigia ao Big Brasa, fazendo um comentário ou simplesmente brincando com algum de nossos componentes. Desse modo nossa imagem se propagou rapidamente e nos tornamos muito conhecidos pelo público em geral.



- A seleção de calouros

A participação musical do Big Brasa no Show do Mercantil tinha início às noites das quartas-feiras, quando eu fazia uma seleção de calouros para se apresentar no programa seguinte, na qualidade de produtor musical. Funcionava assim: no auditório da TV Ceará os candidatos chegavam cedo e o ensaio era iniciado por volta das 20:00 horas. Ao lado do palco, ao piano ia chamando os calouros por ordem de chegada e perguntava-lhes o que gostariam de ensaiar. Depois do acompanhamento de cada candidato, fazia algumas anotações para escolher os melhores e fazer o anúncio dos aprovados ao final, aqueles que se apresentariam no programa do sábado seguinte. Em cada ensaio eu ouvia em média trinta candidatos para escolher apenas quatro, estes que ensaiariam na sexta-feira com todo o conjunto.

Um ensaio ensaio-geral era realizado às sextas-feiras, quando o roteiro do programa ficava pronto. O conjunto Big Brasa ensaiava com as músicas com os calouros com introduções, até que ficassem no ponto para o programa. Alguns deles ainda erravam algum detalhe no sábado, motivados pelo nervosismo. Depois desse ensaio as entradas das músicas eram repassadas de forma muito rápida, no sábado, pouco antes do início do programa, apenas para relembrar.

Vários foram os artistas cearenses que o Conjunto Big Brasa acompanhou, alguns cearenses e outros deles de fora do Estado, a maioria famosos e com projeção nacional. Foram quase sete anos com atrações todos os sábados. Em muitos desses programas cantores de fora, quase sempre vindos do sul do País. A seguir estão listados alguns deles, em ordem alfabética: Adriano (Francisco de Assis), Carlos Imperial, Belchior, Cauby Peixoto, Cláudia Barroso, Demétrius, Dóris Monteiro, Ednardo, Jorge Melo, Luís Vieira, Mardonio, Márcio Greick, Pablo Sebastian, Pekin, Rodger, Sandra Sá, Wanderley Cardoso, dentre outros. O próprio Roberto Carlos chegou a se apresentar no programa, acompanhado do também famoso "RC7", a sua espetacular banda musical. Eduardo Araújo e Silvinha da mesma forma.

- Nosso encontro com o Rei do Baião

Em um dessas tardes de sábado, o Big Brasa estava preparado. Com o auditório da televisão lotado, o programa naquele dia apresentaria muitas atrações. A produção musical, sob minha responsabilidade, tinha preparado alguns novos cantores da terra, selecionados entre aqueles que tinha sido calouros. Além disso apresentaria o próprio quadro de calouros e alguns números do Conjunto Big Brasa, músicas de sucesso recentemente ensaiadas. Para aquele dia, a produção do programa, através de diversas chamadas (comerciais do programa exibidos durante a programação durante a semana) tinha anunciado uma grande surpresa para o público.

No início do programa o Augusto Borges adiantou a atração, que seria o famoso compositor e músico Luiz Gonzaga, nada menos do que o Rei do Baião, como ficou conhecido internacionalmente. Durante os intervalos saíamos do palco para a antesala do programa. Nesse dia estávamos também querendo ver de perto o Rei do Baião. De repente em uma desses intervalos nos deparamos com o próprio Luiz Gonzaga, calmamente sentado com sua sanfona, aguardando a vez de sua apresentação. O meu pai Alberto Ribeiro, muito entusiasmado com aquele encontro, pois era um dos fãs daquele artista, disse para o pessoal do conjunto, na frente do Luiz Gonzaga, em tom de brincadeira: “Vocês deveriam se perfilar em homenagem a este grande artista”, referindo-se ao Luiz Gonzaga. Ele permaneceu sentado e, sorrindo bastante para nós, respondeu: “deixe os meninos, que eles estão na deles”... E naquele instante todos nós cumprimentamos o famoso Rei do Baião, com satisfação por mais aquele encontro com gente famosa. Naquele momento o Luiz Gonzaga deixou a impressão, para mim, de ser um artista extremamente simples e simpático, além naturalmente de tudo aquilo que produziu em seu inestimável legado musical.

O Conjunto Big Brasa quase sempre apresentava um número na abertura e mantinha algumas músicas para preencher alguma lacuna. Acompanhava a apresentação dos calouros e praticamente todos os cantores que vinham do Sul do País para temporadas em Fortaleza. Adquirimos muita experiência musical por causa disso. Tínhamos mesmo que ter bastante prática para pegar rapidamente os acompanhamentos das músicas. Ou então tê-las ouvido com antecedência para fazer as harmonias na hora do ensaio. E depois memorizar tudo para não falhar durante o programa, que era transmitido sempre ao vivo.

Sempre havia muita movimentação no Show do Mercantil. Auditório lotado, muita gente mesmo. Nos bastidores do mesmo jeito. Quem conhecia as dependências da TV Ceará, com seus corredores amplos, sabia como chegar ao auditório do programa por dentro. E muitas vezes tudo ficava meio tumultuado, com o pessoal querendo ver os artistas.

Na verdade eu sempre tinha que estar muito atento durante o programa para que tanto a minha participação como produtor musical e a do Conjunto Big Brasa fossem sempre exemplares. Todos os meus amigos de conjunto possuíam o mesmo

interesse, senso de responsabilidade e contribuíram significativamente para este sucesso, pelo seu comportamento exemplar nos ensaios e durante os programas.

- Os operadores de câmeras

Os que trabalharam durante mais tempo conosco foram o Fred e o William, conhecido por “Irmão”. Eles tinham que ter muita agilidade nas operações com seus equipamentos, particularmente no início, com as câmeras RCA, americanas, em preto e branco. As câmeras não possuíam o recurso de aproximação, o “zoom”, tão comum hoje em dia em qualquer filmadora. Na frente de cada câmera existia o que eles chamavam de “torre de lentes”, ou seja, um conjunto de quatro lentes que eles tinham que alternar de acordo com a distância dos objetos em foco. Havia o perigo, por exemplo, de um operador de câmera mudar de lente inadvertidamente, quando a sua câmera estivesse “no ar” - a chamada falha técnica.

- A equipe de produção

O programa, durante os quase sete anos que o Big Brasa participou, era produzido pelo Tertuliano Siqueira, Oliveira Martins e seus auxiliares. Tinham boas ideias. Produzir e dirigir um programa de televisão semanal em Fortaleza, com duas horas e meia de duração não é fácil. A produção tem que se virar para conseguir material e atrações. Entrevistas diversas, artistas de fora do Estado e curiosidades, como o quadro “Fora de Série” faziam parte do *show*.

- A distribuição das sacolas e brindes

Um dos momentos que mais agradava ao público presente no auditório, que ficava bastante agitado, era quando o Augusto Borges mandava distribuir as sacolas do Mercantil São José, sempre recheadas com diversos produtos de qualidade. O Mercantil (patrocinador do programa) encaminhava para a TV Ceará uma porção de mantimentos para serem acondicionados em sacolas e distribuídos ao público no decorrer dos programas. Além do público os participantes do Big Brasa, bigus, técnicos e o pessoal da produção também eram premiados com o brinde do mercantil.

O PROGRAMA “STUDIO 2”



Programa de muita audiência, no qual o Conjunto Big Brasa se apresentou diariamente por quase três anos. Levado ao ar pela TV Ceará, cada programa abordava temas diversos, baseados em entrevistas. Diversos artistas nacionais, cantores, pessoal de teatro e outras personalidades de destaque participaram do “Studio 2”. A formação básica do Conjunto Big Brasa naqueles anos era a seguinte: Severino Tavares (bateria), Lucius Maia (contrabaixo e vocal), Adalberto Lima (teclado), Edson Girão (guitarra e vocal) e eu, João Ribeiro (guitarra-solo).

Dentre os que eu lembro a Dercy Gonçalves com sua irreverência e brincadeiras, mas sendo muito comedida e sem usar nenhum palavrão, tendo em vista a censura existente no período. O famoso músico Zé Menezes também foi acompanhado pelo Big Brasa. No dia em que estive no programa ele usou minha guitarra, para executar alguns solos e improvisos.

Às vezes a contra-regra produzia um cenário um pouquinho melhor do que as simples cortinas e tapadeiras, que eram divisórias de compensado para encobrir um ou outro defeito do cenário. Colocavam mesas e cadeiras como num bar, com platéia e o ambiente ficava mais alegre e descontraído. A luta do pessoal do estúdio era sempre no sentido de manter o silêncio daqueles que não estavam em cena, para não atrapalhar o programa realizado “ao vivo”.

Durante praticamente toda a semana deixávamos o instrumental no amplo estúdio da TV Ceará onde se realizava o “Studio 2”. Nosso material era levado para apenas para os ensaios do conjunto. O som do “Studio 2” sempre foi melhor que o do Show do Mercantil. Deve-se isso, com certeza, aos operadores de áudio e de microfones, além da própria acústica do ambiente. No estúdio a distribuição se fazia com uma “girafa”, que para quem não sabe é um suporte bem grande, como um guindaste, que pode movimentar o microfone por cima de todo mundo, captando bom o som de cada cena. Havia também os microfones de lapela e os “varacionais”, termo que nós usávamos como brincadeira. Explico: como a TV não possuía microfones direcionais, aqueles que captam bem o som em uma determinada direção, o pessoal da equipe técnica adaptava um microfone comum, forrado com esponjas, a uma vara ou haste de metal ou madeira. Por causa dessa improvisação, ficaram conhecidos por nós como os microfones “varacionais”.

Os câmeras procuravam “detalhes” em todos os lugares que podiam para ser mais criativos. Eles nos colocavam “no ar” diversas vezes sem estarmos tocando, em qualquer posição, de preferência quando a gente não notava que seria focalizado. Lembro-me muito bem do William, o “Irmão”, do Fred e o Zé Lenir. O Fred, bastante dinâmico, se deslocava rapidamente para conseguir os melhores ângulos para as imagens que o diretor de imagens (suíte) solicitava. Um desses diretores de imagens que mais trabalhavam naquele tempo nos programas em que o Big Brasa participava eram o Aderson Maia (Dedeco) e o Gonzalez, este principalmente no Studio 2. Ambos muito competentes e gostavam muito de todo o pessoal do Big Brasa.

O conjunto Big Brasa fazia em média dois números por programa. No decorrer dessa temporada a propaganda que o conjunto conseguiu foi enorme, por aparecer diariamente na TV. As músicas quase sempre eram sucessos do momento, cantadas pelo Edson Girão ou pelo Lucius Maia. Tocávamos “temas” de improviso e *blues*, ocasiões em que eu aproveitava para “tirar” sons de todas as maneiras, na guitarra, fato que contribuiu para minha relativa projeção como guitarrista-solo em Fortaleza.

Conseguimos alguns fãs-clubes pelo interior do Estado. Quase todos os dias nós recebíamos muitas cartas de nossas fãs. Umas eram dirigidas ao Conjunto, outras eram destinadas aos músicos, em particular. Acho que os campeões no recebimento de cartas eram o Edson Girão e o Lucius Maia.

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

Ainda hoje mantenho quase todas as cartas recebidas, muitas delas com fotos e até declarações amorosas, com muito carinho e afeto. Sentia um prazer enorme ao receber cada cartinha daquelas. Andei respondendo muitas, pessoalmente. Depois, pela falta de tempo, contratamos uma amiga que respondia tudo por nós. Para atendê-las fiz uma fotografia minha ao lado do caminhão de transmissões externas do Canal 2 e distribuí 500 (quinhentas) cópias para as fãs do conjunto no interior do Estado. Hoje em dia ainda mantenho estas cartas bem guardadas, pois fazem parte de nossa memória.



Ainda sobre fotografias do conjunto, é bom contar que fizemos uma bela foto um dia, quando uma pessoa estacionou seu automóvel conversível “Lorena”, em frente ao Canal 2, para resolver algum assunto de seu interesse. Como estávamos aguardando o horário do Studio 2 entrar “no ar” chamamos rapidamente o fotógrafo da televisão e fizemos uma pose junto ao tal carro. Foram feitas centenas de cópias e enviadas para o interior cearense, em anexo às respostas das correspondências de nossas fãs!

Nos programas nós fazíamos o possível para apresentar novidades, para quebrar a monotonia e mesmo por serem ao vivo e transmitidos diariamente. Assim o Big Brasa aproveitava bem o tempo para mostrar os lançamentos no repertório. Com a guitarra eu abusava dos pedais de efeitos (distorção e "wah-wah") e não perdia oportunidades de improvisar sobre os temas musicais que tocávamos. Era uma boa forma de exercitar as técnicas e também de mostrar para o Ceará inteiro nossas habilidades.

De tão acostumados com as câmeras e com o pessoal do estúdio todo, contra-regras, operadores de microfone e os próprios câmeras, a gente se divertia muito. E eu brincava com os operadores que se aproximavam demais de minha guitarra no intuito de mostrar minha aliança para as fãs do interior.

Algumas vezes fomos entrevistados durante o programa. Um desses dias o produtor do programa resolveu abrir um espaço para mais uma entrevista com o Big Brasa a pedido das fãs. O entrevistador foi o Flávio Torres. Dirigiu perguntas principalmente para o Lucius Maia e algumas para mim sobre nossa atuação em Fortaleza, perguntou se respondíamos as cartas enviadas por nossas fãs etc. Foram bons momentos, que contribuíram mais para nossa experiência com a televisão.

A REPERCUSSÃO DO BIG BRASA NO INTERIOR DO CEARÁ

Se em Fortaleza a televisão divulgava o Conjunto Big Brasa de forma excelente, no interior do Estado a penetração do Big Brasa era intensa, a propaganda era enorme, resultando em muitos contratos para animação de bailes ao longo do ano. Em Fortaleza existia apenas a TV Ceará, Canal 2. Por isso durante muitos anos a imagem do Conjunto Big Brasa foi única no interior do Ceará, em se tratando de grupos musicais, o que nos favoreceu muito. A imagem da TV Ceará chegava até Teresina, no Piauí, através de antenas repetidoras. Daí a nossa grande audiência.

Imaginem: na década de 1970 um conjunto musical que aparecia todos os sábados em um programa de audiência total, visto que não havia as redes nacionais de televisão!

Quando o Conjunto Big Brasa chegava a qualquer cidade interiorana o sucesso era garantido, pela enorme propaganda televisiva. Isto sem contar os programas diários que nós participávamos também na TV Ceará. Em muitos municípios fomos recebidos com faixas de boas-vindas na frente dos clubes! A rapaziada local ficava com um ciúme danado por que suas paqueras e namoradas se atiravam para nós, tudo muito natural, por ser novidade. Coisas de tietes, com direitos a muitos autógrafos sempre.

Foi nesse esquema que praticamente se desenrolou a bem sucedida etapa televisiva do Conjunto Big Brasa, cujos episódios serão motivo de diversos enfoques nestes registros.

O CONJUNTO BIG BRASA EM EXCELENTE FASE

Desde a sua criação, em 1967, o Conjunto Big Brasa progredia rapidamente e se projetava no cenário da música em Fortaleza e em todo o Ceará.

Em 1971 o conjunto estava atravessando uma de suas excelentes fases. Através do Lucius Maia (nosso contrabaixista) conhecemos o Gilberto, um músico percussionista que tocava cuíca em uma Escola de Samba, gente boa e fácil de lidar. Em todos os bailes, depois do intervalo, quando a festa estava no pique mesmo, o conjunto mudava seu esquema. O Adalberto largava o teclado e pegava um surdo; o Sérgio Alves passava de bigu a ritmista, tocando um ganzá enorme, que produzia um som muito legal; o Gilberto pegava a cuíca e tome sambão. Todo mundo cantava e parecia muito com esses pagodes de hoje, bem animados. Fizemos uma sequencia de sambas que podia durar até mais de uma hora, se quiséssemos. Aí a coisa pegava fogo e o ritmo bem marcado daquela sequencia de sambas contagiava todo mundo. Quem não era chegado à música jovem aproveitava para descontar. Uma das características do Conjunto Big Brasa era a de ter um repertório grande e também variado, que pudesse se apresentar para diferentes públicos.

Nosso bom visual contribuía para aquele sucesso, logicamente além da parte musical. Usávamos naquela temporada uns “blazers” muito bonitos e muito elegantes. Minha guitarra nessa época era uma Diamond acústica, muito boa por sinal.

BIG BRASA - CONJUNTO REVELAÇÃO DE 1971

Ainda no mesmo ano o Conjunto Big Brasa recebeu mais uma premiação: foi eleito como o “Conjunto Revelação de 1971”. Uma nota sobre o fato, divulgada através da imprensa, na coluna Mudando de Canal, dizia:

“Este é o excelente Conjunto Big Brasa, exclusivo do programa Show do Mercantil, comandado por Augusto Borges. O Conjunto Big Brasa foi eleito como o conjunto revelação do ano, em recente promoção da TV Rádio e Revista. Constituído por quatro jovens, o



conjunto já acompanhou destacados nomes da música brasileira. Fora da televisão o Big Brasa é um dos mais solicitados para animar festas em Fortaleza e no interior do Estado”.

BIG BRASA ENTRE OS MELHORES DO RÁDIO E DA TV

Em 1972, o Conjunto Big Brasa conquistou mais um título e recebeu o Diploma da TV Rádio e Revista e Prefeitura Municipal de Fortaleza e o troféu “João Dummar”, frutos do Concurso “Os Melhores do Rádio e da TV”. Efetivamente naquele ano o conjunto manteve um padrão de qualidade musical constante, fruto de bons e frequentes ensaios, equipamentos e instrumental sempre de boa qualidade. Portanto, com toda a modéstia, nosso grupo fez por merecer a referida homenagem. Estávamos sempre animando as melhores festas, tanto nos bons clubes de Fortaleza, quanto naqueles do interior do Ceará. A agenda do Conjunto Big Brasa atendia às nossas expectativas!

UMA RECOMPENSA MEREcida

A evolução do Conjunto Big Brasa trouxe uma rápida e acentuada ascensão no meio musical de Fortaleza. Tudo isso fez com que em 1972 o conjunto enfrentasse a maior jornada de trabalho no final do ano. Apenas para dar uma ideia da procura pelo conjunto, mesmo sem a utilização dos empresários, no mês de outubro o grupo tinha contratos assinados para quase todo o mês de dezembro! Foi uma verdadeira maratona de festas, com 28 bailes e quase preenchemos totalmente nossa agenda. Nesse mês de dezembro tocamos ininterruptamente quase o mês inteiro “que nem cantiga de grilo”. Um trabalho árduo e cansativo, mas que todos desempenhavam com facilidade, em razão principalmente do gosto pela música. O que ganhávamos era considerado por todos nós apenas como uma consequência daquele trabalho, feito sempre com muita dedicação. Isso pelo fato do grupo estar atravessando uma excelente fase e muito bem divulgado, tanto em Fortaleza quanto no interior cearense.

Em todos esses bailes, sem exceção, posso afirmar que, modéstia à parte, que o Big Brasa se apresentou muito bem. O repertório, o nível técnico-profissional dos participantes, o vestuário e o alto astral do grupo foram fatores determinantes do sucesso obtido por todos nós.

Naquele período tivemos que contratar mais bigus e um motorista para nos ajudar, de forma que eu pudesse estar completamente livre para retornar para casa tão logo as festas terminassem sem o trabalho de dirigir transportando equipamentos. Uma das preocupações de meus pais era com minha saúde, pelo desgaste sofrido com as noites seguidas de sono perdido, sem a necessária reposição no dia seguinte. Depois de voltar das festas eu dormia até mais tarde para descansar bem e assim suportar a programação. Quando acordava, começava imediatamente a trabalhar para o próximo baile, revisando todos os cabos, plugs e demais acessórios que pudessem ter sido danificados. Volta e meia eu tinha que fazer algum conserto, para deixar novamente tudo em ordem. O Sérgio quase sempre me ajudava nessa tarefa.

Ao final dessa temporada toda a equipe do Big Brasa, inclusive bigus e motoristas, chegou a faturar uma quantia significativa para nossos padrões, bem acima da média,

valendo a pena o esforço. Tivemos um fim de ano extremamente movimentado, onde todo mundo participou de forma plena, de modo a poder cumprir os compromissos e ter uma recompensa merecida!

OS SHOWS COM O EDNARDO

Diversas oportunidades O Conjunto Big Brasa acompanhou o Ednardo, compositor de inúmeras músicas belíssimas, dentre elas Beira-Mar e Pavão Misterioso, esta última tema de novela exibida pela Rede Globo. Ednardo era um dos componentes do chamado Pessoal do Ceará, composto também pelo Belchior, Rodger, Tetty e Jorge Mello, este último que ainda hoje mantemos contatos e está sempre conosco através das redes sociais. O Big Brasa teve a oportunidade de acompanhar todos eles, quer na televisão ou em apresentações em clubes ou em outros eventos em Fortaleza.

Com o Ednardo estivemos em dois importantes Festivais Nordestinos de Música Popular, ambos realizados em Recife, Pernambuco. Mais tarde voltaríamos a nos encontrar, quando recebemos um convite para a realização de sete apresentações. Três delas em Fortaleza, no Teatro José de Alencar e Ginásio Paulo Sarasate, duas em São Luís do Maranhão e duas em Teresina, essas últimas nos teatros locais.

Os ensaios para os shows exigiram muito esforço, porque tínhamos que deixar vinte e cinco músicas para as exibições, naturalmente com todos os arranjos bem trabalhados. O Ednardo sempre foi bem detalhista e eu também gostava de produzir os melhores efeitos nas introduções das músicas, demais arranjos e encadeamentos harmônicos para que pudesse improvisar e usar todos os recursos de efeitos de que dispunha. Passamos uma semana ensaiando muito, serviço cansativo e por demais desgastante. O importante que tudo ficou bem caprichado. Lembro que copiei em pauta musical todas as introduções e outras passagens para que não houvesse o perigo do esquecimento durante os shows. O Ednardo, além de cantar suas músicas, usava em algumas delas umas percussões para produzir maior efeito nos arranjos e tocava viola ou violão. Toda a produção do show, ao final, ficou excelente. Preparamos cerca de trinta músicas para as apresentações.

Em todas as ocasiões, nas casas de espetáculo ou teatros, como é de praxe, nós tínhamos que instalar todo o instrumental com bastante antecedência, passar algumas músicas ou introduções, esperar que as equipes técnicas fizessem a marcação de luzes, posições, ajustes dos microfones e outros detalhes.

Lembro do show realizado em São Luís de um incidente engraçado: com poucos minutos do início minha estante musical, que não estava bem apoiada, caiu do palco e voaram as partituras todas, caindo bem na frente da primeira fila da plateia! Por sorte um dos espectadores apanhou a estante e me entregou rapidamente, de modo que deu tempo para eu organizar tudo de novo para as próximas músicas. Fiquei apreensivo naqueles instantes, porque dependia daquelas partituras onde estavam anotados detalhes dos arranjos. Ainda bem que a luz dos refletores não estava em

mim naquele momento e pouca gente deve ter notado o pequeno incidente, que poderia ter me atrapalhado.

Foi uma temporada realmente muito proveitosa. Todos adquirimos mais experiência ao trabalhar musicalmente em teatros. A acústica, a plateia, as luzes, a própria disposição do instrumental no palco, tudo era diferente do que se costuma fazer normalmente em um baile. Participaram deste grupo o Adalberto Lima (alternando entre bateria e órgão, a depender das sequencias. O Cláudio Pereira (contrabaixo) e eu, João Ribeiro, com guitarra, viola e flauta doce, também conforme os arranjos programados.

A INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO PAULO SARASATE

A inauguração do Ginásio Paulo Sarasate obteve grande repercussão em Fortaleza, sendo amplamente divulgada através da imprensa. O Augusto Borges, apresentador do Show do Mercantil, conseguiu que seu programa fosse realizado no próprio ginásio, no dia da inauguração.

Para o Big Brasa foi motivo de muita expectativa, pela novidade de tocarmos em um ginásio coberto em um evento tão importante como aquele. Durante a semana estivemos no local para conhecer os equipamentos (da marca Quasár) e participar dos testes de som do ginásio.

No sábado, dia da inauguração, chegamos bem cedo ao ginásio para montar nosso instrumental e fazer um rápido ensaio com os cantores cearenses que iriam se apresentar. Naquele dia o Conjunto Big Brasa acompanhou o nosso amigo, cantor e compositor Belchior em uma canção magnífica, de sua autoria.

É difícil para um conjunto musical se apresentar em um ginásio coberto, que não foi construído para eventos musicais. Por sua acústica, os sons se misturam e retornam de várias partes, num eco que confunde cada músico e atrapalha o ritmo e o andamento das músicas. Um dos macetes que descobri, era o de me posicionar meio de lado, com a guitarra, de maneira que facilmente pudesse visualizar o pedal da bateria, para sincronizar visualmente minha marcação e os compassos. Deste modo conseguia manter o ritmo. Para resolver parcialmente esse problema tivemos, em outra oportunidade, que montar um palco com tapadeiras ao fundo, além de utilizar um bom sistema de caixas acústicas para retorno do som. No referido ginásio chegamos a nos apresentar várias vezes com inúmeros cantores do Pessoal do Ceará, como o próprio Ednardo e Belchior e também artistas nacionais.

IMAGENS PERDIDAS DE UM FESTIVAL DE ROCK

Em 1971, o Conjunto Big Brasa participou de um festival de *rock*, realizado no auditório da Universidade Federal do Ceará. Preparamos algumas músicas, escolhidas cuidadosamente de modo a causar o maior impacto possível, pois sabíamos que o evento seria muito bem divulgado e que boa parte de nosso público, sem dúvida, tomaria conhecimento da nossa atuação. Dentre as músicas, no melhor estilo de Jimi

Hendrix, um tema especialmente criado por nós, cuja harmonia possibilitava improvisações para a guitarra-solo, do jeito que eu mais gostava. Além de estar naquele tempo com uma guitarra excelente, contava ainda com a ajuda de uma “distorção” e de um pedal tipo “wah-wah”, ambos de excelente qualidade.

Para esse festival eu estava muito bem preparado tecnicamente, pois estudava horas e horas a fio, exercitando escalas e mais escalas, para aumentar a agilidade em minha guitarra branca, tipo “Fender”, por mim reformada e que possuía uma sonoridade muito boa, do qual falei anteriormente. Passei a semana inteira dedicando todo o meu tempo disponível, revendo os arranjos, com o pessoal do conjunto, no sentido de que o Big Brasa fizesse uma apresentação marcante.

E chegou o momento de mostrarmos nosso trabalho. O ambiente no auditório da UFC estava amplamente favorável. Mesas com canhões de luzes, um sistema de som razoável, amplificadores de boa potência e qualidade, e muita gente para ver o *show*.

O Big Brasa foi o último grupo a se apresentar, dos quatro conjuntos musicais participantes. Os organizadores do festival fizeram essa escolha de propósito, creio eu, pois conheciam nosso “potencial de fogo”, naquele momento, para fechar com chave de ouro aquela apresentação. Estávamos nesse período, realmente, com um “time que jogava muito bem”, todo mundo sabia o que fazer, portanto, tudo muito ensaiado e afinado. Ao chegar a nossa vez, subimos ao palco, ligamos nossos equipamentos e “sentamos o porrete no som, sem pena”, como se diz na gíria. No primeiro tema apresentado, os aplausos e a vibração da galera foram enormes, o que aumentou de forma significativa nosso entusiasmo.

Antes da segunda música chegou uma equipe de reportagem do “Canal 10”, a televisão Verdes Mares de Fortaleza para fazer filmagens e documentar aquele festival. Naquele tempo, as televisões ainda não tinham câmeras gravadoras de videoteipe e os eventos eram filmados. As imagens, portanto, só eram exibidas na televisão no dia seguinte, após a edição e o processamento dos filmes da véspera.

Tivemos muita sorte até nisso, porque, durante a nossa segunda música, um tema com bastantes improvisações de guitarra, praticamente foi filmada integralmente, com detalhes para o nosso baterista e principalmente para os solos de guitarra. Naquele dia confesso que estava realmente inspirado. Via aquelas luzes e câmeras em minha frente, as quais, associadas aos efeitos existentes e ao vibrante som produzido por nossos instrumentos, faziam que eu me sentisse em outra dimensão, verdadeiramente. Torna-se difícil descrever esse tipo de sensação através da escrita. Só pode avaliar quem passou por uma situação idêntica, a oportunidade de tocar um *rock* pesado, de improvisar, de cantar ou de estar entre amplificadores muito potentes. É por aí...

E valeu a pena! Esperamos com toda ansiedade para assistir o jornal da TV Verdes Mares do dia seguinte. O apresentador, após ter noticiado o festival, em matéria bem produzida, apresentou um longo trecho do filme em que o Big Brasa aparecia. Todo mundo lá em casa vibrou junto comigo. Na rua e nos clubes, nas semanas seguintes, a repercussão foi extraordinária. Meses depois tentei conseguir uma cópia desse filme, naquela emissora, mas não obtive sucesso. Fiz o possível com o setor de filmagens

para localizar aquele pequeno filme, mas o pessoal alegava não mais encontrá-lo. Hoje, essas imagens teriam um valor inestimável para mim, sem dúvida.

OS MELHORES CONJUNTOS MUSICAIS DE FORTALEZA

Muita coisa que você não sabia e vai conhecer agora! Nas décadas de 1960 e 1970 os melhores conjuntos musicais desse período, foram: Alberto Mota, o Conjunto Big Brasa, o Brasas Seis, Ivanildo e seu conjunto, Os Belgas, Os Brasas, The Crazy, The Dangerous, Os Desafinados, Os Dissonantes, Os Faraós, Os Milionários, Os Quem, Os Rataplans, Os Tremendões e Paulo de Tarso e seu Conjunto. Os grupos musicais mencionados foram resultado de pesquisas sobre o assunto e de inúmeros contatos mantidos com músicos fortalezenses. Esses foram os grupos musicais que efetivamente marcaram época em Fortaleza e no interior cearense, atuando com destaque em seus melhores clubes. Outros grupos musicais certamente podem ter sido criados e de igual modo apareceram em Fortaleza de forma não muito expressiva para se manter até hoje, em 2016, na memória popular. Esses grupos musicais efetivamente marcaram época em Fortaleza e no interior cearense, atuando com destaque em seus melhores clubes.

A FEBRE DO IÊ-IÊ-IÊ

Com a chamada febre do iê-iê-iê incentivava praticamente toda a juventude, houve em determinada época uma proliferação desses grupos durante os Anos 60 e Jovem Guarda, Fortaleza chegou a ter um número muito grande de conjuntos musicais. Entretanto, como em toda arte, todos os segmentos, a qualidade na maioria das vezes prevalece sobre a quantidade.

Eu particularmente conheci várias pessoas que se empolgavam com a música da Jovem Guarda e tinham naturalmente o desejo de tocar. Adquiriam alguns equipamentos musicais e começavam a ensaiar. Mas, como a música em si não é uma coisa que se compra, e sim um dom especial, nem todas essas pessoas conseguiram desenvolver suas habilidades a contento e em pouco tempo abandonaram a pretensão. Pelo outro lado acompanhei inúmeros talentos que surgiram tanto na época do Conjunto Big Brasa quanto depois, os quais fizeram e ainda mantêm sucesso pelos seus atributos, quais sejam os dons, o talento, a perseverança dentre outros! Os exemplos de sucesso são muitos, em Fortaleza!

A RÁPIDA EVOLUÇÃO DO BIG BRASA

O Conjunto Big Brasa recebeu o título Grupo Revelação de 1970, da Rede Tupi de Televisão e em 1971 foi considerado o mais popular do rádio e da televisão em 1971, pela televisão cearense. Foi uma homenagem merecida pelo empenho e dedicação de todos nós.

Todos aqueles que viveram a época lembram muito bem, por exemplo, que uma festa de 15 Anos animada pelo Conjunto Big Brasa era sucesso garantido e seria também muito concorrida (era muito comum no período contratarem os bons conjuntos para aniversários). O Big Brasa funcionava SEM empresários! Por sua qualidade o pessoal chegava para contratar. Os grandes Clubes da capital e os clubes de subúrbio também procuravam muito o conjunto para animar suas festas. Todo mundo gostava do som do Big Brasa. Ainda que até o nome incomode ainda hoje determinadas pessoas, que tentaram, mas não obtiveram o mesmo resultado, a verdade é essa mesmo. Muitos conhecidos nos relatam até hoje que procuravam nos jornais as agendas para saber onde o Conjunto Big Brasa iria tocar para tentar uma entrada, um convite para a festa para assistir o Conjunto Big Brasa.

Vale dizer também que o **Conjunto Big Brasa** era frequentemente chamado pelo melhores clubes de Fortaleza para animar seus bailes, contratado para os bailes de 15 anos por particulares, por inúmeras cidades interioranas para festas de formatura e tantas outras, convidado para outros Estados, como o Maranhão e o Piauí para algumas incursões musicais, com bailes em Teresina, Balsas, Caxias, Carolina e outras cidades. Tudo isso foi marcante para aqueles que vivenciaram o período.

O BIG BRASA E OS FARAÓS

O conjunto “Os Faraós” foi um dos grupos de *rock* de muito sucesso em Fortaleza e que deixou fortes e boas lembranças na memória de todos nós, pela boa música que tocavam. O conjunto foi formado em 1968, no bairro Piedade, em Fortaleza. Era formado por quatro irmãos: Luisinho Magalhães, Sebastião, Vicente e Antônio e tinha uma marca característica: repertório quase que totalmente direcionado para músicas em inglês. Sempre muito bem ensaiado, possuía um vocal muito bom e apurava seus arranjos de forma a ficarem idênticos aos originais. Seu líder era o habilidoso guitarrista-solo Luisinho Magalhães, também possuidor de uma magnífica voz. O som dos “Faraós” era inconfundível. O meu pai, Alberto Ribeiro, futuramente viria a afirmar na festa “20 Anos de Embalo”, oportunidade em que nós estávamos juntos, que gostava mais dos Faraós do que dos Beatles! E justificou sua afirmação em público, no Balneário Clube de Messejana e também para o Luisinho Magalhães, explicando que “ouvia os Beatles com a *razão* e os Faraós com o *coração*”. Era um conjunto que, apesar da natural concorrência, fazia parte da Família Big Brasa. Fato comprovado pela nossa amizade e admiração recíproca que mantemos até hoje.

Contingências da vida! Houve uma época em Os Faraós estavam um pouco desmobilizados e as condições do mercado não estavam favoráveis, pela existência de uma grande quantidade de conjuntos em Fortaleza, além das inúmeras discotecas que invadiram a cidade com som mecânico, tomando o campo de trabalho dos músicos.

Não foi bem uma sociedade, com contrato escrito. Mas si uma solução perfeita para ambas as partes, tendo em vista que o Conjunto Big Brasa tinha encerrado suas atividades há pouco tempo e eu estava com todo o material, equipamentos e acessórios do grupo!

A minha participação no Conjunto Os Faraós como tecladista mudou a sonoridade característica e de certo modo enriqueceu musicalmente o grupo, pelo fato do teclado aumentar as possibilidades de arranjos e de estilo de repertório. Como eu conhecia bem o estilo do Luisinho Magalhães e vice-versa, fazíamos inúmeros duelos entre teclado e guitarra, com sons muito interessantes.

Foram inúmeros os bailes e *shows* que participei nessa temporada com “Os Faraós” entre os anos de 1973 e 1977. No palco sempre havia muita potência de som, volume alto, jogo de luzes e efeitos diversos que eram experimentados a cada tempo. Com o amigo Brito (in memoriam) que era eletricista da TV Educativa, montamos uma mesa controladora de luzes e de efeitos que comandava inclusive a explosão das chamadas “bombas de fumaça”, também criadas por nós. Eram caixas retangulares de madeira com fusíveis de pedaços de fio, nas quais colocávamos, a princípio, somente pequena quantidade de pólvora e incenso.

Quanto às luzes, chegamos a utilizar grande quantidade de lâmpadas *estroboscópicas* distribuídas pelo palco, mais dezesseis refletores coloridos. Em algumas oportunidades usamos também *gelo seco*, para produzir aquela cortina de fumaça branca que ficava espalhada por todo o ambiente. Dia a dia criávamos mais novidades e o pessoal gostava muito.

A mistura desses efeitos com o pesadíssimo som que tirávamos era sensacional e impressionante. Nós tínhamos muito cuidado na preparação dos efeitos, principalmente das *bombas de fumaça*, para que não houvesse acidentes. Nossos maiores embalos sem dúvida foram realizados no Memphis Club, no bairro Antônio Bezerra. Eram festas animadíssimas, descontraídas, o público gostava demais do conjunto e vibrava com o nosso som e efeitos apresentados.

Em minha participação nos Faraós, apesar da responsabilidade pelos eventos ser do Luisinho Magalhães eu sempre me preocupava muito com tudo, inclusive com a montagem do instrumental e demais acessórios. O Sérgio Alves, anteriormente bigu do Big Brasa, passou a nos acompanhar e muito nos ajudou também nesse período. Fazia tudo com boa vontade, mesmo sabendo que para desmontar toda a fiação no final de cada baile, mais de duzentos metros de fios e cabos tinham que ser dobrados e guardados, além das pesadíssimas caixas de som, amplificadores e acessórios diversos.

Guardo ótimas recordações desse período em que integrei “Os Faraós” e tive o prazer de compor este conjunto como o quinto músico, desta vez como tecladista e fazendo duelos de solos com o amigo Luisinho Magalhães, contribuindo com um pouco de minha experiência para mais esta vivência musical. Nossa convivência e relacionamento foram excelentes. Sempre admirei Luisinho como solista e como cantor e sentia que a recíproca era verdadeira, mesmo sendo concorrentes quando existiam o Big Brasa e Os Faraós, sem deixar de sermos amigos. Hoje em dia mantemos os mesmos laços de amizade e de admiração. E o Luisinho Magalhães ainda continua brilhantemente na Música, ocupando uma merecida posição de destaque em todo o Ceará.

A COMEMORAÇÃO “20 ANOS DE EMBALO”



Em 1988, para comemorar vinte anos de música tive a ideia de promover uma festa que se denominou “**20 Anos de Embalo**”, com a participação de músicos do Big Brasa, do conjunto “Os Faraós” e vários artistas locais.

A grande festa, amplamente divulgada através da imprensa local, foi realizada no Balneário Clube de Messejana, no dia 09 de julho de 1988, e obteve pleno sucesso, tanto assim que foi seguida por mais outra, semelhante, poucos meses depois. A iniciativa dessa promoção foi muito bem acolhida por todos. O objetivo principal da realização desse evento, para mim, foi o de reencontrar amigos da época, músicos ou não, além de registrar tudo aquilo em áudio e vídeo, pelas facilidades que temos hoje para, de certo modo suprir a ausência de gravações em vídeo dos tempos mais antigos. Havia um entusiasmo e, ao mesmo tempo, um sentimento de saudade por parte dos que participaram efetivamente daquela vivência musical. Por outro lado, grande expectativa e animação dos mais jovens, nossos filhos e seus colegas, que ansiosamente desejavam ver seus pais atuando no palco de novo.

- Nota de imprensa “Os embalos da década de 60”

O jornal “O Povo”, em edição de 09 de julho de 1988, na coluna Saudosismo, publicou uma extensa matéria sobre o evento, sob o título “Os Embalos da década de 60”. A referida nota afirmava:

“No final dos anos sessenta dois grupos musicais eletrizavam a juventude cearense com suas participações nas festas que animavam nos mais diversos locais. Eram Os Faraós e o Big Brasa., que em suas exibições, além dos sucessos da época, tinham como base um repertório pautado nas composições dos Renato e seus Blue Caps, The Beatles e Rolling Stones. Após duas décadas dessa efervescência alguns dos integrantes dos dois grupos voltam a tocar e cantar juntos, na perspectiva de relembrar momentos dançantes passados e atuais. A primeira de uma série que se intitula “Vinte Anos de Embalo” vai acontecer hoje”...

Nesta reportagem, seguindo os comentários sobre diversos aspectos musicais daquele período, há um trecho da entrevista concedida por mim ao repórter, na qual afirmei:

“ Foi uma experiência bem vivida. Tocávamos com todos os artistas que se exibiam no programa do Augusto Borges. Eu fazia a seleção dos calouros e estiveram conosco vários bons cantores e cantoras, dentre eles Maria Zenáide e as irmãs Lena e Leda, esta última se tornaria a “MissLene”. Acompanhamos muitas vezes o Jorge Mello, o

Belchior e o Ednardo, com quem chegamos até a defender uma música – Beira-Mar - em um festival em Recife”.

Na mesma entrevista concedida para o Jornal O Povo, procurei traçar um paralelo com as músicas e grupos atuais fazendo a seguinte colocação:

“Hoje em dia falta melodia nas músicas. São meio brutas, onde a harmonia não é lapidada adequadamente. Isso não existia nas músicas do Renato e seus Blue Caps. As composições dos Beatles nem se fala, pois eles usavam mais romantismo e trabalhavam bem melhor os arranjos”.

Ao final, a publicação informava que os ingressos para os “Vinte Anos de Embalo” eram limitados e que do show participariam várias pessoas que viveram intensamente nos palcos a época da Jovem Guarda. Entre eles Edson Girão (voz e guitarra), Luciano Franco (contrabaixo) e João Ribeiro - Beiró (teclados), como os três ex-membros do Big Brasa; Luisinho (guitarra e voz), Sebastião (vocal e contrabaixo), Vicente (guitarra e vocal) e Antônio (bateria) pelos Faraós. E ainda a presença de Roberto Carioca (cantor), Rinah e Laury (cantoras).

A promoção foi um sucesso e obteve ampla repercussão em Fortaleza. Todos os seus objetivos foram plenamente alcançados, dentre eles o principal, ou seja, o de realizar uma confraternização com todos aqueles que participaram daqueles bons tempos.

Outra matéria sobre o evento foi escrita pelo jornalista e músico Luiz Antônio Alencar e publicada no jornal Tribuna do Ceará, edição de 08 de julho de 1988. "It was twenty years ago today, Sargent Peppers taught the bend to play." (Foi há vinte anos atrás que Sargento Pimenta ensinou sua banda a tocar). Com essa frase os Beatles lançavam em abril de 1967, o seu sétimo e mais controvertido LP na Inglaterra, o Sargent Peppers Lonely Hearts Club Band, com toda uma revolução sonora e poética.

Em Messejana no mesmo mês surgia, de um grupo de jovens apaixonados por toda e exuberante enxurrada de inovações da época, o Conjunto Musical Big Brasa, bem inscrito dentro dos padrões vigentes da jovem guarda. Composto por João Ribeiro, Carlomagno (Carló), João Dummar Filho, Marcos Oriá e Severino Tavares, usando equipamentos feitos aqui mesmo pela banda “Os Rataplans”, que com caixinhas de som primitivas de seis watts de potência, resolveram inaugurar no Ceará a tal estrada do rock, hoje tão difundida em outros grupos.

Tendo como prefixo a música And I Love Her, dos Beatles, o Big Brasa logo passou a introduzir inovações no cenário musical local, que eram privilégios dos grandes centros. Em um curioso paralelismo, as bandas pioneiras e músicos de Heavy Metal, como Rolling Stones, Jimmy Hendrix Experience, Cream, com o Eric Clapton, introduziam efeitos como a distorção, obrigatória em toda banda metaleira, o wah-wah, e outros recursos, e o Big Brasa não deixava por menos: os adotava em seus

bailes para consternação dos mais velhos, com ouvidos “nelsongonçalveanos”, e para a excitação da moçada”.

E continuava, referindo-se a um “Coroa muito doido”, dizendo:

“... O mais interessante era que o mentor de toda a história era um senhor de quase cinquenta anos, maçom, de nome Alberto Ribeiro da Silva, que além de dar uma força e orientação para a moçada, mandando “sentar o pau no rock”, ainda se deslumbrava com os sucessos dos Beatles, como Help, Hello Good Bye e Boys, ou então com Satisfaction, Jumpin Jack Flash e Under My Thumb, dos Rolling Stones, essa última sua predileta. Com um vigor de fazer inveja a muito gatão de hoje em dia, ele se entusiasmava quando o rock fervia no palco, incentivando-o como um regente. Roqueiro de cabeça feita, exigia que a turma abrisse o gás, o que a garotada cumpria com muito gosto. Pode-se dizer que este avançado senhor, eternamente jovem, foi uma das peças incentivadoras do rock aqui no Ceará, quando ainda era uma coisa muito “revolucionária”.

“E pasmem - ainda chamava os seus amigos e companheiros de geração que torciam o nariz ante a barulheira de seus pupilos de "caretas e quadrados" e os espinafraava com uma irreverência de fazer inveja ao próprio John Lennon. Nem é preciso dizer que o Big Brasa inteiro adorava o Mestre Alberto, como ele era carinhosamente chamado. Em 1968, no auge do movimento hippie, o Big Brasa aumentou sua tonelagem sonora com equipamentos avançadíssimos para a época, e músicos como o Peninha, Lucius Maia, Adalberto Pereira, Edson Girão, Luciano Franco, Edir, Joãozinho Lennon, Lurdinha, passaram a compor o dinâmico plantel do Big Brasa, que inclusive acompanhou e fez arranjos para os primeiros shows do cantor e compositor Ednardo, bem como inspirou, em primeira instância, o guitarrista Manassés, um dos melhores do mundo, mas que na época, assistia aos solos do João Ribeiro (Beiró) no Maranguape Clube com um brilho de admiração no olhar. Após quase sete anos ligado à televisão cearense, especificamente nos programas Studio 2 e Show do Mercantil, da extinta TV Ceará, o Big Brasa debandou em 1977”.

O LIVRO “O BIG BRASA E MINHA VIDA MUSICAL”

A iniciativa de escrever o primeiro livro sobre o Conjunto Big Brasa, em 1999, foi pioneira em Fortaleza e em todo o Estado do Ceará. Com o título “O Big Brasa e Minha Vida Musical” a publicação teve o objetivo de registrar para os meus filhos, netos, parentes, amigos e fãs o que aconteceu durante o nosso envolvimento com a música, as diversas e estreitas ligações com o meio musical, particularmente no período do grupo. Os fatos passaram muito depressa, ao sabor do tempo, que é célere e inexorável. Sem esses registros, muitos acontecimentos simplesmente poderiam ter desaparecido de nossa memória ou estarem armazenados em longínquos



arquivos perdidos no emaranhado de nossa mente. Os relatos a seguir mostram fortes lembranças e conexões de memória sobre a presença do Conjunto Big Brasa.

A PREPARAÇÃO E O LANÇAMENTO DO LIVRO

E foi assim que tudo aconteceu: aproximadamente depois de quase um ano estava com o livro pronto e revisado – “O Big Brasa e Minha Vida Musical” – Anos Dourados. A capa foi elaborada por mim, com uma montagem sequencial de fotografias de todas as épocas de minha vida desde a infância até a existência do Big Brasa. Encaminhei tudo para a gráfica para uma pequena edição de mil exemplares.

Em seguida pensei em um local apropriado para a festa de lançamento do livro, que fosse de igual modo atraente e trouxesse boas lembranças a todos. Como o Balneário Clube de Messejana não mais existia, a referência que achei foi o antigo Restaurante Tremendão, também às margens da Lagoa de Messejana. Quem o gerenciava em 1999 cedeu todas as instalações, mas em princípio notei que não acreditava nas centenas de pessoas que eu disse que compareceriam ao evento. Mas em pouco tempo, em face da nossa movimentação que ele acompanhava de perto, da divulgação de notas na imprensa ressaltando a importância daquela festa, ele rapidamente a trabalhar para bem aproveitar a ocasião. É importante ressaltar que não houve da nossa parte nenhum objetivo financeiro neste evento e apenas o interesse de todos em assinalar a data, encontrar os amigos e amigas, familiares e fãs do Conjunto Big Brasa e demais grupos no evento. Todos os diferentes conjuntos musicais participaram gratuitamente da festa. A motivação era única!

Na definição de quem participaria da festa a grata surpresa ao fazer contato com amigos, particularmente com o Luisinho Magalhães e seus irmãos Sebastião, Vicente e Antonio Magalhães, que representaram “Os Faraós”. Em segundo lugar, o Sebastião tocaria na banda se apresentaria na banda Túnel do Tempo, de nosso amigo Wálter.

Enfim tinha chegado o grande dia! Como sempre fazia nos tempos do Big Brasa estive na parte da tarde para dar uma olhada nos equipamentos, no palco, no teclado que também iria usar (Yamaha DX7) e também nas mesas de som e de iluminação. Lembro ainda que o nosso amigo Albano, também músico, contribuiu demais para a iluminação do show! Enquanto nós conferíamos aqueles detalhes notava que os funcionários do Tremendão estavam muito envolvidos no sentido de tornar a casa mais bonita e agradável, pois seus gerentes tinham percebido a dimensão da festa e se esforçavam para decorar o ambiente com motivos da Jovem Guarda e Anos 60. E assim o ambiente ficava cada vez melhor.

Quando retornei ao Tremendão à noite para o início da festa a animação e o entusiasmo com os reencontros de todas as pessoas que já estavam chegando eram grandes. Naquela oportunidade destaco a especial participação do Cesar Barreto que realizou várias entrevistas para a televisão e diversas outras filmagens. Destaco agora como as mais importantes uma entrevista que ele fez com o meu pai Alberto Ribeiro,

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

seguida da palavra do nosso primo e amigo Carló, que falou sobre a existência do Conjunto Big Brasa, do qual ele foi um dos fundadores.

Naquele instante, com muita gente chegando fui chamado para autografar os livros, recepcionando os nossos convidados na entrada do Tremendão em uma mesa preparada com vários exemplares do livro e uns arranjos alusivos aos Anos 60, além da presença de duas garotas, a Sandra e a Rosiane, as quais vestidas com blusas que estampavam a capa do livro recebiam as pessoas e depois as conduziam até as mesas. Fiquei muito emocionado ao autografar dezenas de livros



para muitas pessoas, como os amigos e amigas do Conjunto Big Brasa, convidados, familiares, frequentadores de nossas festas nos Anos 60, várias pessoas de Messejana e muitas outras que nem sequer conhecia. Nestes instantes dos autógrafos, ao mesmo tempo estava sendo filmado por um cinegrafista da TV Educativa, que também tinha participado do Big Brasa como um de nossos auxiliares, o Sérgio Alves.

Na abertura da festa houve a apresentação do Conjunto Big Brasa, com um repertório muito animado e marcante e com muitos músicos que o integraram em suas diferentes fases. No início, antes de começar a tocar, fiz um agradecimento, em primeiro lugar a Deus, em seguida a meus pais e a todos os amigos e convidados para aquele momento especial de minha vida. E então começamos a música, empolgando todo aquele pessoal em uma verdadeira volta aos embalos dos Anos 60.

O Conjunto Big Brasa se apresentou com a participação de um grande número de ex-integrantes e também de fundadores do grupo. Dentre eles o saudoso Carlomagno Lima (Carló), meu primo, amigo e contrabaixista (in memoriam); Edson Girão (guitarrista e vocalista); os pistonistas Airton França e Mairton Vitor (in memoriam), os bateristas Severino Tavares e Edir Bessa; Cesar Barreto (vocalista e guitarrista), João Dummar (guitarrista e vocalista); Cláudio Pereira e Lucius Maia (contrabaixistas) e Luciano Franco (tecladista).

Na sequencia tivemos uma representação dos Rataplans com o Conjunto Big Brasa através de nosso amigo Cesar Barreto, o qual muito contribuiu para abrilhantar aqueles momentos fazendo uma bela apresentação dos grupos, realizando entrevistas para a televisão e para a equipe que nós mesmos contratamos para filmar aqueles importantes e significativos momentos registrando tudo para um compartilhamento futuro. Mais um grupo musical se apresentou naquela noite, o Remember Beatles. Completamente integrados logicamente ao ambiente musical eles ficaram muito satisfeitos em participar de um evento daquele tipo, que estivesse reunindo bons músicos de diferentes épocas. A formação desse grupo: Fábio na guitarra solo, Silvio Star na bateria, Ricardo na guitarra base e Walter no baixo. Após a apresentação fotografamos juntos, oportunidade que exibiam exemplares do livro autografados.

Na sequência a banda Túnel do Tempo empolgou todos os presentes, apresentando um repertório selecionado com as músicas de maior sucesso na Jovem Guarda. Os Faraós, com sua formação original, fizeram outra importante parte do show, com os irmãos Luisinho Magalhães (guitarrista e vocalista), Antonio Magalhães (baterista); Vicente (guitarrista e vocalista) e Sebastião Magalhães (contrabaixista). O grupo fez uma bela apresentação, contagiando o público com canções marcantes! Particpei ao teclado em algumas músicas, assinalando a época em que estive como tecladista nos Faraós e relembramos bons momentos. Importante destacar ainda a presença do excelente grupo Remember Beatles e sua apresentação marcante, logicamente apresentando os maiores sucessos dos Beatles. Com o Tremendão superlotado os presentes se divertiam a valer, cada um a seu modo, enquanto os conjuntos se sucediam no palco empolgando a todos. Muitos conversavam com antigos companheiros, dançavam ou simplesmente observavam e curtiam uma seleção de músicas especiais.



Os meus pais, Alberto Ribeiro e Zisile (in memoriam) estavam radiantes por rever todos os ex-integrantes do Conjunto Big Brasa, os nossos amigos músicos das diversas outras bandas, os parentes, os amigos, os fãs. Tenho certeza que eles gostaram muito daquele dia. Há reportagens em vídeo que comprovam o clima de satisfação reinante naquele ambiente mágico!

Fiquei muito feliz naquela oportunidade e emocionado várias vezes. Tudo representava para mim um verdadeiro prêmio pela missão cumprida, objetivo realizado e os sonhos todos transformados em fatos relatados em um livro! Nunca tinha imaginado uma recepção tão boa, onde tudo saiu conforme o planejamento, com tantas pessoas a prestigiar aquele evento, no qual nós sentíamos um clima de descontração, magia no ar e muita animação. Foi incrível!

Mas o que aconteceu nos últimos 18 anos? Depois do lançamento do livro? Muitos encontros musicais e fatos pertinentes à música que tenho enorme prazer de compartilhar novamente com você, ao longo dos seguintes registros.

“O BIG BRASA E MINHA VIDA MUSICAL”

A festa de lançamento do livro O Big Brasa e Minha Vida Musical – Anos Dourados, foi realizada no antigo “Restaurante Tremendão”, que ficava às margens da Lagoa de Messejana, alcançou um êxito por mim nunca esperado, sendo ainda abrilhantada por vários músicos do Conjunto Big Brasa, além da presença de excelentes grupos musicais de Fortaleza.

- Detalhes inéditos!

Nesta edição você vai tomar conhecimento de todos os pormenores sobre a realização desta magnífica festa, desde a sua preparação até os inesquecíveis momentos. É incrível, mas se passaram dezoito anos do lançamento do livro que escrevi, “O Big Brasa e minha vida musical”, em 1999. Recentemente, ao refletir sobre os meus 50 anos de ligação à música e ao conjunto musical Big Brasa pude rever muitas fotografias e filmagens e senti falta de alguns muitos detalhes a respeito da festa de lançamento do livro, que gostaria de compartilhar com todos que participaram daquela noite espetacular.



Este novo livro “**O Conjunto Big Brasa – 50 anos de um grupo inesquecível**” será disponibilizado no Instituto Portal Messejana e demais mídias sociais das quais o Conjunto Big Brasa marca presença e poderá ser baixado através de “download” gratuitamente pelos internautas. Estas atualizações também serão publicadas em formato de livro eletrônico (e-book), com todas as fotografias e ligações externas para fatos de interesse sobre o Conjunto Big Brasa e a história dos Anos 60 e Jovem Guarda em Fortaleza. Todos os fatos e episódios são interessantes para a lembrança daqueles que participaram conosco de tudo e fazem parte da história musical cearense.

Algumas resumidas impressões sobre o evento também foram postadas em meu próprio blog, o Blog do João Ribeiro. Também fizemos registros parciais nas páginas do Conjunto Big Brasa na internet. Algumas filmagens dos conjuntos musicais que se apresentaram foram publicadas no Canal Youtube do Big Brasa e no sítio do Instituto Portal Messejana, como destaque musical de Messejana. E no acervo do Conjunto Big Brasa existe uma grande quantidade de fotografias sobre aquela noite que considerei muito gratificante para mim e certamente para todos aqueles da grande família Big Brasa. E todas as pessoas que vivenciaram conosco o inesquecível período dos Anos 60 e da Jovem Guarda.

NOVIDADES E ATUALIZAÇÕES

A participação de muitas pessoas nos espaços do Conjunto Big Brasa na internet, produziram mais lembranças sobre este período musical inesquecível. Os detalhes, as opiniões, comentários de amigos me entusiasmaram a escrever mais um pouco sobre o assunto, no sentido de completar eventuais lacunas. Além disso, muitas pessoas perguntam ainda pelo livro, no sentido de adquiri-lo. Sem mais exemplares, tendo em vista que a primeira edição foi esgotada, surgiu a necessidade de fazer uma segunda edição, com as devidas atualizações que se seguem. Todos os escritos farão parte de

um livro eletrônico (“e-book”), que ficará disponível para todos via “download”, com fotografias e ligações para publicações e vídeos e tudo sobre o Conjunto Big Brasa.

PRESEÇA NAS REDES SOCIAIS!

Após o lançamento da primeira edição do livro O Big Brasa e Minha Vida Musical e com os avanços tecnológicos o Conjunto Big Brasa começou a se fazer mais presente contínua e gradativamente na Internet, aproveitando os vários espaços existentes. Pouco a pouco foram criados blogs diversos sobre o Conjunto Big Brasa (inclusive o meu, - “Blog do João Ribeiro”, em 2013), um canal no Youtube, no Facebook, entre outros. Assim, os vídeos da festa de lançamento do livro O Big Brasa e Minha Vida Musical puderam ser publicados no Canal Youtube do Conjunto Big Brasa e colocados em destaques no sítio do Instituto Portal Messejana.



Em 2012 o Big Brasa passou a figurar também na Wikipédia (enciclopédia livre), com dados referentes ao Conjunto, Jovem Guarda e Anos 60 no Ceará (uma relação completa com os endereços eletrônicos do grupo está nesta edição).

Todas as publicações na internet têm recebido inúmeros acessos de muitos estados do Brasil e mais esporadicamente outros países. Pessoas que moraram em Fortaleza e hoje estão no exterior, quando pesquisam no Google se sentem felizes ao encontrar uma série de citações sobre o Conjunto Big Brasa, Messejana, Fortaleza. Faça você mesmo uma rápida pesquisa no Google por “Big Brasa” e comprove os resultados. São inúmeras as ocorrências por ele catalogadas!

UM GRUPO NO FACEBOOK

Ainda em 2012, portanto 13 anos após o lançamento do livro “O Big Brasa e Minha Vida Musical”, idealizei criar um grupo, no Facebook, com a abrangência do Conjunto Big Brasa, Os Faraós e Os Rataplans, nos Anos 60/70. Foi um sucesso e de imediato a aceitação deste grupo foi muito boa. Centenas de pessoas de todos os lugares e que eu jamais imaginaria se inscreveram logo nos primeiros dias e passaram a compartilhar nossas postagens. Na sequência, em 2016, animado com a perspectiva, ampliamos a participação do Conjunto Big Brasa através de uma página especial, com os principais artigos a respeito do grupo e por último foi construído um sítio especial para o Conjunto Big Brasa.

ENCONTROS MUSICAIS COM AMIGOS

Passados 50 anos de ligações com a música é importante registrar que as amizades com várias pessoas que convivemos na época permanecem firmes e consolidadas. Parte disso se deve à facilidade das redes sociais que possibilita nossos encontros frequentes, independente da distância.

Destes posso mencionar a nossa amiga de Faculdade e excelente musicista Elvira Drummond, o amigo Marcílio Mendonça, músico e também um grande nome musical no que se refere a estúdio de som em Fortaleza (para mim o melhor produtor musical), Agostinho Elias, César Barreto, Antonio Carlos Magalhães, Edson Girão, Manassés de Souza (ex-guitarrista do grupo Os Dissonantes, de Maranguape, hoje músico de categoria internacional, o também guitarrista Zé Antônio, o amigo Kildare Rios, contrabaixista e vocalista da banda Rubber Soul (cover dos Beatles) e muitos outros amigos e músicos que participam de nossos grupos e compartilham conosco lembranças e afinidades idênticas.

Sempre que é possível nos encontramos para trocar ideias e recordar o período musical que participamos. É como se o tempo não tivesse passado!

HOMENAGENS À “FAMÍLIA BIG BRASA”

E assim vivemos uma fase de ouro para todos nós que fizemos o Conjunto Big Brasa, um período marcante também para todos aqueles que conosco participaram das festas, que dançaram ao nosso som e curtiram muito um repertório selecionado. A seguir nossas homenagens aos componentes da Família Big Brasa, com todos os seus integrantes, pois seria inadmissível falar de uma etapa inesquecível de nossa vida, sem mencionar aquelas pessoas que estiveram conosco, desempenhando suas funções com dignidade, esforço, sacrifício e amor pela música.

Todos eles foram por nós adicionados em nossos grupos nas páginas de redes sociais, blogs e sítio do Conjunto Big Brasa em uma série específica para homenagear a todos intitulada “Eternos Big Brasa”, conforme veremos a seguir.

INTEGRANTES E COLABORADORES DO BIG BRASA

Abaixo, em ordem alfabética, estão os músicos e colaboradores do Conjunto Musical Big Brasa, com breves comentários sobre cada um deles.



Adalberto Pereira Lima – guitarrista-base e posteriormente tecladista. Meu primo, amigo e cunhado. Teve seu ingresso no Conjunto Big Brasa a partir de 1968, quando chegou a Fortaleza para estudar, um ano depois de nossa estada em Balsas, na época uma pequena cidade do sul do Maranhão. Preparou-se para ingressar no conjunto, aprendendo violão. Ao chegar, logo assumiu a função de guitarrista-base. Após algum tempo, em vista da necessidade do próprio conjunto em razão da falta de tecladistas passou a tocar órgão eletrônico, instrumento que aprendeu rapidamente e bem desempenhou a função. O Adalberto fez parte da espinha dorsal do conjunto por muito tempo. Além de tocar no conjunto, dirigia com grande

habilidade, dividindo comigo a responsabilidade de levar e trazer “numa boa” todo o grupo para as viagens que fazíamos. Passamos por inúmeras situações difíceis, ao volante, mas graças a Deus sempre nos saímos bem. Viria a se formar em Agronomia e foi professor de Química e Biologia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Airton França - “Torinha” - pistonista. Chegou ao Big Brasa com bastante experiência musical, visto que tinha integrado outros conjuntos musicais e também estudado música na Banda do Colégio Pia Marta, liderado pelo padre Luiz Rebufinni. Foi apresentado ao conjunto pelo Adalberto, que o conheceu na Universidade Federal do Ceará (UFC). Possuidor de um sopro muito forte ele conseguia ótima sonoridade no piston e tinha boa capacidade para os arranjos. A sua atuação agradou tanto a todos nas apresentações que fez com o Conjunto Big Brasa. Apesar de possuir experiências musicais anteriormente, sempre respeitou o princípio de liderança de minha parte em relação ao grupo. No que se refere à parte musical, trouxe muito enriquecimento para nossos arranjos. O Airton, além das qualidades acima mencionadas, demonstrou seu reconhecimento pelo convívio com a nossa família e ainda hoje relembra o período em que ele esteve no Conjunto, trazendo sempre as melhores lembranças de meus saudosos pais.



Amaury Pontes - “Tijibu”. Exerceu a função de bigu algum tempo e sempre ajudou o Conjunto Big Brasa. Muitas vezes chegamos a fazer manutenções completas em nosso equipamento, preparando o material para que tudo desse certo nas tocatas. Mais tarde, enquanto ainda acompanhava o conjunto, trabalhou por algum tempo em algumas publicitárias e depois se dedicou às televisões cearenses, como cinegrafista e operador de câmera, com início pela TV Ceará (TVC), antiga TV Educativa.

Armando Telles – Excelente cantor. Gente boa, simpático e de fácil relacionamento. Participou do Big Brasa, como cantor, durante um carnaval realizado em Cascavel. Depois passou a integrar o grupo “Alta Tensão”, que chegou a gravar e a viajar até pelo exterior. Bom profissional trabalhou muitos anos com seu grupo no Pirata, antiga casa noturna muita famosa de Fortaleza, conhecida no Brasil inteiro por suas festas animadíssimas às segundas-feiras.



Carlomagno Pereira Lima – “**Carló**” (in memoriam). Foi contrabaixista e vocalista do grupo. Meu primo, amigo e cunhado. Iniciou no conjunto tocando guitarra, mas fazendo o papel de contrabaixista, visto que nos primeiros meses o Conjunto Big Brasa não tinha contrabaixo. O Carló, em um breve período, exerceu também a função de cantor do conjunto. Durante sua permanência, também fez parte da chamada “espinha dorsal” do Big Brasa. Eu o considerava como um irmão. Participamos de diversos momentos da juventude juntos, vivendo praticamente as mesmas emoções. Formou-se na faculdade na Escola de Agronomia de Mossoró/RN. Posteriormente desenvolveu posteriormente projetos agrícolas em Balsas, no Maranhão. O Carló, além dessas habilidades técnicas para eletrônica, ainda foi

professor de Matemática e de Física da Universidade do Estado do Maranhão (UEMA). Entretanto, nunca parou com a música. Sempre que podia participava com seu violão e sua voz para animar os amigos. Gostava demais de uma seresta, de compor e era um amante da boemia por excelência.

Castorino - Francisco Jorge da Silva Rodrigues – “bigu” (in memoriam). Da época em que toquei como tecladista com “Os Faraós”. O Castorino era totalmente pirado. Pequenininho, usava cabelos bem longos e dançava o tempo todo no palco, fazendo trejeitos e mil palhaçadas. Certa noite, em um baile, levou um tremendo choque na mesa de luz e efeitos quando foi rearmar uma “bomba de fumaça” e a corrente elétrica ainda estava ligada aos contatos. Todos nós achamos muita graça dele. Ele também riu, mas somente depois de ter se recuperado daquela “cacetada”. Em outra oportunidade, estava tremendamente animado que na hora de jogar um pouco de “gelo seco” no palco, resolveu entrar no meio do grupo correndo, com o isopor completo, e derramou tudo de uma só vez. Uma verdadeira “figura”...

Cefas - Saxofonista. Natural de Ipaumirim, interior cearense, integrou o conjunto durante algum tempo. A princípio, tinha grande dificuldade para improvisar, e eu tive que ensinar “improvisos” para que ele os fizesse em algumas músicas. Tinha um sopro forte e eu nós o ensinamos a fazer pequenos improvisos, tendo em vista que ele anteriormente só tocava através de partituras.

César Barreto - Guitarrista-base e principal vocalista do excelente conjunto musical “Os Rataplans”, que marcou presença acentuada em Fortaleza nos Anos Dourados. Meu grande amigo desde a infância, posso afirmar até mesmo que temos vínculos familiares. O César me transmitiu vários ensinamentos musicais, com toda a sua simplicidade, sobre os primeiros passos na música, a partir da estreia do Conjunto Big Brasa. Participamos de diversos eventos musicais, tanto em Fortaleza e no interior cearense, quanto em outros Estados.



Além de ser um músico de primeira categoria, o César também é compositor, com quatro ótimos discos gravados. Privilegiado por um elevado “quociente emocional”, mantém bons relacionamentos em diversas áreas de atuação. Tem participação ativa na vida cultural da cidade até hoje, na imprensa escrita, no rádio e também na televisão cearense, além de diversos projetos musicais que desenvolveu em sua carreira. Costumo dizer que o César Barreto possui uma memória realmente fantástica, pois consegue armazenar facilmente uma enorme quantidade de letras de músicas, poemas, versos, piadas e histórias de todos os tipos. Sempre manteve vários instrumentos e acessórios musicais de qualidade em sua residência, para seus ensaios, gravações e *shows*. Formou-se em Direito ainda na época do conjunto “Os Rataplans” e exerceu cargo importante no Tribunal de Contas do Estado. Tudo isso sem esquecer nem um minuto a música...

José **Cláudio** Pereira Viana - contrabaixista. Bom músico e companheiro, sempre aplicado nos ensaios ao aprimorar suas técnicas. Acompanhou o Conjunto Big Brasa durante todos os *shows* da temporada do Ednardo, cantor e compositor cearense, no

Maranhão e no Piauí. Sempre de boa convivência e apto a engrandecer o grupo. Participou da festa de lançamento do livro “O Big Brasa e minha vida musical” em 1999, tocando conosco. O Cláudio formou-se em Odontologia e desenvolve suas atividades profissionais em Fortaleza

David Lélis (in memoriam) - vocalista e ritmista. O David pertencia a nossa turma de amigos de Messejana. Ficou no conjunto durante alguns meses do seu primeiro ano. Antes do Big Brasa ser formado, participava ativamente das alegres serenatas para as nossas paqueras, colegas e namoradas do distrito. Possuía um repertório bem atual e também ajudava a parte rítmica com um pandeirinho. Formou-se em Medicina e residiu em São Paulo por longo tempo exercendo sua profissão.



João **Dummar** Filho - guitarrista e vocalista. O nosso amigo Dummar, também excelente compositor, esteve com o Big Brasa em seu início. Chegou até a viajar para Balsas com o conjunto, naquela inesquecível temporada, e participou de muitos bailes em Fortaleza. Enriqueceu o Big Brasa não só com a sua voz, mas também com sua maneira vibrante de tocar e de cantar. O Dummar se empolgava muito quando cantava, sentindo a música e transmitindo sua vibração para todos os demais. Uma de suas características marcantes era a forte “batida” que fazia ao violão e guitarra. Muito inteligente, simples, possuidor de um carisma especial e apreciador de conversas sobre música, temas espirituais e esotéricos. Além de continuar a compor, escreveu também um livro de poesias. Atualmente, tem como sua atividade principal a Medicina e possui uma clínica em Fortaleza.

Edson Belém - guitarrista. Seu repertório tinha músicas muito animadas. Cantava, entre outras, “Cabelos Longos e Ideias Curtas” de forma especial, com expressões corporais divertidas, de vez em quando fazia como se estivesse chutando uma bola ou coisa parecida e jogava a perna para o ar. Apesar do pouco tempo que esteve com o grupo, marcou sua presença.

Edson Girão Rios – Excelente guitarrista-base e vocalista. Grande companheiro e amigo. Excelente e criterioso músico, apreciador e conhecedor de muita harmonia musical, além de possuir um ótimo e variado repertório. Detalhista ao extremo, metucioso. Se um acorde qualquer não estivesse certo, inserido na hora exata, tínhamos que ensaiar tudo de novo. Às vezes até chegava a exagerar, pensávamos. Isso porque desejava fazer tudo bem feito. Sempre muito zeloso com o seu instrumento, se preocupava também com a aparência geral de todo o conjunto. Atualmente continua atuando com grande destaque na noite cearense.



Edmundo Reis Bessa - **Edir** - baterista. Carinhosamente apelidado por nós de “Peito de Pombo”. O Edir foi indicado para o conjunto em face da saída do Severino, por motivos profissionais. Sempre teve uma pegada forte na bateria e empolgava todo o grupo com sua

vibração. Gostava muitos dos *rocks* e músicas *pesadas*. Em suma, o Edir veio para ficar no Big Brasa e sua adaptação ao grupo foi rápida. Excelente profissional, respeitador, amigo, topava qualquer parada. Mesmo quando tínhamos longas jornadas de festas. O Edir sempre foi um camarada muito divertido, brincava com tudo e com todos. Atualmente o Edir é comerciante, professor de Matemática e educador em Cascavel, Ceará.

Eudes - Francisco Ferreira Filho (in memoriam) - baterista. Esteve no Big Brasa cumprindo algumas funções em substituição ao nosso baterista, impossibilitado por motivo de força maior. Todas as vezes que se apresentou com o conjunto fez muito sucesso. Chamava realmente a atenção por sua agilidade e malabarismos com o seu instrumento. Excelente profissional, que infelizmente já nos deixou.

Getúlio Alberto Ribeiro da Silva – meu irmão e mascote do Big Brasa. A presença do Getúlio com seus cabelos grandes, embora ainda criança, tocando um pandeirinho, causava grande admiração por estar em um grupo da Jovem Guarda. Nos primeiros anos de existência do conjunto tinha seu próprio fã-club. Acompanhou o Big Brasa na temporada de Caxias, Estado do Maranhão, onde fez um sucesso enorme com o público em geral e em diversos bailes realizados em Fortaleza.



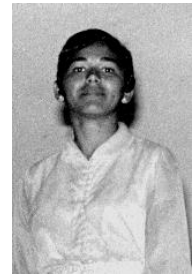
João Ribeiro da Silva Neto – “**Beiró**” - guitarrista-solo e tecladista. Desde novo estudou música e se dedicou à profissão com todo o entusiasmo possível. Como guitarrista-solo do conjunto sempre procurou “tirar” da guitarra todos os sons possíveis. E tentava os sons “impossíveis” com auxílio de pedais de efeitos diversos. Pelos solos, efeitos e improvisos agressivos foi considerado um dos melhores guitarristas do Norte e Nordeste, segundo comentários da imprensa local e publicações da TV Rádio e Revista. Seu objetivo: ser um músico correto, tanto com meus companheiros quanto com o público em geral. Sempre buscou o aprimoramento das técnicas

musicais, procurando fazer o melhor possível dentro das possibilidades existentes. O que hoje em dia se chama de “Qualidade Total”, cujo princípio é “fazer certo da primeira vez”, por intuição, procurava empregar no Big Brasa. Formou-se em Licenciatura em Música na primeira turma do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, quando este foi incorporado pela Universidade de Fortaleza (UECE).

João Sales Filho, o “Lennon”. Guitarrista, tecladista e cantor. Ingressou no Big Brasa através da indicação de um amigo. Em seu primeiro ensaio facilmente se adaptou ao grupo. Cantava um repertório variado, sempre com músicas de sucesso. De relacionamento fácil, o Joãozinho se integrou bem ao nosso grupo musical. Com a aquisição do primeiro órgão eletrônico, se interessou por aquele instrumento e rapidamente passou a ser nosso organista. Depois desenvolveu mais sua harmonia, acompanhando todo o repertório do Big Brasa com bastante desenvoltura.



Lurdinha - vocalista. Participou do conjunto por uns dois anos. Com sua bonita voz pudemos diversificar nosso repertório com mais sambas e forrós. Tinha muita presença em palco, possuía técnica vocal e sabia se apresentar como uma verdadeira cantora profissional. Suas músicas sempre animavam muito os bailes. A Lurdinha fez muito sucesso nas festas tocadas pelo Big Brasa, em Fortaleza e no interior do Estado. Foi a única presença feminina em nosso grupo.



Luciano Franco - Contrabaixista. Excelente músico, profissional correto e amigo de todos. Além de tocar contrabaixo, também é um ótimo tecladista e compositor. Sempre muito calmo e alegre, fazia uma harmonia super completa. Por sua ótima percepção, além da marcação baseada nos acordes convencionais, feita no contrabaixo, às vezes conseguia fazer variações espetaculares e alcançar notas incríveis, logo incorporadas aos arranjos musicais do Big Brasa. Participou conosco de muitos bailes e de diversos programas Show do Mercantil, na TV Ceará. Ainda hoje desenvolve seu excelente trabalho autoral, tendo participado de inúmeros importantes festivais em São Paulo, com muito destaque.

Lucius Maia Araújo - contrabaixista e vocalista. Manteve seus primeiros contatos com o conjunto no Clube Recreio do Funcionário e depois no América Futebol Clube, quando cantou a música “Taxman”, dos Beatles. Com sua boa voz e inglês fluente não admitia cantar uma música em que uma só palavra estivesse em dúvida. Isto porque naquele tempo as letras das músicas quase sempre tinham que ser copiadas do próprio disco. De gosto musical refinado, escolheu músicas que enriqueceram o repertório do Big Brasa por longo tempo. Tinha excelente gosto musical, muitos discos e neles pesquisava para montar seu repertório. O Lucius reside atualmente em Brasília e mantemos bons contatos de amizade com relativa frequência.



Luiz Antônio Alencar - O “Peninha” - guitarrista-base e vocalista. Aficionado por música, em especial pelos *rocks* pesados dos “Rolling Stones” e pela música dos Beatles, dentre outros grupos famosos. Destacou-se no conjunto por seu repertório de músicas em inglês, as quais na maioria das vezes, o Big Brasa usava nos momentos em que os bailes estavam precisando de mais animação. Aprendeu inglês ainda cedo. A origem do apelido “Peninha”, evidentemente, foi em virtude de ser ele um pouco desastrado com os equipamentos, cabos e tudo mais. Seu ingresso no Big Brasa ocorreu durante a realização de um pequeno festival em Messejana. Ele cantou a música Penny Lane e todos nós ficamos entusiasmados no sentido de que ingressasse no conjunto. Hoje em dia é jornalista, fala diversos idiomas, se mantém sempre atualizado com a música, sendo também considerado um “Eterno Big Brasa”.

CONJUNTO BIG BRASA – 50 ANOS INESQUECÍVEIS

Luis Alberto Magalhães - **Luisinho** - vocalista, guitarrista-solo e líder do conjunto musical “Os Faraós”, criado em 1968 e formado pelos irmãos (Vicente, Antônio, Sebastião e o próprio Luis), que fez muito sucesso em Fortaleza. Participamos juntos (Big Brasa e Faraós) de vários “festivais”, os quais sempre foram motivos de intensa publicidade e repercussão em Fortaleza. Com sua excelente voz, o Luisinho conseguia interpretar os maiores sucessos internacionais, empolgando a todos. O som de sua guitarra-solo era característico, pois eu podia saber perfeitamente quando ele estava tocando, mesmo antes de entrar no clube. Sempre muito assediado por fãs, até a dissolução do seu grupo. Alguns anos depois eu também passei a integrar os Faraós, como tecladista, por mais ou menos três anos, em uma sociedade “Big Brasa” e “Os Faraós”, sendo nosso trabalho musical bastante reconhecido pela boa qualidade do repertório, arranjos e principalmente pelos inúmeros equipamentos e efeitos especiais que utilizávamos. Posteriormente iniciou carreira solo, obtendo merecido sucesso. Atualmente o Luisinho desenvolve seu trabalho musical à frente de um excelente grupo, chamado “Luisinho Magalhães e Banda”, muito solicitado para os principais eventos musicais da cidade.



Marcos Oriá - guitarrista-base e vocalista. Participou ativamente do conjunto durante o seu primeiro ano de existência. Colaborou também na formação de nosso primeiro repertório, sempre com sugestões musicais de bom gosto. Cantava boa parte das músicas. Foi quem desenhou e pintou o nome “Big Brasa” em nossa primeira bateria. Viajou com o grupo na temporada de Balsas e de Teresina. O Marcos Oriá é formado em Direito.

Mardonio - vocalista. Participou do conjunto em um período por um bom tempo. Bom cantor e se apresentava sempre muito bem. Gostava de aprender logo as músicas de sucesso e tinha a postura de um verdadeiro artista. Sempre manteve um bom relacionamento com todo o grupo.

Muito brincalhão, com seu cabelo comprido, fazia trejeitos de todos os tipos e às vezes algumas imitações em pleno palco, que as pessoas gostavam muito. Posteriormente o Mardonio continuou sua carreira artística. Chegou a trabalhar como cantor em diversas casas noturnas de São Paulo, gravou vários discos e faz até hoje sucesso nos shows que realiza.



Mairton Vitor dos Santos – pistonista (in memoriam). Excelente instrumentista ele contribuiu de forma valiosa para o enriquecimento musical do conjunto. Foi trazido para o Conjunto Big Brasa por seu amigo Airton França, visto que tinham tocado anteriormente em outros grupos e na banda de música do Colégio Pia Marta. Em Cascavel, durante um dos bailes carnavalescos que

ali tocamos, ao entrar no clube, pouco antes do horário de iniciarmos a festa, e com uma fantasia completa de palhaço, disse para o porteiro: “O pistonista do conjunto é um verdadeiro palhaço”, ao que o cara riu muito na hora.

Posteriormente chegou a tocar em outros conjuntos musicais de Fortaleza. Com sua musicalidade, o Mairton nos deixou muitas saudades. Ele marcou presença significativa nos principais eventos musicais de Fortaleza.

José **Marcílio** Mendonça Ferreira - excelente músico, amigo e também conhecedor da música e suas nuances. Participou de um carnaval com o Big Brasa em Cascavel, como cantor. Como vocalista e instrumentista, por um longo período fez parte do Quinteto Agreste, grupo que conseguiu muito sucesso em Fortaleza durante sua existência. Atualmente o Marcílio é proprietário e produtor musical de um ótimo e bem sucedido estúdio de gravações digitais de Fortaleza, o “Proaudio Studio”, que possui equipamentos de gravação modernos, de última geração. Mantemos nossa amizade e contatos frequentes a respeito de música, de equipamento de gravação e compartilhamos muito de nossas experiências nas redes sociais.

Messias - saxofonista. Bom músico, de sopro forte e muita resistência. Participou de dois carnavais com o Big Brasa. Em Cascavel, durante um dos últimos bailes, quando chovia muito em toda a cidade e o clube enfrentava um verdadeiro “toró”, um de nossos pistonistas baqueou na parte final da festa. Ele ao se encontrar sozinho como instrumentista de sopro, desceu do palco repentinamente e desapareceu na multidão sem avisar nada. Como o baile ainda estava na metade, eu fiquei muito apreensivo, visto que teria que ficar o resto da noite solando as músicas no órgão juntamente com o cantor, nada agradável para uma orquestra de carnaval. Mas para minha surpresa, o Messias retornou depois, aparecendo de repente no palco, todo molhado e somente de calção. Aí eu pensei que ele tinha ficado maluco, mas não. Ele pegou o sax, nele afixou um microfone, e gesticulou para mim no sentido de que dali para frente seria com ele, ou seja, iria comandar o repertório. E assim ele foi até o final da festa.

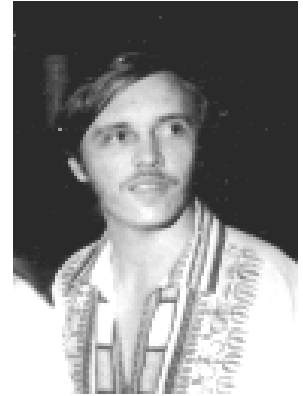
Roberto Tavares - ritmista. Irmão do Severino, esteve no início do conjunto alguns meses. Por vezes, fazia parte da turma das serenatas. Como percussionista, ao bongô, atuou nas primeiras apresentações do Big Brasa no Balneário Clube de Messejana e em algumas funções realizadas no interior do Estado.



Sérgio Alves da Silva - bigu. O Sérgio, além de ter sido meu colega de infância, companheiro de jogo de futebol de botão, de campo e também de um “carteado” em nossas férias, teve longa permanência no Big Brasa. Esteve presente tanto nas funções realizadas em Fortaleza, quanto no interior do Estado. Aprendeu a controlar e a conferir todo o material do conjunto de maneira que não faltasse nada. Eram muitas caixas de som, amplificadores, cabos e acessórios diversos que não podiam faltar. Por vezes ficamos juntos até o sol

raiar, para transportar nosso equipamento para casa. Inúmeras vezes o Sérgio também me ajudou a reformar e a executar manutenções periódicas nos equipamentos do conjunto, além de me auxiliar em funções musicais diversas em Fortaleza, como casamentos e recepções. Posteriormente veio a trabalhar como operador de câmera e de áudio em emissoras de televisão cearenses, tendo se destacado como cinegrafista.

Severino Tavares, “Ziglim” - baterista. Quando nós ainda estávamos por definir qual seria o nome do conjunto, para que pudéssemos pintá-lo na bateria e fazer nossa estreia no Balneário, em uma conversa entre nós ele disse: “Big Brasa”. O pessoal se entreolhou naquele momento, porque vários nomes já tinham sido sugeridos, mas houve aprovação geral. O Severino ingressou no conjunto no seu início. Desenvolveu suas habilidades na bateria pouco a pouco e com o passar do tempo firmou-se como um baterista que tocava “para o conjunto”, isto é, talvez por não possuir muita técnica, limitava-se a fazer tudo certinho, conforme os ensaios. Uma das dificuldades de um conjunto consiste na passagem de uma música para outra. Convencionamos então um único “breque”, feito pela bateria, que daria a entrada de todas as músicas, variando apenas o andamento, a velocidade.



Silvino – vocalista. Grande amigo de todos, brincalhão, uma figura simpática e agradável. Em seu repertório sempre apresentava diversas músicas animadas. Com seu excelente timbre de voz, gostava das músicas do Tim Maia. Participou de inúmeras apresentações com o Big Brasa, integrando posteriormente o grupo vocal “The Sangue Súgares”, de Fortaleza.

Wilson **Silvino** de Moura - saxofonista. Participou do Big Brasa em uma boa fase. Gente fina, simples, respeitador e amigo. Com seu saxofone tenor, sabia improvisar e tinha um sopro suave. Executava algumas músicas também como solista. Após ter deixado o conjunto prestou concurso público para a Polícia Federal, onde trabalha até hoje. Há algum tempo, eu vi uma fotografia em um jornal que mostrava alguns agentes federais que tinham feito uma grande apreensão de drogas em Tianguá. Pois o Silvino aparecia nessa foto, empunhando uma submetralhadora, numa posição característica, como se estivesse segurando o seu sax. Liguei para ele no dia seguinte e lhe mandei um recorte da tal foto, comentando o detalhe observado. Na oportunidade me disse que ainda tocava sax e que inclusive estava aperfeiçoando sua prática em teclados.

Estes foram os músicos e colaboradores que marcaram presença no conjunto Big Brasa e em minha vida musical. Quisera eu possuir fotografias de todos, para aqui deixá-las registradas. Tenho certeza absoluta que todos guardam boas recordações do período que estivemos juntos. Dos bons e até mesmo de alguns momentos difíceis que atravessamos, visto que a nossa união por um objetivo único - a Música - é que fez o Big Brasa brilhar em Fortaleza, deixando esse nome bem guardado na memória de muitas pessoas. Foram inúmeras apresentações onde o grupo inteiro deixou sua

marca de competência, de interesse e de responsabilidade pelo trabalho, dignificando e sempre honrando a profissão de músico.

DEPOIMENTOS QUE MUITOS NOS HONRAM

A seguir alguns depoimentos, em ordem aleatória, que recebemos pela internet, nos blogs e demais espaços que o Conjunto Big Brasa mantém, como a página e o grupo no Facebook dentre outros. Nós os recebemos com muita atenção e os guardamos carinhosamente no acervo do Big Brasa para serem transcritos neste livro. Fica o meu abraço sincero em todos os amigos e amigas, em meu nome e em nome de todos aqueles que fizeram parte do Conjunto Big Brasa e seus 50 Anos Inesquecíveis!

- Manasses de Sousa

Comecei a tocar violão muito cedo, na minha bela Maranguape, no Ceará. Com dez anos, já fazia parte de um grupo musical infantil “Os Barra-Limpas”. Com 13 anos já fazia parte do grupo musical profissional “Os Dissonantes”. Naquela época as Matinês estavam na moda, aos domingos no Maranguape Clube. E eu não faltava nenhuma delas, principalmente quando o conjunto era o Big Brasa! Ficava em frente ao palco vendo o grupo que pra mim era o melhor da época, principalmente pelo guitarrista solo Beiró, que reencontrei muitos anos depois em Guaramiranga, no maciço de Baturité e finalmente tocamos um show juntos! Abraço a todos que fizeram parte desta estória!

- Martiniano da S. Coutinho

"Se aqui fosse relatar a história do Conjunto Big Brasa x Balneário Clube de Messejana, seriam necessárias inúmeras páginas. O que representou o Conjunto Big Brasa para a sociedade messejanense e a juventude da época é algo fora do comum. Aglutinou todas as famílias do local: Alencar, Oriá, Porto, Pompeu, Matos de Freitas, Benevides, Vasconcelos, Serpa, entre outras, se tornando uma só família, a família Balneário de Messejana. Nas matinais de domingo, nas tertúlias ou nas festas mais formais, estava o Conjunto Big Brasa, animando e abrilhantando com sua música da época: JOVEM GUARDA e BEATLEMANIA. Fruto da ideia de João Ribeiro e apoiado pelo seu pai Sr. Alberto Ribeiro, o Conjunto Big Brasa tem uma história relevante, não só na música, alegria, entretenimento, mas na própria cultura messejanense da época”.

Luiz Antonio Lima Alencar

O Conjunto Big Brasa era para mim a versão messejanense do pop rock em moda na época. Ao ver a presença do Conjunto no Balneário Clube de Messejana, sempre pensei em fazer parte. Até que aconteceu! Procurei logo inserir as canções anglo-americanas que eu sabia. Uma coisa eu observei: Mestre Alberto era o coração da banda, a chama acesa, já que a gente cuidava da parte técnica, com ensaios, arranjos e tal e ele vibrava até mais do que nós, o que o tornava membro mais jovem do grupo. Cada festa, cada vez que eu tocava e cantava, era como um ritual de iniciação em uma vida nova - era mágico e divino. Meu crescimento como ser humano, músico e profissional tem muita influência da minha presença no Big Brasa. E o Mestre Alberto para mim é eterno, pois está vivo para sempre em meu coração com sua lição

permanente de vida, amor e fé. Para mim ele ainda está lá em Balsas, ouvindo as músicas em inglês que eu cantava e o repertório do Big Brasa que tanto refletiu um momento histórico de uma época. Detalhe: aprendi muito musicalmente com o João Ribeiro e até fizemos juntos algumas composições. Em suma: ser Big Brasa é um estado de espírito que continua presente nas almas de quem fez e quem se deleitou com o Conjunto Big Brasa. Cada vez que toco o ou ouço "And I Love Her" dos Beatles, é como se estivesse começando mais uma festa. Na minha alma e na panorâmica da minha mente brotam como numa rememorativa rosa instantânea o palco, os músicos, os instrumentos, os amplificadores, as pessoas e o Mestre Alberto emitindo vibrações positivas. Isso ainda é o Conjunto Big Brasa.

- Francisco Parente

Parabéns, caro amigo João Ribeiro, essa leitura me fez recordar o tempo áureo e tão significativo dos Big Brasa, e me deixei levar num rodopio dançante ao sabor dos ritmos afinados de vocês. Um forte abraço.

- Auristela Peixoto Alencar

"O Conjunto Big Brasa foi um grande marco na juventude dos anos 60 e um sonho vivido com muita intensidade, principalmente pelos jovens de Messejana onde morávamos naquela época de muita magia. Eu e minhas irmãs tivemos o privilégio de morar vizinho ao João Ribeiro, que nós chamávamos simplesmente de "Beiró". E assim posso dizer que conheci o início desses jovens que com tanta garra formaram essa banda que embalava as tertúlias em Messejana de forma brilhante. Quando dava certo assistíamos os ensaios deles pela janela que dava para a garagem. Ali os corações batiam fortes com muitas emoções e amor pelos jovens dessa banda inesquecível, que tanto nos fez sonhar, dançar e curtir nossa juventude ao som do Big Brasa! Hoje lembro com saudades daquela época maravilhosa onde tudo era sonho, fantasia e muita magia. O meu abraço carinhoso a você João Ribeiro com certeza você fez parte da minha vida de adolescente, especialmente Dona Zisile (in memoriam) por quem guardo com muitas saudades na memória. Um grande abraço."

- Rômulo Costa

Grande Beiró, aquele abraço, mais do que aceitar, é sentir-se honrado em participar desse grupo e da página do Big Brasa, no Facebook, que nos envia a um passado distante, mas sempre possível de voltar. Com a iniciativa da criação desse grupo vou procurar nos meus arquivos registros do nosso grupo "Os Atômicos", que também fez parte desse palco maravilhoso, que foi nossa época dos 60's. Um grande abraço!

- Lucius Maia

Realmente um clube inesquecível, o Líbano... O público se bem me lembro, apreciava realmente o repertório do Big Brasa e o nosso som... Essa música a gente até costumava bisar algumas vezes... Era muito legal esse lance de a gente dar conta de uma música muito boa e ela logo ser incluída no repertório... Tinha sempre um de nós fazendo isso, o que não era nada difícil naquela época de tanta música legal para todo lado! E essa do Iron Butterfly saía mais cara por conta das baquetas, Edir Bessa?

Caramba, amigos, que tempo espetacular aquele que convivemos e tocamos e nos divertimos tanto! Grande abraço em todos!

- Elvira Drummond

Amigo João Ribeiro! Você, sem dúvida, foi um dos grandes talentos de nossa turma de Universidade. Ouvido privilegiado, ágil em perceber e registrar tudo!... Saudades de nosso bom tempo de estudante! Lembro demais desse Canon que você fez João Ribeiro, na época que estávamos na faculdade de música! Sem dúvida, ficou muito bom, fácil de entoar, mas contendo as exigências necessárias, dentro dos princípios da polifonia. Vale à pena ressuscitar essa peça! Grande abraço, meu querido!

- Marcilio Mendonça

Obrigado, meu caro amigo João Ribeiro. Realmente me sinto um eterno Big Brasa. O tempo que estive nessa banda foi um tempo de grande aprendizado. Foi quando entrei pela primeira vez numa emissora de TV e, imaginem, cantei na única emissora que existia no Ceará. Era a glória. Show do Mercantil, com o Augusto Borges.

- Dion Albuquerque

Tomara que chegue logo esse dia, João Ribeiro, só assim reviveremos mais uma festa que muito nos faz falta nos dias de hoje. Reviver e compartilhar com os amigos dos tempos de adolescência. Tem que ser revivida num espaço que dê para receber todos os messejanenses e quem mais acompanha até hoje a Família Big Brasa.

- José Maria Damasceno

Vamos em frente, recordando o passado, que era muito melhor; música mais tranquila, menos agressiva. A Jovem Guarda era mais família, mais amor!

- Saturnino Bastos

João Ribeiro, eu assistia aqui em Teresina o Conjunto Big Brasa nos programas da TV Ceará - Canal 2! Um abraço!

- Ademar Neiva

Belo texto sobre a primeira distorção feita por vocês, em Fortaleza, João Ribeiro. Imagino mesmo a ansiedade para ouvir o primeiro som daquela caixinha artesanal. Acho fantástica a persecução de sonhos e ideias. Parabéns!

- Kildare Rios

Eu sempre gostei de Música, isso é coisa de família. Nas manhãs de sábado, quando eu ainda tinha uns quatro ou cinco anos de idade, a minha mãe pegava um violão – que eu nem sei de quem era – e tocava aquelas canções antigas da velha guarda, enquanto as minhas irmãs, Fabíola e Regina a acompanhavam cantando. Eu ficava brincando de alguma coisa, de longe, só ouvindo, e não podia participar. Mas, mesmo naquela época, eu tinha a mania de ficar me balançando na rede do papai e cantando as músicas que eu ouvia no rádio. Músicas dos disquinhos do Walt Disney, ou mesmo os sucessos do Ronnie Von e alguns outros daquele início de década. A beleza das melodias me encantava e ouvir uma música que eu gostava no rádio era um prêmio.

Mais tarde, comecei a gostar dos Pholhas e descobri que os caras ganhavam dinheiro para fazer aquilo. Quer dizer que os caras tocam, cantam e ainda recebem por isso? É bom demais. Mas os Pholhas estavam longe, em São Paulo, e eu não podia vê-los de perto. Nem ouvir podia direito, pois a nossa vitrolinha só vivia quebrada e quando funcionava, só tocava as músicas bem lentas, em rotação baixa; ouvir “Forever” no rádio, na rotação normal, era uma grande emoção.

O primeiro contato em carne e osso que eu tive com um artista foi quando eu tinha uns sete ou oito anos de idade. Nesta época, minha família já morava numa casa que meu pai construiu atrás de sua farmácia, a Farmácia Rocha, pioneira em Messejana. Eu brincava de bola na varanda quando minha irmã entrou e disse que o João Ribeiro, do Big Brasa, estava na farmácia tomando injeção. Eu me arrepiei e corri para o ambulatório da farmácia por uma porta que ligava o estabelecimento à minha casa. Eu lembro tudo: lembro que meu pai aplicava a injeção no Beiró e rapidamente me apresentou ao guitarrista, que abriu um sorriso. Eu corri, timidamente, de volta para casa. Aquele cara tocava guitarra! Ele era uma pessoa dotada de um dom especial que eu também queria ter. Naquele momento eu pensei que eu também poderia ser músico um dia.

A minha casa ficava bem entre os dois clubes mais badalados de Messejana: o Balneário Clube e o Clube da Caixa. Do meu quarto, deitado na minha rede, dava para ouvir o Conjunto Big Brasa tocando. Não sei ao certo quais as canções, mas era muita coisa. Lembro de “Sir Duke” do Stevie Wonder. Lembro de lindas canções da Jovem Guarda. Lembro também que eu queria muito ir para lá, mas tinha pouca idade, era muito tímido e meu pai não deixaria.

Aqueles momentos inesquecíveis foram determinantes para que eu começasse a me profissionalizar na Música. Uma vez Phil Collins disse que os Beatles abriram o playground e mostraram que qualquer um poderia ir brincar ali, quer dizer, ter o sonho de tocar um instrumento e fazer sucesso. Foi assim que começou a banda Gênesis. O João Ribeiro e o Conjunto Big Brasa despertaram este sentimento em mim e para mim é uma honra me sentir perto deles agora! Valeu, Beiró!

- Rejane Limaverde

Excelente resgate da história musical dos festivais nordestinos nesse trecho do seu livro, João Ribeiro.

- Luisinho Magalhães

Compartilhei esta preciosidade que você postou, lembrando dos que partiram, mas deixaram um grande legado e lembranças, valeu Beiró!

- Agostinho f. Elias

A gente aprendia as musicas ouvindo nos rádios, decorando de ouvido... Tirando nos mesmos as posições os acordes... Às vezes nem sabia o nome... Não havia cifras, partituras como é hoje. Então era comum citar-se um refrão para uma musica ou um tom que se tocava diferente do original.

- Pedro Ribeiro Neto Ribeiro

Eu sempre curtia e estava lá nesta época quando eu podia. Sempre estava junto com eles no Clube de Regatas Barra do Ceará, Clube dos Diários e Comercial Clube, dentre outros!

- Edson Girão

Saudosas imagens dos que não estão mais aqui, neste nosso plano: Mairton, Carló e Seu Alberto, o segundo pai para todos nós.

- Raimundo Floriano

Excelente! Dez minutos e meio de momentos inesquecíveis, som caprichado, o primo Alberto em plena forma e o Carló com seu inseparável copinho de garapa. Obrigado!

- Liduína Barroso

Eita, só saudade... João Ribeiro, Edson Girão... Vamos unir todos para fazer um grande show! Como dancei ao som dessas bandas!

- Rosângela Almeida

Melhor tempo da nossa juventude!

- Urilene Gomes

O que falar da música dessa época! Simplesmente maravilhosa. Letra, música e melodia. E como nós dançávamos!

- Nelson Augusto

Valeu João Ribeiro. Viva a arte dos anos 60. Saudações beatlemaníacas!

- Severino Tavares

Minha empolgação era maior quando tocávamos no Balneário Clube de Messejana, local da primeira apresentação do Big Brasa!

- Ivan Gondim

Adorei. Sempre "curto" quando de tuas memórias e textos do Big Brasa. O trecho do maestro pernambucano ainda nos dias de hoje acontece, remeto aos Carnavais da Saudade no Náutico, quando interpretam uma música numa cadência fora do normal. Faz pena, se é da "saudade" façam a rigor...

- Adriana Célia Oriá

Registrado para ficar eternizado. PARABÉNS João Ribeiro.

- Regina Helena Peixoto

Mana amada! Que lindo seu depoimento! Falar do brilho do Big Brasa nos remete a um tempo dourado inesquecível! Parabéns, João Ribeiro, extensivo a todo o Conjunto Big Brasa. Guardo com muito amor as figuras do Sr. Alberto e D. Zisile, seus pais. Um abraço forte também no querido Getúlio seu mano!

- Auristela Peixoto Alencar

É verdade, minha irmã não poderia ficar sem falar dos meus sentimentos. Aliás nossos porque todas nós cinco participamos dessa época mágica de sonhos e fantasias acompanhando "O Big Brasa".

- Edir Bessa

Valeu amigo João Ribeiro. Muitas e muitas passagens podemos reviver em seu livro e nestas fotos. Qualquer dia desses seria bom juntar esta turma. Abraços.

- Rômulo Costa

Grande Beiró, aquele abraço, mais do que aceitar, é sentir-se honrado em participar desse grupo, que nos envia a um passado distante, mas sempre possível de voltar, com a iniciativa da criação desse grupo. Vou procurar nos meus arquivos, registros do nosso grupo "Os Atômicos", que também fez parte desse palco maravilhoso, que foi nossa época dos 60's. Um grande abraço e agradecimentos pela consideração.

Ao final o meu agradecimento pelos gratificantes comentários, em nome de todos os componentes do Conjunto Big Brasa.

João Ribeiro da Silva Neto (Beiró)